

"A.S. King é uma das melhores escritoras
de livros para jovens da atualidade."

John Green



OS DOIS MUNDOS DE ASTRID JONES

(ASK THE PASSENGERS)

A.S. KING

Vencedor do
LOS ANGELES TIMES
BOOK PRIZE

 GUTENBERG





OS DOIS
MUNDOS
DE
ASTRID
JONES



A. S. KING

Tradução: Santiago Nazarian



GUTENBERG

 PRÊMIOS E INDICAÇÕES DESTE LIVRO

Vencedor do Los Angeles Times Book Prize de 2012.
Melhor livro Young Adults da *Publishers Weekly* de 2012.
Melhor livro pelo *School Library Journal* de 2012.
Melhor livro Young Adults da *Kirkus Reviews* de 2012.
Melhor livro de Literatura Young Adults para Adultos pelo *Library Journal* de 2012.
Melhor livro infantil pela *BookPage* de 2012.
Melhor livro adolescente pela Los Angeles Public Library de 2012.
Finalista do Prêmio Lambda Literary de 2012.
Melhor livro de ficção para Young Adults pela YALSA de 2013.
Um dos 10 melhores livros da Rainbow List de 2013.
Listado na Capitol Choices Noteworthy Titles for Children and Teens de 2013.
Listado na Cooperative Children's Book Center Choices.
Listado na Junior Library Guild Selection de 2012.

 OUTROS PRÊMIOS E INDICAÇÕES DA AUTORA

Listada pela YALSA Best Books for Young Adults de 2010, por *The Dust of 100 Dogs*.
Indicada pela Junior Library Guild de 2010
por *Please Ignore Vera Dietz*.
Finalista do Cybils Awards de 2010,
por *The Dust of 100 Dogs*.
Indicada ao prêmio Best New American Voices de 2010, por *Monica Never Shuts Up*.
Listada pela YALSA Best Fiction for Young Adults de 2011, por *Please Ignore Vera Dietz*.
Finalista do Cybils Awards de 2011,
por *Everybody Sees the Ants*.
Listada na Junior Library Guild Selection de 2011, por *Everybody Sees the Ants*.
Michael L. Printz Award honor book de 2011,
por *Please Ignore Vera Dietz*.
Indicada ao Edgar Allan Poe Award de 2011,
por *Please Ignore Vera Dietz*.

*Para minhas irmãs,
que me salvaram
dos macacos voadores*

AGRADECIMENTOS

Obrigada à minha família e amigos. Vocês sabem quem são e vocês arrasam.

Topher, você vai ganhar uma frase exclusiva porque é o Topher. Muito amor pra você.

Obrigada à minha incrível editora Andrea Spooner e à Deirdre Jones, que levou este livro pela mão até ele encontrar seu caminho. Obrigada a toda equipe da Little, Brown por me fazer sentir tão bem-vinda e por tudo o que fazem.

Obrigada ao meu agente Michael Bourret, que conhece meus segredos vulcanos.

Um enorme obrigada à Rosemary Hauseman e a Bob Fleck, meus professores de Filosofia do colégio. Naquelas aulas foi quando eu (involuntariamente) escrevi meu primeiro trecho de ficção e quando conheci Sócrates, que viajou comigo por toda a vida. Obrigada também a um colega sem nome dessas aulas, que me lembrou que grande refúgio elas eram.

Obrigada à detetive Courtney Garipoli, uma antiga amiga e fonte inestimável de todas as coisas relacionadas à polícia.

E um obrigada incrível a cada fã que já escreveu para mim ou veio me ver nos eventos, e a cada bibliotecário, professor, vendedor e blogueiro que apoiou meu trabalho. O apoio de vocês tem um enorme significado para mim, e por isso serei eternamente grata.

Questione tudo.
Eurípides

A única sabedoria verdadeira é saber que nada se sabe.
Sócrates

Conheça-te a ti mesmo.
Antigo aforismo grego

ASTRID JONES MANDA SEU AMOR

Para todo avião, não importa quão longe esteja voando lá em cima, eu mando meu amor. Visualizo as pessoas em seus assentos com seus copos plásticos de refrigerante, suco de laranja, uísque, e eu as amo. Realmente amo. Envio um fluxo constante, visível, disso – amor – de mim para elas. Do meu peito para o peito delas. Do meu cérebro para o cérebro delas. É um jogo que eu faço.

É um bom jogo, porque não tem como perder.

Faço em todo lugar agora. Quando compro remédio na farmácia, amo a senhora que cuida do lugar. Amo o velhinho que repõe o estoque das prateleiras, amo até o homem do caixa, que tem as mãos insanamente grandes e que me trata mal dia sim, dia não.

E eu não me importo se essas pessoas não me amam de volta. Isso não é para ser recíproco.

É uma entrega.

Porque se eu entregar tudo, então ninguém vai poder me controlar.

Porque se eu entregar tudo, estarei livre.

VOCÊ ODIARIA ESTE LUGAR

O movimento é impossível. Foi o que Zenão de Eleia disse. E, apesar de eu ter discordado da ideia durante todos os dias desta semana na aula de Filosofia, às vezes penso que sei o que ele queria dizer.

É quarta-feira, dia da revista literária. Justin e Kristina estão dez minutos atrasados. Eles sempre estão dez minutos atrasados. Isso não me incomoda. Já aprendi a esperar por este tipo de coisa. E se não me enviarem textos, sempre posso trabalhar no *layout* ou nos anúncios, ou apenas me sentar e ler um livro. Justin e Kristina têm várias coisas para fazer depois da aula, mas eu só tenho a revista literária.

Quando os dois finalmente chegam, passam pela porta de mãos dadas e rindo. Justin está com sua câmera digital no pescoço como sempre, e Kristina está usando uma calça de yoga e um moletom da Universidade de Yale grande demais para ela. Seu cabelo está amarrado para trás em um rabo de cavalo.

“Desculpe, estamos atrasados”, ela diz.

Justin se desculpa também.

“Tive que tirar algumas fotos espontâneas dos alvos costumeiros: treino de futebol, líderes de torcida, time de hóquei fazendo suas corridas... Para a porcaria do anuário.”

“Fui com ele para ajudar”, Kristina diz. “A Aimee Hall poderia ser mais óbvia?”

Justin ri.

“Na verdade, ela posou para mim abraçando a raquete de tênis.”

“Foi tosco”, Kristina diz, ajustando seu rabo de cavalo enquanto agarrava os cabelos dos dois lados e puxava-os para centralizá-los perfeitamente em sua cabeça.

Quando o pessoal da cidade fala sobre ela, dizem: *Sabe que é a cor natural dela?*

Dizem: *Aposto que ela e aquele Justin Lampley vão ter uns filhos bonitos pra caramba.*

Dizem: *Não entendo por que ela anda com aquela esquisitona da vizinhança.*

Aquela esquisitona sou eu...



“Vamos para o Sparky’s antes que eles fechem para a temporada? Topa?” Kristina sabe a resposta, mas pergunta mesmo assim. E ela também sabe que eu mataria por um milk shake do Sparky’s.

“Não posso. Noite de escola. Você sabe como são as regras de cidade do interior da família Jones: nada de sair em dias de semana, a não ser para clubes, esportes ou outras atividades relacionadas à escola.”

“Quem sabe na sexta, então? É a última noite deles. Vai estar lotado, mas vale a pena”, ela diz.

“Hum, Kris, temos um encontro duplo na noite de sexta”, Justin fala.

“Ai, merda! Foi mal. Não posso sexta. Encontro duplo.”

É tão fofo, não é? Tão anos 1950. Quando eu os escuto falando assim, fecho meus olhos e visualizo Kristina em um vestido azul de chiffon, que termina em um godê bem abaixo dos joelhos, com pérolas e sapatos de salto alto de cetim. Visualizo Justin em uma calça de pregas de alfaiataria. Eles são *uma brasa, mora, sacudindo o esqueleto*.

As pessoas dizem: *Você sabe que aqueles dois saem em encontros de dois casais toda noite de sexta? Não é assim que deve ser?*

Justin olha para seu relógio.

“Já deu seu horário?”

Eu mostro a caixa vazia de textos enviados, e ele tira o telefone e começa a caminhar em direção à porta.

“Precisa de carona pra casa?”, pergunto à Kristina. Ela olha para Justin, que já está mandando uma mensagem para Chad. Sabemos que é para Chad porque Justin fica com uma expressão diferente quando manda mensagens para ele.

“Claro”, ela diz.

Justin está rindo de alguma mensagem de texto que acabou de receber e nem nos escuta. No momento em que apago as luzes da sala da senhora Steck, conseguimos empurrá-lo para o corredor e trancar a porta. Quando nos despedimos, ele grunhe, digitando furiosamente no tecladinho do iPhone. Kristina diz que precisa pegar alguma coisa no armário dela antes de irmos e que vai nos encontrar na entrada da frente. Então, paro no banheiro e no meu armário. Na hora em que chego lá fora, vejo Justin e Kristina ao lado do carro dele no estacionamento, conversando com um grupo de seus amigos atletas e populares. Todo mundo é legal com o Justin porque, se ele for com a sua cara, haverá mais chances de você entrar no anuário. E se ele não gostar? Vamos dizer que Justin pode fazer você ficar muito bem ou muito mal em uma foto.

Justin e Kristina têm essa coisa de namoro desde o meio do segundo ano, então isso de as pessoas serem superlegais com o Justin se estende a ela. Às vezes, até se estende a mim, se eu apareço nessas horas, quando eles estão reunidos no estacionamento, mas hoje não estou com vontade. Eles provavelmente estão dizendo: “Espero que vocês ganhem como rei e rainha do baile! Têm meu voto!” e coisas assim. Eu decido entrar no carro e esperar os ônibus partirem. Procuro no porta-luvas uma embalagem de antiácidos e tiro três para mastigar.

Dizemos adeus para Justin quando os ônibus se vão, e dirigimos pela rua principal da cidade histórica de Kristina. Não chamo de *minha* cidade porque não penso nela assim. Eu ainda me lembro de Nova York. Adoro o cheiro do vapor suado vindo dos subterrâneos pelos bueiros e dos carrinhos de rua cheios de cachorros-quentes fervendo. Essa é minha cidade, e não Unity Valley.

Unity Valley é a cidade da Kristina. E agora é a cidade da minha irmã Ellis, mesmo que ela já tivesse 9 anos quando nos mudamos e se lembrasse muito bem da vida em Nova York.

Minha mãe diz: *Vocês duas têm uma chance de pertencer realmente a este lugar. Seu pai e eu vamos sempre ficar de fora, porque – bem, vocês sabem – por causa da nossa educação e do nosso modo de pensar. Mas vocês duas podem realmente ser meninas de uma cidade pequena.*

Ellis comprou essa ideia. Está vivendo assim. Até onde posso ver, está funcionando para ela.

Mamãe diz: *Temos muito mais espaço aqui! O supermercado é tão grande! As ruas são seguras! O ar é limpo! As escolas são melhores! Sem crimes! E as pessoas aqui param e dizem olá!*

Claro, mãe. Elas param e dizem olá e, quando você passa, elas falam pelas suas costas, como

se você fosse um nada. Elas avaliam sua roupa, seu cabelo, e deturpam o que você diz para que fique feio. Se não as escuto falando, escuto outras pessoas.

Sobre os moleques negros: *Ouvi que aquele menino dos Kyle arrumou uma bolsa de estudos. Tem de ser negro para conseguir. Não vejo porque isso é justo.* Jimmy Kyle conseguiu uma bolsa na Villanova porque só tira nota A e quer estudar Direito.

Sobre as duas calouras latinas: *Os pais nem falam inglês. Aqui é a América, não é?* Franny Lopez é americana de terceira geração, e seus pais nem falam espanhol. A mãe de Michelle Marquez já tem problemas suficientes sem ter de aprender uma segunda língua. Cuide da sua vida.

Sobre minha família: *Viu que eles têm casas de passarinhos no quintal? Não sei quanto a vocês, mas isso é um convite para encher a rua de titica de pássaro. E quem quer titica de pássaro?*

Eles dizem: *Não é natural que ele faça sua filha usar um martelo.*

Talvez esse tipo de coisa aconteça na sua cidade também.



“Queria que você pudesse vir com a gente ao Sparky’s esta noite”, Kristina diz.

“Consigo viver sem milk shake até o próximo verão”, eu digo.

Estamos a um quarteirão das nossas casas, na parte mais bonita da cidade. Eu pensava que os prédios de tijolinhos vermelhos de duzentos anos eram muito bonitinhos, sabe? Pensava que o centro da cidade, com seus paralelepípedos, era pitoresco. Era diferente e novo. Aquilo foi meio forçado para mim no começo, mas acabou ficando tranquilo, depois de eu passar pelo choque inicial.

“Posso mesmo trazer pra você um milk shake, sabe? Não sei por que isso só está me ocorrendo agora”, ela diz. “O que é melhor que o Sparky’s além do serviço de entrega do Sparky’s?”

“Isso seria muito foda! Eu ia ficar te devendo muito. Talvez até uma orelha ou um dedo do pé, ou sei lá...”, eu digo.

Ela ri. “Não precisa me dar um dedo do pé, cara.”

“Ai, que bom!”, eu digo, fingindo estar aliviada. “Eu planejava usar o meu para outras coisas depois, tipo andar e ficar em pé.”

Kristina ri novamente e até faz um barulho engraçado. Mas então vai ficando com uma expressão preocupada no rosto conforme nos aproximamos de sua casa. “Acha que as pessoas sabem?”, ela pergunta. Ela é tão casual. “Não.”

“Tem certeza?”

“Tenho certeza.”

“Eu queria ter certeza assim.”

“Não se preocupe, ninguém sabe.”

“Não está falando da boca pra fora?”, ela pergunta.

“Nada da boca pra fora. Prometo. Sou os ouvidos desta cidade. Ninguém sabe.”

BERINJELAS, SALA SILENCIOSA E O CAVALO QUE MORA NO SEGUNDO ANDAR

Quando chego em casa e coloco minha mochila na mesa da sala silenciosa, escuto a cadeira de rodinhas do escritório da minha mãe marcando rastros no chão de madeira do segundo andar. Ela rola para o lado leste do escritório, e depois rola de volta para o outro lado. Cada empurrão faz uma série de sons altos, como se fossem cascos, como se houvesse um cavalo dançando no segundo andar.

Minha mãe usa sapatos caros de salto alto o dia todo enquanto trabalha, mesmo em casa. Ela também faz uma produção completa de executiva: maquiagem, brincos, cabelo perfeitamente arrumado, mesmo que ninguém nunca a veja. Quando faz uma pausa para o almoço, ela vem *toc-toc-toc* escada abaixo até a cozinha, depois *toc-toc-toc* de volta para cima, com as costas retas, olhos focados um pouco acima do horizonte, como se ela ainda estivesse em Nova York, caminhando pela Park Avenue, como uma importante diretora de arte. Quando escuto seus *toc-tocs*, fico imediatamente irritada... com tudo! Com Unity Valley, com ela, com esta casa, e consigo ouvi-la *muito* lá em cima, porque a casa tem um milhão de anos e não há isolamento entre o teto e o piso, a não ser que você considere que ninhos de ratos de centenas de anos sirvam como isolamento.

Não estaríamos aqui se não fosse pela morte da minha avó, mãe da minha mãe. Ela costumava contar a Ellis e a mim histórias sobre crescer onde há campos de milho e sobre morros para se rolar abaixo. Na nossa última visita ao apartamento dela no Upper West Side, vovó mencionou para minha mãe e para meu pai que a casa onde ela cresceu – na parte mais antiga da rua principal em Unity Valley – estava à venda. Mesmo que vovó tenha vivido toda sua fase adulta na cidade de Nova York, ela foi enterrada em Unity Valley, ao lado de sua mãe, minha bisavó. Na semana do funeral dela, passamos pela casa umas cinquenta vezes. Em uma das vezes, paramos o carro, minha mãe saiu e falou com uma pessoa que estava caminhando na calçada. A senhora disse: “Nunca vão conseguir o que estão pedindo. O lugar é muito pequeno e o mercado anda muito fraco”.

Foi o suficiente para minha mãe ligar para a corretora.

“Por direito é minha”, ela dizia. “Eu me lembro de visitar minha avó quando era pequena, e sempre desejava morar lá. Não vamos nos mudar permanentemente, mas deveríamos comprar. É como uma herança. Eu finalmente tenho a chance de comprar a casa de volta para nossa família.”

E foi o que ela fez. Um ano depois, quando eu tinha 10 anos e Ellis tinha 9, nós nos mudamos. Agora somos garotas do interior. Só que não... E minha mãe é uma garota local. Só que não...

Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Ela desce os degraus e eu tiro meus livros da mochila e coloco na mesa da sala silenciosa, me preparando para fazer o dever de casa de Trigonometria que tenho adiado o dia todo.

“Como foi seu dia?”, ela pergunta a Ellis, que estava sentada na cozinha todo esse tempo, mas nem disse oi.

“Vou dar o *start* contra o time de Wilson amanhã”, ela diz.

“Estou supondo que isso seja bom, certo?”. Mamãe nunca fez esportes, então o hóquei de campo que Ellis praticava era sua apresentação a palavras como *starting*, *várzea* e *canelites*.

“É ótimo!”, Ellis responde.

“Ótimo como? Vamos ver você na página principal da seção de esportes em breve?”

Ellis revira os olhos.

“É ótimo para mim e para o time. E talvez signifique que a treinadora Jane vá me colocar no *start* com mais frequência.”

“Não entendo por que ela não te faz a estrela do time. Toda essa ideia de ser justa com os alunos do último ano é tolice. Se eles apoiassem os talentos não importando de qual idade, iriam muito mais longe.”

Ainda estou na sala silenciosa bancando a invisível, mas quero explicar à minha mãe que não é possível criar uma *estrela do time* fazendo melhor propaganda ou com um melhor posicionamento na prateleira, da forma como ela faz com os produtos de seus clientes.

“Acho que é justo deixar os veteranos darem o *start*”, Ellis diz.

“Bem, isso não vai te ajudar a ter seu nome no jornal, então vai ter de me perdoar se eu discordar”, mamãe diz. “Me ajuda a fazer o jantar?”

Ellis bufa e avisa que precisa fazer o dever de casa em seu quarto. Mamãe vai para a cozinha fazer o jantar sem me perguntar como foi meu dia, mesmo sabendo que estou aqui.



A sala silenciosa é tecnicamente a saleta. Na nossa casa, minha mãe chama de *foyer*. Chamamos de sala silenciosa porque desde que o *cavalo* não esteja dançando no segundo andar e a porta esteja fechada, é o lugar mais silencioso da casa. É onde minha mãe espera ler romances clássicos novamente quando não estiver trabalhando nove dias por semana, e onde faço o dever de casa, porque Ellis toca música alta enquanto estuda em seu quarto, e aí eu não consigo me concentrar. E preciso me concentrar porque Trigonometria é de matar!

Quando me inscrevi na matéria optativa de Trigonometria, certamente achei que seria mais empolgante do que o estudo profundo de triângulos. Sério... triângulos... É só isso! Quando percebi, ao ler a definição básica na frente do livro didático, no primeiro dia de aula, cada célula do meu corpo me dizia para ir à coordenação e mudar a matéria. Não preciso de Trigonometria para me formar. Já tenho muita matemática e tenho boas notas. Até acrescentei Filosofia, a única aula no Colégio Unity Valley que precisa da indicação de professores.

Não tenho certeza se aprender sobre Grécia antiga e Filosofia clássica vai me levar a algum lugar. Não que Trigonometria vá me levar também. Pelo menos Filosofia não está me fazendo querer saltar da ponte mais próxima. Tudo bem, neste exato momento meio que está, mas é culpa de Zenão de Eleia. E, de qualquer maneira, se o que ele disse é verdade, que o *movimento é impossível*, então eu não seria *realmente* capaz de saltar de uma ponte. Seria?



Às 5h30, meu pai faz a baliza para estacionar na frente de nossa casa e se vira para o banco de trás para pegar sua pasta. Quando chega à entrada da casa, aperta o botão de trancar o carro e uma pequena buzina soa. Ele para e se certifica de que os dois potinhos de comida de passarinho da frente estão cheios, verifica o nível de água da fonte para pássaros e, então, caminha para a porta e me encontra fingindo furar meus olhos com um transferidor.

“Trigonometria?”, ele pergunta.

Abaixo a cabeça em resposta. Mostro a língua e reviro os olhos como se estivesse morrendo.

“Boa sorte com isso”, ele diz, seguindo para o segundo andar. Posso sentir a maconha em seu hálito.



Mamãe traz o prato fumegante da caçarola para a mesa e coloca sobre um descanso.

“Caçarola de *aubergine*!”, ela anuncia. Sim, *aubergine*. Para nós, gente não especial, inculta, de cidade do interior, é berinjela. Ela serve com uma salada fria e salpica nozes em cima de tudo.

No meio do jantar, Ellis conta ao nosso pai sobre o time de Wilson amanhã. Enquanto conta os detalhes, ele assente e mastiga. Quando finalmente engole, diz:

“A que horas começa?”

“Quatro.”

“Acho que consigo chegar a tempo”, ele diz. “Mesmo que me atrase um pouco.”

“Seria incrível!”, ela diz.

Minha mãe anuncia:

“Não vou conseguir.” Mesmo trabalhando no segundo andar, e podendo. E ela pode... Totalmente. “Mas se quiser, podemos fazer compras neste final de semana.”

Voltamos todos à caçarola de *aubergine*. Para deixar registrado: a última vez em que a mamãe me levou para fazer compras por capricho foi... nunca. E não é que Ellis tenha crescido demais para caber nas roupas. A parte mais triste é que Ellis ainda finge que elas têm o relacionamento perfeito que a mamãe quer que elas tenham. Porque Ellis é a última chance dela, e as duas sabem disso.

“Seria bacana vê-la no jornal”, ela diz. “Estão sempre concentrados nos esportes dos meninos ou nos alunos que ganham bolsas.”

“Sou meio-campo”, Ellis diz, o que ela sabe que nossa mãe não vai entender, então não sei por que diz.

“Mas você é talentosa”, ela comenta. “Vou entrar em contato com o Mike no jornal e ver o que ele pode fazer. Fazemos favores um ao outro. Ele pode te colocar lá”, ela completa apontando com seu garfo.

“Na verdade, não quero aparecer no jornal”, Ellis diz.

“Todo mundo quer aparecer no jornal!”, mamãe exclama. “E não é como se fosse o *Times*. Não precisa ser modesta.”

Não consigo decidir se isso é um insulto ou um elogio. Quando é minha hora de falar sobre o dia, dou as notícias sobre a revista literária.

“Tivemos alguns poemas hoje que são quase decentes”, eu digo. “E tem um garoto do primeiro ano, da aula de Inglês, que escreve esses grandes contos de fantasia e ele enviou alguns.

Peguei um desses também.”

“Fantasia?”, mamãe diz. “Sério, Astrid? Você é editora. Devia estabelecer um nível.”

Em vez de responder com meu costumeiro discurso de “abra sua mente”, eu mando amor à minha mãe. *Mãe, eu te amo mesmo que você seja um show de horrores crítico e imperdoável. Essa caçarola está uma droga, mas gostei de como você assou as nozes.*

“Vamos começar a primeira unidade do Projeto Sócrates na aula de Filosofia na próxima semana, e estou meio que empolgada”, eu conto. Minha mãe concorda, mesmo que não tenha ideia do que é o Projeto Sócrates... porque não contei a ela. “Acho que vou ficar feliz de parar de falar sobre Zenão e suas teorias bobas sobre movimento.” Também não contei a ela sobre Zenão.

“E como está a Kristina?”, ela pergunta. Está usando o tom de Kristina, uma estranha mistura de inveja e de “eu sei algo que você não sabe”, porque ela e Kristina trocam muitas mensagens de texto e mamãe acha que eu não sei.

“Bem.”

“Alguma notícia sobre a Festa de Boas-Vindas?”

“Votamos sexta.”

“Sei que Kristina está bem entusiasmada com isso.”

“É.”

“Acho que ela tem reais chances de vencer. Tem todas as qualidades certas.”

Estou irritada por ela pensar que sabe mais que eu sobre Kristina. Acredite, se ela soubesse metade do que eu sei, provavelmente engasgaria com essa caçarola terrível de berinjela e morreria aí mesmo em seus sapatos de 400 dólares.

“Que qualidades são essas?”, eu pergunto.

Ela dá golinhos no seu vinho.

“Você sabe. Ela é uma representação muito boa do que é esta cidade.”

“Verdade”, eu digo. Porque é verdade. Kristina é exatamente o oposto do que parece, e isso é uma representação perfeita de Unity Valley.

Então papai nos conta sobre o quanto é entediante trabalhar em seu novo cubículo no escritório, tendo de ficar o dia todo conversando com gente ao telefone sobre microprocessadores e sistemas analíticos enquanto olha sobre o ombro para o memorando terceirizado. (Seu último emprego durou oito meses, até a empresa se mudar para a Ásia. O anterior a esse durou onze.)

“Para piorar mais as coisas, enquanto eu almoçava, alguém pegou meu grampeador emprestado e o quebrou.”

“Ah, coitado do Gerry”, minha mãe diz.

“Ei, era meu grampeador favorito. Era ergonômico.”

Sem um momento de solidariedade, mamãe despeja seu dia (clientes infernais, fotógrafos idiotas, editores de revista filhos da puta) entre goles de vinho e garfadas de berinjela. Ela conseguiria falar por uma hora, pode apostar.

Nós todos comemos o mais rápido que conseguimos para poder sair dali.

Então, depois de lavar os pratos e tirar a mesa, Ellis vai para sua corridinha noturna na rua principal, com duas de suas colegas de time da cidadezinha. Meu pai se senta na sala silenciosa para ler um livro, mamãe volta para o escritório e eu saio para o quintal dos fundos para conversar com os passageiros.

ASTRID JONES MANDA AMOR DE UMA MESA DE PIQUENIQUE

Fiz essa mesa de piquenique com meu pai, no verão, antes do primeiro ano do Ensino Médio. Estava cansada de fazer casas de passarinho. Sério. Quantas casas de passarinho duas pessoas conseguem fazer até ficarem sem ter o que dizer? Até ficarem sem espaço para colocá-las? Nosso quintal era uma ode a ninhos e voos, parte zoológico de aves e parte exposição de arte.

Eles diriam: *É bem especial.*

Papai teve o verão todo de folga por causa de seu desemprego temporário. E minha mãe estava com amigos em Nova York para fazer uma consultoria bem paga por um mês. Ellis foi para o acampamento de esportes de verão por uma semana, então éramos apenas meu pai e eu. Ele não havia descoberto a maconha ainda. Chegou tarde, creio eu.

Então construímos a mesa e a movemos para o pátio dos fundos. Mesmo que minha mãe deteste comer ao ar livre, ela nos deixa fazer isso duas vezes por verão só para sermos pessoas normais de cidade pequena, da forma como ela quer que sejamos.

No resto do tempo, a mesa apenas fica lá, sem muita utilidade. Então eu me deito nela e olho para o céu. Vejo formas de nuvens de dia e estrelas cadentes à noite. E eu mando meu amor aos passageiros que estão dentro dos aviões. Isso me deixa feliz. Qualquer um que estivesse olhando poderia pensar que eu estava fumando a maconha do papai, apostou, deitada ali, sorrindo.

Mas é bom amar uma coisa e não esperar nada em troca. É bom não haver discussão nem pressão alguma, ou qualquer boato de qualquer baboseira. É amor sem amarras. É o ideal.

Nesta noite avisto um pequeno jato, me concentro nele, olho em sua direção e sorrio. Sua própria existência prova que Zenão de Eleia está errado. Se o movimento fosse impossível, não haveria coisas como aviões. Ou horas de partida. Ou de chegada. Envio meu amor em um fluxo de luz constante e penso comigo mesma: *Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.*



PASSAGEIRO #4657
HEIDI KLEIN, ASSENTO 17A
VOO #879
DE NASHVILLE PARA FILADÉLFIA

Eu o encaro porque não posso acreditar que ele acaba de dizer isso.
“Que foi?”, ele pergunta.

“Você falou isso mesmo?”, é uma pergunta retórica. Sei o que ele disse.

“Que foi?”, diz novamente, desta vez sorrindo daquele jeito que ele sabe que não consigo resistir. Foi assim que ele me convenceu a deixá-lo se mudar para o nosso apartamento. Ele disse que preferia dormir no sofá e contribuir com o aluguel do que ficar naquela merda de alojamento com seu colega de quarto imbecil. Então, ele sorriu assim.

“Estou brigando com você por você não conseguir cozinhar nada e por eu ter de vir do laboratório de química para um apartamento fedido sem jantar, e você me diz isso agora?”

“É.”

“Você me ama?”

“Ã-hã.”

Não consigo evitar sorrir de volta para ele.

“Mas só nos conhecemos há dois meses.”

“E?”

“Então você não pode me amar”, eu digo.

“Por que não?”

“Por que você não conhece a verdadeira eu, certo?”

“Vivemos juntos por dois meses, Heidi. Você faz um ótimo café. Está sempre atrasada para o trabalho. Usa hidratante no cabelo como mousse. Já lavei suas calcinhas.”

“Ainda assim isso não te dispensa de fazer o jantar de vez em quando.”

“Mas eu ainda te amo.”

Não acredito que ele está me dizendo isso.

“Por que escolheu me dizer isso agora?”

“Sei lá. Acho que apenas saiu.”

“Depois de dois meses”, eu digo.

“Depois de dois meses.”

Quero dizer tantas coisas. Posso até querer dizer... aquilo. Mas, em vez disso, minha cabeça se enche com a combinação marca registrada de sarcasmo e lógica da Heidi Klein. *Você não pode me amar. Eu não tenho alma, então não acredito em almas gêmeas. Temos 19 anos. Em seguida, você vai me pedir em casamento. Sério, esqueceu de tomar seus remédios esta manhã?*

Ele está sentimental. Da forma como minha mãe estava quando eu parti para a faculdade em setembro. Odiei toda aquela droga sentimental. Talvez eu seja muito dependente e tenha substituído minha mãe pelo Ron.

Ai, Deus. Talvez eu precise de toda essa merda sentimental. Droga!

“Podemos deixar isso para depois?”

Ele sorri novamente. Suas covinhas aparecem.

“Me deixe sair”, ele diz. “Preciso ir ao banheiro.”

Eu me levanto e deixo ele sair e me jogo no banco da janela por um tempo. Céu claro – posso quase visualizar a paisagem abaixo, mas ainda está borrado. Então, algo louco me ocorre e eu digo: “Eu também te amo”, sem nenhum motivo.

É como se eu não estivesse controlando minha boca ou sei lá.
Por um lado, estou feliz que Ron não esteja aqui para ouvir. Mas, por outro, espero que ele volte logo. Já estou com saudades.

CLAIRE NUNCA DESISTE

A aula de Filosofia é como um escudo que posso colocar todas as manhãs e que irá me proteger de gente como Aimee Hall e seu bando de fofoqueiras alisadoras de cabelo compulsivas que abraçam raquetes de tênis.

A sala está cheia de caras que ou usam camisetas de Albert Camus ou leem Kafka por diversão nos finais de semana. Tá, há algumas pessoas aqui que só fazem isso porque fica bonito mencionar isso em suas inscrições na faculdade, mas, não importa em que grupo você se encaixe, na aula de Filosofia você pode falar o que pensa que a professora Steck vai escutar. No momento, estamos debatendo, como não posso aceitar, que Zenão tenha se safado em questionar o movimento.

Toda vez que falamos sobre sua teoria de que “o movimento é impossível”, faço a mesma coisa. Fico em pé, giro os braços e digo: “O movimento é possível. Vejam só!”. Hoje não é diferente.

“Sustente isso com um argumento”, a professora Steck diz.

Giro meus braços ainda mais loucamente e finjo sapatear no lugar.

“O movimento é totalmente possível! *Hello!*”

“Isso não é um argumento”, ela diz.

“Eu acho que é. Imagine que o argumento fosse *Astrid tem dois braços*, mas eu só tivesse um, e meu braço direito fosse um toco e eu pudesse mostrar a você bem na sua cara. Isso não seria prova o suficiente para seguir ao próximo argumento? O toco não seria argumento suficiente para provar que Astrid tem apenas um braço?”, eu pergunto. “Então, eu estar em pé aqui me movendo é prova suficiente de que Zenão estava errado, era tolo e apenas desperdiçava nosso tempo. O movimento é possível, e todo mundo nesta sala sabe disso.”

A professora Steck apenas olha para mim. Eu acrescento:

“Talvez dizer que *o movimento é impossível* fosse sua forma de se livrar dos seus afazeres. Talvez ele tenha pego alguém ou sei lá. Mas isso é totalmente ridículo. Olhe!” Eu balanço os braços ainda mais loucamente.

Dois moleques do fundão – fãs de Zenão – ficam tentando me explicar.

“Essa é a questão!”, um diz.

O outro concorda.

“Discutir as coisas, até o mais absurdo!”

A professora Steck me lembra da flecha, um dos argumentos de Zenão. A ideia de que uma flecha atirada para um alvo tem de se mover pelo tempo, mas como o tempo é feito de minúsculos momentos, a flecha, em cada minúsculo momento, está descansando e não em movimento.

“É como se eu dissesse que se eu tirar uma foto do Clay enquanto ele está correndo por obstáculos e eu congelar aquele momento no tempo... tipo, ele nunca terá se movido durante a corrida”, eu aponto para o Clay que está usando sua camiseta de asterisco do Kurt Vonnegut hoje.

A professora Steck diz: “Sim. É um pouco o que Zenão tentava dizer.”

“O que me traz de volta a: que desperdício de tempo! Todos nós sabemos que Clay corre por obstáculos e ganha medalhas. E ele deve ter se movido para chegar aqui hoje, certo? Entretanto, se eu puder usar essa desculpa para deixar de ir pra aula de Trigonometria em seguida, então posso apenas ficar quieta.”

A classe ri, e eu digo à professora Steck que ficarei feliz em seguir Zenão e sua teoria idiota.

“Entendo o que ele estava fazendo, mas ainda acho que é idiota”, digo.

Durante o tempo livre no final da aula, enquanto a maioria das pessoas está escrevendo seu texto curto sobre Zenão ou terminando os deveres para outras aulas, eu entro na internet e encontro alguém que tem algo mais importante para me oferecer do que “o movimento é impossível”, por volta do século V a.C.

Hipócrates, pai da medicina ocidental, disse o seguinte: “Há de fato duas coisas, ciência e opinião. A primeira gera conhecimento e a segunda, ignorância”. Agora me diga se *o movimento é impossível* parece remotamente importante perto desse negócio.



Depois de ir para a Trigonometria do quarto período (porque movi minhas pernas para caminhar até lá, pois o movimento é totalmente possível), eu percebo que é isso o que Trigonometria parece ser para mim: Hgdj gehuoidah zdkgj szhd. Gouij fhfhf ldldfuhd. Ujfrekuhjd fhdy. Ksdihfh. 54 46 34 23. Iuhfg.

Percebo que só escolhi Trigonometria porque todo mundo escolhe Trigonometria. Percebo que escolhi Trigonometria porque minha mãe disse: “Bem, claro que você vai fazer Trigonometria. Vai para a faculdade, não vai?”.

Desligo de tudo o que o professor de Trigonometria está me explicando, e passo por minhas opções. Posso mudar isso. Tenho escolha. Decido ir conversar com a coordenadora depois do almoço para me libertar. Decido trocar por algo mais bacana para o quarto período. Talvez eu ainda possa entrar em uma aula de yoga, ou talvez haja um lugar em cerâmica. Na pior das hipóteses, posso sempre pegar a sala de estudos.

O sinal toca. Não copio a leitura da noite ou o dever de casa da lousa. Deixo meu livro didático e o papel quadriculado na mesa do professor de Trigonometria. Acabei de largar mentalmente a Trigonometria. Isso me deixa muito feliz, e eu sorrio pelo resto do dia.

História da Europa do oitavo período. Ainda estou tão feliz por ter acabado de largar Trigonometria que é impossível deixar de sorrir. Mas estamos vendo um documentário sobre o Holocausto. Há corpos empilhados por todo lado. Gente morrendo de fome em campos de concentração. Câmaras de gás. Não está certo eu continuar sorrindo assim.

Eles dizem: *Você viu Astrid Jones na aula de História da Europa hoje sorrindo com aqueles filmes do Holocausto?*

As imagens do filme param e um cara jovem com sotaque inglês aparece na tela. Parece estar sentado em uma sala de artefatos do Holocausto: crânios, cabelo, dentes... Está nos contando como os nazistas acabaram matando mais do que apenas judeus. Sim, seis milhões de judeus foram exterminados, mas cinco milhões de outros civis também foram. Ele diz que frequentemente desprezamos esses cinco milhões. Acho que ele está certo. Nunca ouvi nada

sobre isso antes. Ele os enumera: poloneses, ucranianos, iugoslavos e russos... Os negros, ciganos, qualquer um de raça misturada, os mental ou fisicamente incapazes, e os homossexuais.

“Pelo menos, nisso os nazistas acertaram”, diz Kevin Herman, da fileira de trás. O resto do fundão ri. O filme continua. O professor Williams ou não ouviu Kevin ou já aprendeu a ignorá-lo.

O homem explica a prisão e morte de Testemunhas de Jeová, e como eles foram forçados a usar braçadeiras roxas. A imagem é em preto e branco, mas posso ver as braçadeiras. Imagino que são roxas. Ele explica que embora saibamos que judeus eram forçados a usar estrelas amarelas, podemos não saber que homossexuais foram forçados a usar triângulos. Triângulos cor-de-rosa.

Ocorreu a mim que apesar de eu não estar mais interessada em triângulos, estou interessada nos cor-de-rosa. Só não estou certa do quanto eu estou interessada.

“A câmara de gás era boa demais para eles”, Kevin diz. O fundão ri novamente.



Leio livros sobre colégios que têm clubes de aliança gay/hétero. Esses são livros fictícios. Então acredito que alianças gay/hétero também devem ser fictícias. Certamente, não as temos aqui. Existe uma placa no saguão de entrada que diz que este não é um lugar de ódio, mas ela não o torna de fato um lugar sem ódio.

Se há algo que temos são contestadores do Holocausto. Temos os neonazistas. Temos a Ku Klux Klan. Todos os anos, eles deixam convites na nossa caixa de correio com balas de menta – balas de menta com o símbolo da KKK na embalagem. Estamos em pleno século XXI e ainda temos isso!

A cidade toda está congelada no tempo, presa em um único lugar. Sem movimento. Exceto por mim, porque acabei de largar Trigonometria, o que prova que o movimento é totalmente possível, mesmo que isso signifique que agora eu tenha de ir para casa e contar aos meus pais e escutar minha mãe falar sobre como quem desiste nunca vence, e quem vence nunca desiste.



“Olhe para mim!”, ela diz. “Eu queria desistir da escola de artes no meu primeiro semestre, mas desisti? Não. Segui em frente e fui até o fim e peguei meu diploma. E esse diploma está alimentando esta família agora!”

A única coisa boa sobre essa conversa é que sexta é noite de pizza e posso comer fatias de pizza de queijo branco com brócolis e alho e beber refrigerante enquanto escuto ela falar.

“Não podia arrumar um professor particular ou algo assim? Não acho que vá ficar bem no seu histórico escolar que você tenha desistido de algo. Vai, Gerry?”

Ela se serve de outra taça de vinho tinto da garrafa ao lado. Meu pai suspira.

“Você não está indo para ciências, está, Astrid?”

“Não”, respondo. Disse a eles meu plano centenas de vezes: me mudar de volta para Nova York e ser editora.

“Isso só estava irritando você, abaixando sua média nas notas e tornando sua vida mais difícil. É seu último ano, você deveria estar se divertindo.”

“Ai, meu Deus”, minha mãe diz. “Você parece uma hippie!”

“Me passe o vinho”, papai diz. Ele raramente se junta a ela, mas é sexta e a pessoa que roubou e quebrou o grampeador não apareceu para se desculpar ainda, e isso o está enlouquecendo.

Ele se serve de outra taça e a olha bem nos seus olhos.

“Só porque você não sabe como se divertir não quer dizer que as meninas não possam”, ele diz. “Astrid sabe o que ela quer fazer. Quem liga se ela largou Trigonometria? Ela nunca vai usar!”

“É uma desistência”, ela responde. “E quem desiste nunca vence.”

“Ai, minha nossa, você parece um disco riscado, Claire. Sabe, alguns desistentes vencem *sim*. Muitos.” Ele acrescenta. “Por que você não pode ser legal com ela pra variar?”

A pergunta permanece no ar por um minuto. Ellis me lança um olhar invejoso, como se fosse minha culpa essa família toda não girar ao redor dela. Tenso.

Minha mãe olha para Ellis e para mim.

“Vão para o quarto.”

Nos sentamos lá por um segundo, porque não sabemos o que fazer. Não terminamos de comer ainda.

Ellis diz baixinho:

“Não terminamos de comer...”

“VÃO PARA O QUARTO!”, ela grita.

Nós vamos para cima, mas as paredes de 250 anos são finas e ouvimos a briga dos nossos quartos. O de sempre. Ela não pode se divertir porque Gerry é um perdedor. Gerry não entende do que ela *precisa*. Gerry não consegue nem ter um trabalho fixo. Gerry nunca *escuta*. Gerry se importa mais com *a droga do seu grampeador do que com sua esposa*. Gerry é o exemplo perfeito de que *quem desiste nunca vence* porque ele largou a faculdade de Direito.

Depois de quinze minutos disso, ouvimos a cadeira do meu pai se mexer. Ele não diz uma palavra e começo a ouvir água nos pratos enquanto ela vai em *toc-toc-toc* para seu escritório porque, você sabe, *alguém precisa trabalhar aqui*.

Não gosto de como a maconha levou meu pai pra longe de mim, mas gosto de como deu a ele coragem para me apoiar dessa forma. Envio amor do meu quarto. *Pai, eu te amo por dizer aquilo no jantar. Sei que é difícil porque mamãe cortou suas bolas e as assou numa caçarola de testículos, mas obrigada por tentar. Significa muito.*

Ellis vêm à minha porta. Às vezes, ela é como uma irmã de verdade, da forma como éramos quando ela era pequena e assistíamos ao filme *O Mágico de Oz* e ela se enrolava do meu lado quando vinham os macacos voadores. Às vezes, ela precisava de mim, eu acho. Agora isso não é muito comum.

“Estou indo dar um pulinho escondido lá embaixo. Quer que eu te traga uma pizza?”

“Não, estou bem”, eu digo, mesmo que ainda esteja meio com fome. “Valeu mesmo assim.”

EU TRABALHO NOS FINAIS DE SEMANA

Eu podia ter escolhido qualquer trabalho: as costumeiras lanchonetes de *fast-food* ou ser monitora de acampamento no verão. Eu podia ter ficado com amigas da família e estagiado em Nova York em alguma editora, como minha mãe sugeriu. Mas, em junho do meu primeiro ano do Ensino Médio, quando minha mãe me pressionou (*se você não arrumar um emprego de verão agora, eu arrumo um pra você*), escolhi o Buffet Maldonado.

Juan e Jorge (nenhum dos dois é Maldonado, para deixar claro) são bem legais. E me deram o emprego em uns doze segundos.

“Quer saber por quê?”, ele perguntou com um sotaque pesado de porto-riquenho. Eu assenti. “Porque você não veio com besteiras, me dizendo que sabe o que está fazendo. Significa que podemos ensiná-la da *noossa maneira*, cara.”

Agora é outubro, e eu sei três coisas: como limpar camarão bem rápido, como abrir mexilhões bem rápido e como fazer estoque. (Tá, sei muito mais que isso, mas existem alguns dias que sinto que eu só faço essas coisas. Especialmente a parte de limpar camarão.)



Começo meu dia às 5h35 da manhã com a lista dos trabalhos do próximo final de semana, que estão em uma folha ao lado da prancheta. O frigorífico está cheio de caixas e eu me sento lá no fundo e relaxo. Eu queria poder morar aqui. *Eu colocaria a cama aqui.* É o único lugar em que me sinto confortável atualmente. *E colocaria uma estante de livros aqui.* Não estou nervosa sobre o que minha mãe vai pensar. *Uma cômoda com algumas camisetas e jeans no canto.*

Não há nada como o som da porta de um frigorífico se abrindo. É um estalo alto da enorme maçaneta seguido pelo som de sucção do ar. É um som alto. Como algo que um equipamento de circo faria. Sons de madeira. Ou daquelas portas elétricas de ficção científica com fechamento a vácuo.

Finjo procurar uma caixa de bolinhos de ostra congelados para o caso de ser Juan, mas sinto meu estômago se revirar porque sei que não é Juan.

“Precisa de ajuda?”, Dee diz.

“Só estou verificando as datas para me certificar de pegar as certas. Droga, tem muita ostra aqui este mês”, digo, caso alguém esteja do lado de fora ouvindo. Caso alguém saiba.

Dee deixa a porta bater atrás dela e o barulho parece ainda maior do que quando se abre. O ar branco rodopia ao redor da lâmpada encarcerada do freezer e ela me empurra contra a parede manchada de aço inox e me beija entrelaçando as duas mãos no meu cabelo.

Esse não é nosso primeiro beijo.



Dee é minha verdadeira melhor amiga, acredito eu. Kristina nem sabe sobre ela, Dee não sabe a verdade sobre Kristina, e quero que fique assim.

Dee é a pessoa mais engraçada que já conheci na vida. Sua risada é larga e confiante. Ela é tranquila e não gosta de fazer fofoca. Ela também me beija. Muito... E eu a beijo também.

Antes de conhecê-la aqui no Maldonado, eu só sabia que ela era a incrível estrela do hóquei de uma escola vizinha, mencionada periodicamente nas fofocas da cidadezinha. Acho que a primeira coisa que escutei veio da Ellis. Estou bem certa de que ela usou a palavra *sapata* na descrição. Porque se você quer ser uma garota do interior em U. Valley, é isso o que você deve dizer.

A primeira vez em que vi Dee foi em um jogo de hóquei no ano passado. Ela sorriu para mim e eu nunca me esqueci. Ou, mais precisamente, eu sempre me lembrei. Eu verifiquei os horários do hóquei e fui para o jogo de despedida da escola dela também, só para ver se ela sorria para mim novamente. E ela sorriu.

E eu sorri de volta. Foi bem na época em que Tim Huber terminou comigo, então sorrir não era algo que eu fazia com frequência.

Eu não sabia que ela trabalhava no Maldonado quando fiz a entrevista de emprego. Acredite em mim, meu primeiro dia de trabalho foi uma prova de que tudo acontece por um motivo. Pensei no sorriso dela durante oito meses até aquele momento. Provavelmente todos os dias.

No meu segundo dia de trabalho, ela disse: “Alguém já te falou que você é maravilhosa?”.

Eu não respondi, mas fiz a mim mesma aquela pergunta durante um mês. Ela deve ter achado que eu estava ignorando ou pensando que ela estava brincando. Mas eu não estava. Eu estava considerando. Astrid Jones maravilhosa? Eu nunca tinha pensado realmente nisso. Tim Huber disse coisas como *fofa* e *meiga*, e uma vez falou *gostosa* – o que me desanimou completamente, porque eu sabia que ele só estava dizendo aquilo para ver até onde conseguia me fazer ir com ele.

Mas quando Dee falou que eu era gostosa, um mês depois de me perguntar se alguém já havia dito que eu era maravilhosa, ela falava sério.

“Já disse antes e vou dizer de novo: você é gostosa!”

Foi o dia do nosso primeiro beijo.

Agora ela ri enquanto me beija.

“Não vai me dizer para parar de novo, vai?”, ela pergunta.

“Humm, hmm.” Consigo dizer enquanto ela ainda está beijando meu pescoço, minha orelha. “Para”, eu digo, e mordo o lóbulo da orelha dela.

Na minha vida, até agora, Dee é a única pessoa que quer mesmo me atacar. Tenho de pará-la o tempo todo. Juro que ela faria ali mesmo, no frigorífico, se pudesse. Agora mesmo. Antes das 6 da manhã. Do lado de uma caixa de peixe congelado.

“Sonho com isso a semana toda”, ela diz.

“Eu também.”

“Precisamos encontrar mais jeitos de nos ver”, ela diz.

“Eu sei”, digo, mas o melhor que posso fazer é assistir Ellis jogar hóquei no único jogo em que a escola da Dee é o time visitante. Ou, bem, o sonho de ir para Atlantis com Kristina e Justin, mas não contei isso a ela ainda. Porque é idiota.

No momento, conversamos duas vezes por semana fora do trabalho. Entre seus compromissos de hóquei e minha paranoia, é tudo o que consigo. Além do mais, a mãe dela é meio rigorosa com os minutos ao telefone, e Dee só ganha 15 dólares por semana.

Enfim, não estarmos constantemente conectadas torna a coisa toda mais intensa. É melhor desse jeito.



Dee e eu estamos lavando frutas e vegetais.

“Já acabou com os cogumelos?”, Juan pergunta.

“Quase”, digo. Termino com eles, coloco em um pote e levo até ele. Paro por um minuto para vê-lo fatiá-los. Ele é como um bailarino com a faca. “Você nasceu pra isso, sabia?”, digo.

Ele pergunta: “Nasci? Como assim? Ninguém nasce tão bom, cara. Leva anos de prática. Agora volte ao trabalho”.

De todo jeito, é lindo de se ver, mesmo que ele seja um chato às vezes. Mando meu amor para ele. Meu cérebro diz: *Juan, você é um ser humano incrível e maravilhoso e nasceu para cortar cogumelos e eu te amo.*

Uma hora depois, Dee está lavando e preparando os morangos e as cerejas enquanto Jorge derrete chocolate amargo em banho-maria. Vou passar a próxima meia hora furando os pedaços de fruta com palitos, mergulhando-os e colocando no papel manteiga. Daí, quando a travessa estiver cheia, vou levar ao frigorífico. Me pego desejando ser um morango. Imagine isso: lavada pelas mãos suaves de Dee, afundada em chocolate e deixada no congelador, onde ninguém incomoda você durante uma hora e meia.

Se eu fosse explicar como ela me faz sentir realmente, não estou certa se conseguiria. Eu a amo? Não sei. Talvez. Eu amo beijá-la. Amo o cheiro dela, e amo sua boca. Mas Dee me mata de medo também. Porque ela *sabe*. E eu *não* sei.

Nós batemos o cartão ao meio-dia e caminhamos até o estacionamento, que agora está cheio de carros. Estava vazio às 5 horas da manhã. Queremos dar um beijo de despedida, mas em vez disso acenamos como idiotas desajeitadas, entramos em nossos carros e saímos em direções diferentes. Ela vai para o lado esquerdo. Eu vou para o lado direito.

FAÇA O QUE PARECE SER CERTO

Quanto mais me aproximo de casa, menos quero chegar. Então paro o carro na casa da Kristina. Estaciono nos fundos para que minha mãe não veja o carro.

“Ai, Deus. Você está com cheiro de peixe”, ela diz, quando chego no quarto dela. O sol está atravessando as janelas e, quando me jogo na cama dela para irritá-la, a poeira sobe e se espalha nos raios de sol.

“E isso são só minhas mãos”, eu digo.

“Ui... Não, sério! Está fedendo!”

Continuo a pular na cama e vejo a dança da poeira.

“Provavelmente são as brassicáceas.”

“Brassicáceas? Que porra é essa?” Agora ela está rabugenta. Minha chegada – e meus pulos – significam que ela não pode ficar na cama o dia todo.

“Sabe, brassicáceas? Brócolis, couve-flor... A família do repolho...”

Ela está comprimindo os olhos para mim agora.

“Vamos, levante e fale comigo. Estou entediada. Sou hiperativa. Não quero ir para casa, para Claire e para seu ânimo de sábado dos infernos.”

“Há quanto tempo está acordada?” ela pergunta.

“Desde as 4h45.”

“Ai, meu Deus.”

“Ficou fora até que horas?”

“Tipo uma hora antes de você acordar”, ela responde.

“Lindo!”

“A mãe de Justin acha que ele ficou aqui. Ele provavelmente ainda deve estar na rua, pelo menos até Chad dirigir por todo o caminho até em casa.” Chad mora a cerca de uma hora de distância. Ele e Justin se conheceram on-line em algum fórum de fotografia. Não é tão bizarro quanto parece.

“Justin disse que me ligaria quando fosse para casa, para eu ligar para a casa dele e fingir que ele deixou algo aqui.”

“E como está a Donna?”

Ela sorri.

“Ótima.” Ela se senta e suspira. “Vamos voltar para Atlantis esta noite. Você deveria vir. Pode beber. Pode dançar. Vai ser divertido.”

Dançar e beber. Duas coisas que estão bem no fim da minha lista de prioridades, junto com sexo, *kickboxing* e me tornar uma estrela dos rodeios.

“Parece divertido”, eu digo. “Mas preciso do meu sono de beleza se um dia o Príncipe Encantando galopar pela rua principal e me carregar nos braços.”

“Uau”, ela diz. “Você tem ouvido a Claire ultimamente.”

Kristina pode chamá-la de Claire, então é assim que a chamamos quando falamos sobre ela. Tenho de chamá-la de mãe quando estou na presença dela.

“Ela está tão obcecada com isso ultimamente...”

Kristina busca seu telefone e mostra uma mensagem de texto. É tão Claire. *Kristina, QDO vai encontrar 1 garoto legal como Justin p Astrid?*

“Queria que ela cuidasse da própria vida”, eu digo.

“Não é?”

“Da última vez que namorei alguém, ela ficou procurando defeitos nele, a qualquer custo.”

“É. Era o Huber, não era?”

Olho para a mensagem novamente e me pergunto quantas mães mandam mensagens de texto para as melhores amigas das filhas pelas costas, assim. Eu me pergunto por que ela escreve desse jeito. Me irrita tanto que quase quero responder. *Oi Mãe. Estah sendo enxerida mandando msg p minha miga.*

“É. Huber”, eu respondo. Não gosto de pensar no Huber.

“Ela acha que você ainda não superou perdê-lo.”

“Isso foi há um ano”, digo. Mas, às vezes, parece que foi ontem.

“É”, ela responde apenas. “Não é hilário que ela peça um cara como Justin?”

Eu deveria contar a ela sobre a Dee nesse momento, mas não posso. Mesmo que ela compreenda, ela poderia contar *só para uma pessoa*. E aí já seria *só uma pessoa a mais*.

“Merda!”, digo. “É melhor eu ir. O mundo vai explodir se eu não limpar meu quarto até as 3 horas.”

“Valeu por me acordar à toa. Fala para minha mãe trazer café quando você sair, tá?”



São 4 horas da tarde. Meu quarto está limpo e estou na minha mesa olhando para o céu. Estou pensando na Dee. Em quanto eu me sinto inadequada. Sobre como suas mãos sabem o que fazer e as minhas não. Sobre como eu sempre tenho de pará-la quando ela quer continuar.

As vozes do meu cérebro dizem: *Astrid, baby, é porque você não é gay.*

Dizem: *Você não é forte o suficiente para ser gay.*

Dizem: *Sua mãe nunca vai perdoar você se você for gay.*

Tento parar de pensar nisso, o que é mais fácil nos dias da semana, quando fico distraída por coisas da escola, como Zenão de Eleia, revista literária, e os olhares atravessados que ainda recebo dos amigos de Tim Huber. Mas agora só consigo pensar na Dee e em como tudo isso começou. Em como ela me disse que eu era maravilhosa. Em quanto eu fiquei lisonjeada. Em como foi estimulante me sentir *desejada*. É por isso a dúvida. É uma incógnita. É a pergunta que ninguém nunca quer fazer.

Estou fazendo isso por desespero? É alguma fase esquisita pela qual estou passando? E por que, se todas as respostas são *sim*, isso parece tão certo?

Há um 747 passando bem alto, que deixa uma linha branca certinha pelo céu sem nuvens de outono. Pergunto aos passageiros: *Eu sou mesmo gay?*

Mas eles não respondem. Estão lendo suas revistas de bordo e bebericando um refrigerante. Mando meu amor a eles, o máximo que consigo reunir. Pergunto a eles: *O que faço agora?*



PASSAGEIRO #54627563
ELAINE HUBBINGTON, ASSENTO 3A, PRIMEIRA CLASSE
VOO #4022
DE CLEVELAND PARA FILADÉLFIA
MEMBRO DO CLUBE DE ASAS DE ELITE #HU3456

Depois de duas horas no voo para casa, sei que tenho de deixar John. Chame isso de um momento de clareza. Chame de uma mensagem de Deus. Eu olho para o céu, pela janela, e sinto esse golpe de realidade bem no meu coração. Ele não fez nada para merecer isso. É leal e doce. Ainda me compra presentes bem pensados no meu aniversário e no aniversário de casamento. Eu apenas não o amo. Não é justo ele desperdiçar sua vida comigo, uma pessoa que nunca vai corresponder aos seus sentimentos. E é cedo... Casada há apenas cinco anos, sem filhos ainda.

Ainda...

Nossa última discussão foi bem estranha. Marquei o alarme para as 4 horas e estava vestindo as meias quando ele rolou e acariciou de leve minhas costas.

"Quando chegar em casa, vamos conversar sobre aumentar a família novamente?"

"Hmmm", eu disse.

"Temos espaço."

É esse o fator mais importante para decidir ter filhos hoje em dia? Espaço?

Seu comentário ecoou o voo todo para Chicago. *Temos espaço.*

O que eu deveria ter dito era: "Por que não saímos para comprar umas antiguidades? Isso preencheria um pouco do espaço".

O que eu deveria ter dito era: "Que tal uma academia em casa? Ou uma TV tela plana com som surround?".

Quando é que eu fui de ser humano a máquina de fazer bebês para preencher seu espaço? Era o que eu queria dizer a ele. Mas, em vez disso, apenas me segurei e esperei até o final de cada jantar. Cada coisinha melosa que ele dizia me fazia querer vomitar. *Sinto saudades, vomito. Vou manter a cama quentinha para você, engasgo. Eu te amo, suspiro.*

Queria dizer: "Acho que já te amei também, em um outro momento, mas não amo mais. Encontre outro útero para preencher seu maldito espaço".

Em vez disso eu falei: "Sinto saudades. Mantenha a cama quente. Eu também te amo".

Mentiras.

O céu azul a dez mil metros de altitude me faz perguntas desconfortáveis: *Por que você se casou com ele? Você já o amou? Você vai amá-lo?*

Me pergunta: *O que vai fazer agora?*

O céu azul a dez mil metros de altitude me dá respostas: *Você nunca amou o John. Chegou aos 30 anos e entrou em pânico. É egoísta demais para admitir que cometeu um erro.*

O céu diz: *Pare de ser tão egoísta. Todo mundo merece uma chance de amor real. Quando deixá-lo ir, você encontrará o seu. Faça o que parece ser certo.*

ASTRID PARA SEU PLANETA DE ORIGEM: POR FAVOR, ME RESGATEM

“É sábado... vamos para algum lugar chique!”, minha mãe diz, depois de saltitar escada abaixo de seu escritório às 17h10.

Meu pai, Ellis e eu estamos compenetrados. Estou lendo o comecinho de *A República*, de Platão, para a aula de Filosofia. Ellis está assistindo a um documentário sobre triátlon. Papai está com suas roupas de chapado de sábado. Tem tinta branca na sua bermuda de correr marrom escura. Sua camiseta dá a impressão de ter secado depois de estar molhada de suor. Seu cabelo está varrido pelo vento, como em Hollywood. Tem uma barbicha grisalha, e, se você olhar bem de perto, pode ver pó de Cheetos nela. A única coisa que ele fez enquanto estava “limpando o sótão da garagem” foi fumar o cachimbo que ele esconde lá e soltar o ar pelo exaustor em direção à casa do Bob. Tecnicamente, meu pai é “O Cara” do filme *O Grande Lebowski*, só que ele está totalmente no armário. (Total de pessoas da família Jones no armário: 2) Minha mãe olha para ele em busca de uma resposta.

Meu pai diz: “Nada de chique para mim. Estou acabado.”

“Está acabado por quê?”, ela pergunta. “Você nem trabalhou hoje.”

“Fim de semana de folga. As vantagens de se trabalhar para o chefe.” Papai diz.

“Desculpa”, eu digo. “Preciso ler isso e acordar cedo para trabalhar.”

Nem sei por que respondemos. Meu pai e eu sabemos que ela não estava mesmo nos chamando. Ela olha para Ellis e solta uma voz aguda irritante.

“Uma noite de mãe e filha?”

Como sempre, a simples menção dessa tradição me faz querer vomitar. Ellis morde o lábio inferior por um segundo. Acho que ela pode virar os olhos para si mesma como se soubesse o quanto isso é irritante para nós. Então, ela bate palmas e diz: “Vamos nos arrumar de verdade!”.

“Chique!”, mamãe cantarola, então as duas sobem em um acesso de prazer adolescente.



Uma hora mais tarde, elas se vão, e meu pai desaparece na garagem novamente sem qualquer motivo, o que significa que ele vai fumar um. Queria que ele não agisse assim. Ele parece um moleque, e eu preferia que ele soubesse que eu sei, e que não me importo.

Sou a única que ficaria mais ou menos tranquila com isso. Ellis provavelmente choraria e o entregaria para a polícia, e mamãe iria surtar. Ela nunca se conteve sobre o que pensa sobre chapados, hippies, desocupados, noiados...

“Todas as suas células cerebrais!”, ela diria. “Que desperdício!”

Francamente, quanto mais leio sobre filósofos da Grécia Antiga, mais penso que a vida *dela* é um desperdício. O que ela está aprendendo? O que ela está questionando? Ela sabe de tudo, o que significa que não sabe nada.

Quero dizer, sim, no começo da aula de Filosofia pensei que a maioria dos filósofos era um bando de gregos riquinhos sentados à toa, pensando em umas paradas bem loucas (tipo Zenão), enquanto as mulheres e os escravos faziam todo o trabalho. Mas, então, esta semana comecei a aprender sobre Sócrates.

Sócrates viveu no século V a.C. na Grécia. Ele não escreveu nada, o que significa que a maioria do que sabemos sobre ele vem do que as outras pessoas disseram (o que é um pouco como viver em Unity Valley). O que ele mais gostava de fazer era provar às pessoas que o que elas sabiam podia não ser verdade. Isso fez duas coisas por Sócrates: (1) Deu a ele o rótulo de “um dos fundadores da Filosofia ocidental, e (2) Acabou irritando gente o suficiente para que o levassem à morte, fazendo-o beber cicuta.

Muito do que sei sobre Sócrates vem de seu aluno mais popular, Platão, que escreveu muitas coisas, incluindo *A República*, que é uma discussão imaginária entre Sócrates e alguns outros para demonstrar o método socrático. O método socrático é o que a professora Steck quer que pratiquemos durante a aula.

Ela disse: “Essa será uma época de fazer perguntas e não se apressar em respondê-las. Uma época de abrir buracos em suas próprias teorias. Uma época de *pensar e não saber*”.

Perfeito para mim nesse momento. Sou a rainha do *não saber*.

O que eu *sei* é que a ideia original que eu tinha sobre os filósofos é, de certa maneira, imprecisa. A coisa era feia para as mulheres na Grécia Antiga. Eram casadas na puberdade por intermédio de seus pais com homens mais velhos, para que pudessem gerar filhos. Mas Sócrates pensou que as mulheres poderiam estudar e deveriam ser incluídas na sociedade. Enquanto muitos de seus pares possuíam escravos, Sócrates disse: “Escravidão é um sistema de ultraje e roubo”.

Mas ele não tinha emprego. Era pobre. Nem escreveu suas próprias ideias incríveis. Ele só se importava com a verdade e com viver uma boa vida, enquanto tentava definir o que era uma *boa vida*.

Então, se formos pelos padrões da minha mãe, Sócrates era o maior fracassado de todos os tempos.



Coloco meu casaco e saio para a mesa de piquenique. O céu está iluminado com as luzes da rua, então não consigo ver muitas estrelas, mas ainda consigo ver aviões piscando acima de mim. Posso ouvir o bar ao lado dos bombeiros. Posso ouvir o trânsito na estrada 733, que liga esta cidadezinha à próxima, e à próxima, até chegar a uma estrada que pode levar a algo maior.

Penso sobre Kristina e como ela está em Atlantis, o único bar gay na cidade próxima. Penso em por que eu não fui ainda.

Olho para o primeiro avião que está cortando o céu em dois. Encaro e envio meu amor. Mando para a mulher no assento 5A que está preocupada com algo. Mando para o cara na primeira classe que não está se sentindo bem. Foco nas estrelas e mando amor para os alienígenas que voam a milhões de quilômetros de mim no espaço sideral. As vozes no meu cérebro gostam de pensar que um dia desses eles virão me buscar.

Me concentro de volta no avião e reúno mais do meu amor. Mando para o piloto, que está

cansado e sente saudades de sua família. À comissária e ao bebê que chora, porque seus ouvidos doem. E para o cara que está digitando distraído em seu notebook.



Estou dormindo? Ainda estou do lado de fora? Posso ver o azul. Azul como no fundo de uma piscina. Azul como se eu vivesse em uma bolha no céu. Digo para a criatura que se aproxima: “Obrigada por vir me resgatar. Eu sabia que não pertencia a este lugar. Por favor, me leve à minha família verdadeira”. Em vez disso, ele tira uma longa barra de metal e enfia no meu umbigo.



Acordo com Ellis bem acima de mim, dizendo algo. Eu salto e protejo instintivamente meu abdômen. Quase dou uma cabeçada nela ao fazer isso.

“Meu Deus!”, ela fala.

“Desculpa.”

“Faz muito tempo que está aqui?”

“Não sei. Que horas são?”

“23h30.” Sinto cheiro de vinho em seu hálito.

“Ela te deixou beber de novo?”

“Eles não pediram minha identidade.”

“Não pedem para gente como você em restaurantes chiques, Ellis.” Olho para ela. Está usando as preciosas joias da mamãe, os brincos de diamante e o pingente. Coisas que a nossa mãe guarda para festas com os bacanas e para cerimônias de prêmios na cidade. Ellis usa um vestido de veludo preto que a maioria do pessoal aqui usaria no baile de formatura. Mas ela parece ter 16 anos, sem dúvida.

“Quer ficar acordada e ver um filme ou sei lá? *Saturday Night Live* vai passar logo mais”, ela diz.

“Tenho de sair para trabalhar às 5.”

Ela solta uma risadinha de julgamento pelo nariz.

“O que foi?”

“Você podia ter largado esse trabalho depois do verão.”

“Me faz sair daqui, não faz?”

“Você que sai perdendo.”

Eu me levanto e saio da mesa.

“Bem, não podemos todos ter noites no clube de Mamãe e Filha, sabe?”

Ela bate no meu braço.

“Não tem ideia do que é ficar bêbada com a mamãe e ouvi-la reclamar o tempo todo.”

Quero perguntar a ela *reclamar de quê?* Mas eu sei de quê. Sempre há piadinhas internas durante a semana após o episódio de Mamãe e Filha. Sobre papai. Sobre mim. Sobre as meninas do time de hóquei.

“Você sempre pode dizer não”, eu falo. “Ninguém está apontando um arma para a sua cabeça.”

“Não posso”, ela diz. “Daí eu seria igual a... uh.”

“Igual a mim?”

“É. Acho.”

Eu me sinto mal pela Ellis perfeita. Ela pensa que resolveu tudo dentro da sua bolhazinha segura. Não percebeu ainda que um dia vai fracassar em algo, e que sua mãe estará lá para criticar exatamente o modo como ela fracassou, passo a passo.



No banheiro, olho para mim mesma no espelho por um longo tempo. Não sei o que estou procurando, mas sei que estou diferente. Escovo os dentes, lavo o rosto... Com o cabelo assim, puxado para trás, olho novamente. E posso ver, por trás dos meus olhos, que algo está lá... Algo que Ellis não tem. Algo que meu pai e minha mãe não têm.

Fecho a porta do meu quarto e apago a luz. Finjo que estou em um avião. Finjo que estou bebendo suco de laranja no assento 23A e posso sentir um fluxo de amor vindo de fora do avião, direto de alguma garota solitária em uma mesa de piquenique, em uma pequena cidade da qual ninguém nunca ouviu falar. Envio meu amor a ela, mas não tenho certeza de que ela consegue senti-lo.

Penso: *Se estou em um avião, para onde estou indo?* Eu venho com as respostas. *Cidade de Nova York, Los Angeles, Paris, Melbourne... Longe o suficiente para estar bem. Tão longe que ninguém aqui jamais saberá.*

MU

A porta do frigorífico sopra o ar gelado para o corredor da cozinha quando é aberta. Dee tem tranças no cabelo hoje, e uma bandana na cabeça. Ela dormiu tarde. Ainda posso ver linhas de sono em seu belo rosto marrom.

“Você bateu no despertador, não foi?”, pergunto depois que a porta se fecha com um baque atrás dela.

“É.”

“Quantas vezes?”

Ela mostra três dedos. Quero dizer a ela que eu nunca desligo o alarme do despertador.



O principal objetivo de Dee hoje parece ser fazer Juan rir, o que ela consegue em menos de duas horas.

“Ei, Juan! Toc-toc!”

Ele revira os olhos.

“Quem é?”

“A vaca *que interrompe*”, ela diz.

Ele responde:

“Vaca que interrom...”

“Mu!”

Ele ri de verdade, como se nunca tivesse ouvido a piada da *vaca que interrompe* antes. Então volto a limpar camarões.

A manhã passa rápido e Dee e eu saímos às 11 horas. Quando partimos, dirigimos até Freedom Lake e subimos o morro para nosso ponto favorito.

Antes de podermos ter qualquer tipo de conversa, o que eu realmente gostaria de fazer, Dee se inclina e me beija. Então, como sempre, ela vai rápido demais. Tiro a mão dela da minha camisa e coloco na minha coxa. Ela diz: “Jones?”

“O quê?”

“Acho que você tem medo de mim.”

“Quem não sabe disso?”, eu pergunto.

“Por quê?”

Não sei mais o que falar. Quero dizer que ela me pressiona demais, como todo mundo na minha vida. Quero dizer a ela que não estou pronta para intimidades. Quero dizer a ela para parar de olhar para mim com esses olhos apaixonados. Em vez disso, faço o que qualquer *geek* desajeitada, que quer evitar o assunto sexo a todo custo faria. Olho para ela e digo: “Então, hum, o que sabe sobre Sócrates?”

“Ele era grego, certo?”, ela responde.

“Hum-uhm.”

Ela assente, coloca a mão na minha saia e se inclina para o meu pescoço.

“É o que sei sobre Sócrates”, ela diz.

Quero remover a mão dela da minha barriga, mas sei que ela vai ficar brava de novo.

“Já ouviu falar de Zenão?”, pergunto.

“Não.”

“Ele disse que o movimento é impossível.”

Ela não diz nada.

“Tipo, se mover. Ele disse que é impossível se mover porque o tempo fica parado em cada milésimo de segundo.”

“Que idiotice. Olha...” Então ela desliza a mão sob o meu sutiã. “Estou me movendo.”

“Rápido demais”, eu digo. “Como sempre.”

Ela não para. Então, me desvencilho.

“Tá... Tá... Entendi!”

Ela suspira e deita de costas.

“Então, o que é essa coisa toda sobre o filósofo que disse que o movimento é impossível? Filósofos dizem todo tipo de besteira. Não é o trabalho deles?”

“O trabalho deles é descobrir a verdade.”

“E descobriram?”

Olho para Dee e penso que Zenão estava totalmente certo, mesmo que não fosse o que ele queria dizer: para as pessoas, o movimento às vezes é impossível. Para Dee, para minha mãe e para Ellis. E para quase todo mundo.

BEM-VINDA, SEXTA-FEIRA!

As alunas que contam os votos da Festa de Boas-Vindas caminham com sorrisinhos em seus rostos a semana toda. Saíram das aulas na quarta, na metade do dia, para contar, e agora é manhã de sexta e aposto que não conseguiram dormir a noite passada.

Kristina não está nem pensando nisso. No caminho para a escola ela só consegue falar de seu encontro duplo desta noite, de como Donna é lindinha e como ela pensa que talvez a ame.

“A coisa é pra valer”, diz. “Ela me *entende*, sabe?”

“Que incrível”, eu digo.

Queria poder contar a ela sobre mim. Sobre Dee. Sinto como se cada minuto que eu passasse com a Kristina fosse uma mentira. Tenho praticado uma frase na minha cabeça. *Kristina, não me mate. Mas sou gay. Eu acho. Quer dizer, acho que sou gay. Quer dizer, acho que estou apaixonada por uma menina...* A frase ainda não está bem pronta.

Desde a aula de História da Europa na semana passada e daqueles malditos triângulos rosa... é como se abandonar Trigonometria tivesse aberto um canal de pensamento que eu estava empurrando para longe. Eu me libertei de algo que estava fingindo e agora quero me livrar de toda essa farsa.

“Você está bem?”, ela pergunta.

“Claro”, mas não estou. Estou um pouco brava, ou triste, ou sei lá. Impaciente. Estou de saco cheio por hoje não ser sábado. Quero acelerar para a manhã de amanhã, por favor. E enquanto estou nela, quero acelerar para o próximo ano. Faculdade. Deixar Unity Valley.

“Não parece.”

Meus olhos vão para o retrovisor, onde posso ver uma picape cheia de garotos do último ano acelerando em minha direção.

“Eu sempre me pergunto se as pessoas que dirigem atrás de mim estão mandando mensagens de texto e estão prestes a me matar. Só isso.”

“Vão proibir isso logo”, ela diz.

“Mas nunca alguém impediu ninguém de dirigir bêbado, né?”

Posso ver que Kristina está olhando para mim com aquela cara.

“Que bicho te mordeu?”

Dou de ombros. Paro no acostamento e deixo a picape passar por mim.

“Vamos. Não fique tão puta. É o dia da Festa de Boas-Vindas! Não importa como o dia termine, eu serei uma princesa ou talvez até – será possível – a *rainha*?” Ela forma uma tiara com as mãos, finge colocar em sua cabeça e diz: “O que eles não sabem nunca irá machucá-los, certo?”.



Minha substituição para a aula de Trigonometria, a sala de estudos do quarto período, é

prazerosa. Ninguém é muito reconhecível aqui. Stacy e Karen Koch, gêmeas, sentam-se ao meu lado e sorriem ocasionalmente, como se soubessem de algo que eu não sei. Provavelmente, os resultados da votação. Como se eu me importasse.

Leio um pouco de *A República* de Platão, assim como o capítulo em nosso livro didático sobre o julgamento de Sócrates.

Posso admitir que estou um pouco surtada com o fato de que Sócrates tenha só um nome? Sei que era assim que se fazia naquela época, mas isso me incomoda. Não sei dizer se é seu último nome ou seu primeiro ou o quê. E não pode ser abreviado, a não ser por *Sock*, o que é completamente idiota. Quero que ele tenha um nome mais familiar, algo mais descontraído e moderno, para que eu possa me relacionar melhor. Então olho para a foto do meu livro do cara de barba encaracolada com o nariz de buldogue, e no final da sala de estudos dou a ele o nome de Frank. Frank Sócrates. Torno-o mais abraçável.

Torna suas roupas mais fáceis de etiquetar para o acampamento de verão: F.S.



Depois que o almoço do sexto período termina, a população inteira da escola vai para o estádio de futebol americano. A banda toca números suaves no palco.

Sem Kristina e Justin, não tenho lugar algum para me sentar. Conheço algumas pessoas das aulas, mas a maioria delas toca na banda. Eu prefiro mesmo me sentar sozinha. Pego *A República*, mas no minuto em que faço isso, Jeff Garnet se senta ao meu lado e me encara, nervoso, até eu levantar o olhar.

Sei que ele está nervoso porque Jeff está sempre nervoso. Tem a perna trêmula. Sabe o garoto saltitante que chacoalha salas inteiras e faz você querer jogar seu almoço para cima? Vejo esse joelho saltitante, saltitando até eu fechar o livro com o marcador e olhar para ele.

“Sabe quem ganhou?”, ele pergunta.

“Não.”

“Quer saber?”

“Não exatamente”, eu digo. Jeff salta tanto com sua perna que quero colocar minha mão nela e fazê-lo parar. Quero falar para ele relaxar.

“Acho que você vai descobrir em breve”, ele diz, percebendo o líder da banda dando o sinal para ela encerrar.

“Sim...”

Jeff tem me encarado faz dois meses. Eu sinto ele me olhando todo dia durante o terceiro período de Literatura, tão certo quanto o sinto chacoalhar a sala toda com sua perna, que faz o aquecedor zumbir.

“Astrid?”, ele diz.

“Sim?”

“Quer sair alguma hora? Digo, nada demais, mas você sabe, só eu e você?”

“Não sei”, eu digo. “Quero dizer é claro, talvez... Estou bem ocupada no momento, mas acho que eu gostaria.” Não tenho ideia de por que eu disse isso. Não quero sair com o Jeff. Não por causa da coisa com a perna, mas por que estou... hum, *comprometida* já.

“Sem pressão”, ele diz. “Pode me dizer depois.”

“Claro, depois eu te falo.”

E uma hora depois está tudo certo com o mundo: o capitão de futebol e a subcapitã da torcida são coroados rei e rainha do baile. Os carros levam ganhadores e perdedores para fora do estádio enquanto aplaudimos a grandeza coletiva deles, e então somos todos mandados de volta para a escola antes do último sinal.



Kristina me chama às 7 horas porque já ouviu que Jeff me convidou para sair.

Eles dizem: *Por que ela esnobaria um menino legal como o Jeff Garnet? Não é que ela tenha outras opções.*

“Por que não disse sim?”, ela pergunta. “Você quer tirar Claire do seu pé com esse negócio de namorar, certo?”

“Eu não disse que não. Disse que eu avisaria pra ele. Que eu estava, hum, ocupada por um tempo.”

“Ah, claro. Com todo esse Platão e Aristóteles.”

“Sério, Kristina, ele não é meu tipo.”

“Você devia mesmo sair com alguém este ano, Astrid. É deprimente. Além do mais, me sinto culpada. Você passa muito tempo comigo e com o Justin. Sinto como se fosse nossa culpa.”

“Sua culpa como?”

“Como pode sair com alguém se está tão ocupada guardando nossos segredos?”

Ela tem razão. Só que não tem a maior parte da informação dessa equação. Meu segredo é maior do que o segredo dela, porque ninguém sabe ainda.

Nem mesmo eu.



No jantar, o assunto surge novamente. Eu e Jeff Garnet na boca do povo.

“Não sei”, digo quando Ellis me pergunta se vou dizer sim.

“Ouvi dizer que ele é um menino muito fofo”, minha mãe diz. “Ouvi que ele é dos primeiros da turma também. Vocês dois têm algumas aulas juntos?”

“Só Literatura. E o almoço”, eu digo.

Ellis diz: “Sabe, se não começar a sair novamente, as pessoas vão achar que você não superou o Huber. Ou provavelmente vão dizer que você é gay”.

Eu sorrio e dou a ela um olhar de raios mortais. E, enfim, eu já tive meu boato de gay. Primeiro ano, dezembro, pouco antes das férias de Natal.

Acho que se mantivéssemos um calendário de quem é chamado de gay na escola, haveria uma pessoa para cada um dos 200 dias letivos. Gay, sapata, bicha, lésbica, homo, que seja. Cada um de nós já ouviu isso alguma vez na vida. É mais comum do que gripe. Mais contagioso também. Ninguém fofoca sobre se você tem gripe ou não.

Então, como uma deixa, Claire solta: “Isso me lembra que eu estava na impressora hoje e Luanne disse que só há *lésbicas* no time de hóquei da escola, o que considerarei como uma

tentativa ignorante de insultar a Ellis. Em que década esse povo vive? Quero dizer, pode ter sido verdade quando eu estava na escola, mas no século XXI? Hoje toda menina pratica esportes. Por que essa gente de cidadezinha tem de ter a cabeça tão pequena?”

Ellis olha para nossa mãe como se ela estivesse lendo do roteiro errado.

“Conheço muitas meninas que faziam esportes quando fomos para a escola que não eram lésbicas, Claire”, papai diz. “Minha irmã, por exemplo. Cara, minha mãe fazia esportes nos anos 1950. Da última vez que verifiquei ela não era lésbica também.”

“Bem, não é grande coisa para nós, meninas. Seu pai e eu moramos em Nova York por muito tempo. Conhecemos muitos gays.” Essa é minha mãe. Amiga dos gays. A S dos GLS. Espere. Seu crachá GLS deve estar por aqui em algum lugar. Espera que vou encontrar. “Eu não entendo por que as pessoas aqui falam sobre isso como se fosse lepra”, ela diz. “Espero que você seja legal com eles, Ellis.”

Minha irmã lança a ela um olhar insultado.

“Claro que sou! Credo, mãe. Deixa de ser tão bizarra.”

“Algumas pessoas aqui acham que pode ser contagioso, sabe?”

Nós três olhamos para ela como se tivesse acabado de aterrissar do espaço.

“Bem, pensam sim!”, ela insiste. “Eu os vi dizer que você pode pegar gayzice de gays. Não é ignorância?”

Ficamos olhando para ela, que bebe mais vinho.

Estou feliz de ver que Ellis está tão incomodada quanto eu, mas estou me esforçando muito para não ficar paranoica sobre por que ela disse qualquer coisa sobre as pessoas acharem que sou gay, para começar.

Eu olho para ela.

“Então você acha melhor eu namorar Tim Huber de novo do que eu ser uma solteira feliz?”

“Argh!”, ela diz. “Não!” Então ela mastiga e engole. “De qualquer forma, ele não fala mais com você, fala?”

Não. Tim Huber não fala mais comigo. Não desde que eu me apaixonei completamente por ele, e Ellis e mamãe começaram a me atazanar para terminar porque ele é gordo. Então, como eu não terminava, alguém (provavelmente o alguém à minha direita ou à direita *dela*) começou o boato que nos fez terminar.

Eles disseram: *Ela só está saindo com ele porque ele é gordo.*

Eles disseram: *É por pena.*

“Não”, respondi. “Ele não fala comigo.”

“Mas Jeff Garnet é um garoto legal”, Ellis diz.

“Eu sei. Olha. Por que vocês não desencanam da minha vida?”

Claire segura sua taça de vinho.

“Se desencanássemos da sua vida, você ainda estaria de fraldas. *E* namorando com aquele gordo.”

NÃO GOSTO DO PLANO

“Você vai ligar para o Jeff e vai fazer com que ele te dê cobertura”, Kristina diz.

“Você falou com minha mãe?”

“Não, por quê?”, ela pergunta. Não está mentindo. Posso ver quando ela mente, e está genuinamente perdida em relação ao sermão do jantar da noite passada, sobre como eu precisava desesperadamente de um namorado.

Estamos no meu quarto, e até ela começar a falar, eu me sentia completamente em êxtase depois de uma manhã de trabalho com Dee, em que ficamos lado a lado e passamos o tempo todo fingindo conversar na nossa própria língua de cliques e estranhos sons de animais, até que caímos na gargalhada e eu quase fiz xixi nas calças. Passamos meia hora “fazendo inventário” em ambas as câmaras (frigorífica e refrigerada) para um evento enorme que temos na semana que vem. Uma recepção grande e *open-house* para o Centro Hispânico na cidade, o maior trabalho que o Buffet Maldonado já teve.

“Cara? Você me ouviu?”, Kristina diz. “Vai ligar para o Jeff.”

“Por quê?”

“Para podermos sair.”

“Acho que podemos sair sem eu ter que arrastar Jeff Garnet para minha vida”, eu digo.

Kristina está deitada na minha cama, usando moletom, parecendo incrível, mesmo que eu saiba que ela saiu da cama cinco minutos atrás, não tomou banho, e provavelmente nem escovou os dentes. Estou sentada no peitoril porque ainda visto minha calça de trabalho sabor camarão.

“Precisamos voltar para casa um pouco depois do toque de recolher de Claire e Gerry Jones”, ela diz. São 23h30 nas noites de sexta e sábado. E nunca uso isso por causa das minhas horas de trabalho... e pelo fato de que não tenho ninguém com quem sair. “Por isso Jeff é o disfarce perfeito. Claire tem me atazanado o ano todo para te encontrar um namorado. Então, agora encontramos.”

“Não podemos achar um cara que fala? Tudo o que ele faz é me encarar e dizer coisas tipo “oi” e “ei” e tremer a perna, não sei, quero dizer...”

“Me escuta? Essa é a única maneira de fazermos com que você saia tarde o suficiente para o plano funcionar. Confie em mim. Claire está na minha.”

“Então por que você não pode ser meu disfarce?”, pergunto.

Ela pensa nisso por um milissegundo.

“Jeff funcionaria melhor. Quero dizer, pelo menos só agora no começo. Além do mais, deixaria Claire quieta por um minuto.”

“Se estamos fazendo todo esse esquema de conspiração para me tirar de casa, pode pelo menos me dizer para onde estamos indo?”

“Você sabe.”

Olho para ela como se ela fosse idiota.

“Se quer beber, Justin não pode arrumar nada que queira do irmão dele?”

“Não é questão de beber.”

“Que outro motivo há para ir a um bar? E para fazer com que Jeff Garnet minta por mim?”

“Não é qualquer bar. Você sabe disso.”

Escutamos minha mãe se movendo na cadeira de seu escritório a dois cômodos de distância. Kristina faz o sinal para *vista-se e vamos sair daqui*. Então, eu a mando para a escada, tiro minha roupa de trabalho, coloco uma roupa qualquer e enfio a cabeça no escritório da minha mãe.

“Vamos dar um rolê. Volto em uma hora.”

“Para onde estão indo?”

“Não sei. Provavelmente para o lago.”

“Ótimo. Só certifique-se de que seu quarto esteja limpo às 3 horas.”



“Por que você quer que eu vá para um bar gay com você?”, pergunto. Talvez ela já saiba. Talvez eu já apareça no radar gay, mesmo que eu não apareça claramente no meu próprio.

“Comigo, Donna, Justin e Chad”, ela corrige.

Olho para ela com olhos desconfiados.

“Não entendi.”

Ela levanta uma sobrancelha.

“O que há para entender? Eu já te disse que tem héteros lá.”

Então quando ela diz isso, acho que talvez eu entenda. Quero dizer, ela não está sugerindo que eu sou gay, certo? Ela só está tentando me fazer sair.

“Não sei”, eu digo. “Parece um risco muito alto para mim, quando não quero mesmo beber nem nada.”

“Cara, não é questão de beber. É se soltar e ficar junto com gente que não dá a mínima sobre você. É... tipo... o *oposto* de Unity Valley.”

Eu paro no estacionamento do lago e nos sentamos em uma mesa de piquenique. O lugar está vazio exceto pelas caminhonetes e trailers no outro lado do estacionamento que pertence ao pessoal dos cavalos que vem andar nas trilhas nos finais de semana.

Kristina está com o celular e olha para o número de contato do Jeff, mas ainda não me sinto bem. Eu digo: “Podemos relaxar um pouquinho antes de você ligar? Quero pensar melhor”.

E se não pudermos entrar? E se Jeff disser não? E se formos pegos? E se eu apanhar de gente que é velha o suficiente para ser minha mãe? E se Dee for lá e todos os meus mundos colidirem? E se as pessoas nos virem? E se eu receber uma resposta?

E se eu tiver uma resposta?

E se... Eu... Tiver... Uma resposta?

Eu rio para mim mesma e Kristina pergunta: “Do que está rindo?”.

“Nada.”

“Não é justo.”

“Eu estava pensando em apanhar de velhas da idade da Claire”, digo.

Ela ri.

“Poderia acontecer.”

Eu pergunto: “Não está com medo de sermos pegos?”.

“Policiais estão ocupados resolvendo crimes de verdade. Um bando de adolescentes bichas

menores de idade é a última coisa com que eles se importam. Não dizendo que você é bicha nem nada. Quero dizer o resto de nós”, ela acrescenta.

Eu digo: “E se alguém nos vir? E então?”.

“Você não acha que as pessoas vão ficar igualmente preocupadas que não contemos às pessoas que as vimos?”

Eu suspiro. Sei que Kristina não vai aceitar não como resposta.

“O que, exatamente, vai dizer ao Jeff para fazê-lo me encobrir?”, eu pergunto.

“É fácil”, ela diz. “Vou prometer a ele cerveja e um encontro duplo comigo, você e Justin na lanchonete semana que vem em troca de contar a Claire que ele está te levando ao cinema hoje à meia-noite.”

Eu suspiro.

“Deixa comigo”, ela diz. “Sei o que estou fazendo.”

Ela tira o telefone e aperta alguns botões com o polegar, e nós duas levantamos o olhar, vendo as nuvens ou, no meu caso, aviões. Quando Jeff atende, ela o convence a ligar para minha mãe depois e dizer algumas mentiras em troca de álcool.

Então ela passa o telefone para mim, mas mantém o ouvido perto para que possa ouvir o que Jeff diz.

“Ei, Jeff. Obrigada por isso”, eu digo.

“Claro. Estou feliz por você aceitar minha proposta.”

Ele parece um cachorrinho feliz. Eu me sinto péssima. Me lembro de Tim Huber e meu estômago revira.

Kristina faz sinal para eu passar o celular de volta a ela.

“Ei, Garnet”, ela diz. “Apenas lembre-se que você não pode contar a ninguém. Se eu ouvir uma palavra na rua sobre isso não tem mais bebida e saída com você. Captou?”

Ela desliga.

Eu digo: “Uau, você está por dentro de umas coisas sobre as quais não sei nada, cara”.

“Ah, ele é só um garoto que quer biritá. Ele ouviu que Justin arrumou uma garrafa de gin para Tyler e Vince, e agora ele quer um pouco também. *Quid pro quo*. Uma coisa por outra, saca?”

Estou vendo um avião voar alto e mando um amor aleatório a ele. Estou me perguntando se alguma dessas pessoas no avião diz *quid pro quo*. Eu me pergunto se alguma delas vive em uma cidadezinha como a gente. Se elas já saíram de fininho em uma noite de sábado (para um bar gay). Se elas já se perguntaram como deve ser fazer amor com uma menina. Eu pergunto a elas: *tudo bem mentir para poder ser feliz?*



PASSAGEIRO #5654
HELEN OBERLIN, ASSENTO 27F
VOO #103

DE DETROIT PARA FILADÉLFIA

“Rá!”

Eu vou explodir de tanto rir. E rio tanto que cuspo meu refrigerante no banco à minha frente. Ele borbulha pelo meu nariz e queima como cocaína ruim. O cara ao meu lado faz uma careta enjoada e eu dou a ele meu guardanapo. Enquanto busco um lenço na minha bolsa para assoar o refrigerante do meu nariz, não consigo entender o que acaba de acontecer. Alguém perguntou isso em voz alta? De onde veio isso? Estou ouvindo vozes? Alucinando novamente? E quem não sabe que quase *todo mundo* mente em algum momento da vida para ser feliz?

No meu caso, achei que felicidade fosse um monte de merdas idiotas: drogas, caras, enrolar meus pais, mais drogas, mais enrolação com meus pais, mais caras, mais drogas...

Isso não é felicidade, mas achei que era. E continuei mentindo para conseguir. O que eu também consegui foi: dois divórcios, um filho que não fala comigo, herpes, três restrições na clínica de reabilitação e tantas dívidas que fali.

O que eu tenho agora é: nada. Tanto nada que na minha idade estou voando para Filadélfia para morar de volta com minha mãe. É patético.

Para ela, eu sou a maior perdedora que já existiu. E minha mãe nunca deixou de me dizer isso também. Ela pergunta: “Por que não pode ser mais como o Robert?”. Falando do meu irmão, que casou com a queridinha da escola e tem três filhos perfeitos. Ela não para de me contar sobre eles.

Verdade seja dita, estou morrendo de medo de voltar a morar com ela. Espero que ela possa ver o lado bom em mim.

Só pensar nisso já me deixa tão triste que olho pela janela e seguro as lágrimas. E percebo que nem eu mesma consigo ver o lado bom em mim. Como posso esperar que minha mãe veja? Faz vinte e nove anos que menti e cometi todos esses erros e ainda me sinto tão mal com isso como sempre senti. Passo pelos Doze Passos da Recuperação na minha cabeça. Eu me lembro de pedir perdão a todos na minha vida, mas percebo que nunca pedi a mim mesma.

Peço ao cara ao meu lado para levantar, assim eu posso ir ao banheiro. Ele levanta, ainda com aquele olhar de que eu posso dar a ele uma doença por ter cuspid o refrigerante. Enquanto caminho lentamente pela fileira, olho as pessoas e me pergunto o que elas mentiram sobre suas vidas. Quero pedir a ajuda delas. *Como eu me perdoo?* Tenho uma conversa imaginária com elas, e elas me dizem: *apenas faça*.

Um minuto depois, eu espero na fila do banheiro e olho a bela paisagem da Pensilvânia, tenho aquela sensação novamente, como se fosse cair na risada. Não posso controlar. É pior do que qualquer risada de drogas que já tive. Tenho 50 anos e estou me mudando para ir morar com minha mãe, e estou rachando de rir. Quando olho para os outros passageiros, eles não pensam

que sou alguma drogada. Eles sorriem. Posso quase ouvi-los perguntando:
por que você demorou tanto?

É FÁCIL DEMAIS ENTRAR NA ATLANTIS

Demonstrar confiança e aparentar ter 21 anos são coisas completamente diferentes. Agora mesmo estou certa de que pareço uma pessoa bem nervosa de 17 anos. Está frio lá fora, e deixamos nossos casacos no carro. É uma fila curta. Talvez tenham apenas três pessoas na nossa frente. Por *nossa* digo Kristina, Donna, Justin, Chad e eu. Estou de vela.

“Você tem seu dinheiro separado?”, Kristina pergunta.

Eu assinto, com minha nota de 5 dólares ficando empapada na minha mão.

“Não fique parecendo tão preocupada.”

“Não estou preocupada”, eu digo.

Kristina me dá aquele olhar.

“Parece que está se borrando de medo.”

“Não estou. Sério. Só estava pensando numa coisa. Só isso.”

É. Eu estava pensando em ser pega. Inicialmente, eu estava com medo do que o segurança pudesse dizer: “Desculpe, crianças, preciso do RG”, mas então percebi que tudo bem. Daí iríamos para casa. Kristina poderia terminar seu encontro com Donna no McDonald’s ou no estacionamento do *Freedom Lake* e fazer um encontro duplo com Justin e Chad como sempre nas sextas, e eu poderia voltar para guardar meu amor secreto por Dee, escondido nas regiões mais profundas do meu coração desnordeado.

Nós seguimos em frente, e todos passamos a ele nossas 5 pratas. Donna diz: “Ei, Jim, como vai?”.

Jim diz algo que não posso ouvir porque a música está alta demais, e me concentro em não desmaiar de medo. Ele sorri para mim, e sei que ele sabe que tenho 17.

Então... Estamos dentro. Simples assim.

É pequeno, talvez tão grande quanto o térreo da minha casa. O bar em si é um grande ovo, cheio demais de gente. Há cerca de um metro e meio de espaço entre os que anotam os pedidos e as paredes. Donna e Kristina nos conduzem além do bar até a pista de dança, que é minúscula. Há espelhos dos dois lados e eles deformam minha habilidade de entender o tamanho do lugar, mas imagino que seja uns sete metros por cinco, no máximo. Está lotado de gente dançando. Gente gay dançando. Gente se soltando e não dando a mínima para o que as outras pessoas pensam delas, como a Kristina prometeu. Gente que não pensa em baboseiras de cidadezinha ou, digamos, no dever de casa de Filosofia que precisa terminar. Gente que eu desejava ser.

Seguimos Justin e Chad para a área dos fundos, onde eles encontram um canto escuro e imediatamente começam a se empenhar em chupar os rostos um do outro. Donna diz que precisa fazer xixi, então Kristina e eu ficamos na sala dos fundos da Atlantis, olhando para os fliperamas e máquinas de *pinball* antigas, tentando fingir que não temos 17 anos. Tiro meu celular do bolso do jeans e olho para ver se alguém ligou. Ninguém. Vejo as horas: 11h15. De repente, fico muito irritada por ter sido necessário apenas um telefonema de Jeff Garnet para convencer minha mãe a mudar o meu horário de voltar para casa. Estou irritada por ela ter dito “se joga” antes de eu sair. Não vamos incitar nossa adolescente a sair e transar ainda, Claire.

Eles dizem: *Todos os adolescentes normais estão fazendo isso. Desde que não voltem para casa com uma doença ou um bebê, qual é o problema?*

Eles dizem: *Ela não encontrou o rapaz certo ainda, só isso.*

Donna sai do banheiro e parece pronta para dançar. Agarra Chad e Justin do canto da pequena chapelaria e os puxa com ela. O DJ coloca algo animado e techno, então seguimos para a pista de dança como uma pequena multidão.

Essa é a hora em que me lembro de que não sei dançar direito.

AO QUE PARECE, ASTRID JONES É UM ROBÔ

Eu olho pela pista de dança e vejo outras pessoas que são boas dançarinas, então me olho no espelho e percebo uma dançarina nervosa. Uma dançarina que mal dança. Um robô. Eu não mexo nada abaixo da cintura. Pareço estar prestes a fazer um treino defensivo durante uma aula de basquete.

Ao notar isso, fico tão insegura que não consigo mais ficar na pista de dança, então vou para um canto onde as pessoas estão paradas bebendo, conversando e assistindo. Me viro para vê-las na pista de dança. Há muito esfrega-esfrega, pessoas rebolando e se agarrando. Kristina está lá sozinha dançando, enquanto Donna vai ao bar pegar duas cervejas. Justin e Chad não estão em nenhum lugar à vista. Provavelmente estão de volta ao canto ao lado da chapelaria dando uns amassos. Eles têm duas noites por semana para se ver, então as usam muito bem. Eu entendo.

“Por que parou?”, alguém diz. Não acho que está falando comigo até que me puxa pela manga e diz novamente. “Por que parou?”

Ela tem trinta centímetros a menos que eu, talvez 50 anos, talvez mais velha. É... Mais velha que minha mãe, com certeza.

“Melhor deixar a pista para gente que dance de fato, sabe?”, digo isso com a voz mais nervosa de 17 anos que já ouvi. Acho que estou tremendo.

“Achei você ótima”, ela diz.

Eu digo: “Sério?”. Porque não tenho mais ideia do que dizer. Sem dúvida essa mulher paquerou pelo menos três milhões de mulheres na vida dela. E apesar de ela parecer um pouco enrugada, e de estar vestida como o motoqueiro do *Village People* (colete de couro, jeans boca de sino, boné de couro de motoqueiro e botas de couro), há algo atraente nela, porque é *ela*.

“Sério, você estava ótima.”

Balanço a cabeça e mando amor para ela. *Motoqueira, adoro conversar com você agora. O tempo está passando mais rápido porque você está conversando e eu preciso disso porque acabei de descobrir que sou um robô.*

“Está aqui com alguém?”

Eu olho para me certificar de que Kristina e Donna ainda estão longe o suficiente para não ouvir.

“Minha namorada teve que trabalhar”, eu digo, assentindo.

Ela sorri para mim. Não é um sorriso bizarro ou paquerador. Não consigo descrever. É como um sorriso de apoio, amigoso e feliz por mim. Feliz porque tenho uma namorada. Atrás dela, se apertando como se estivesse prestes a pedir um drinque, está Frank Sócrates. Ele está sorrindo também, porque é meu cérebro que o coloca lá. Eu o vesti com uma toga e fiz seu cabelo extra crespo porque está úmido lá fora. Ele me deixa confortável, o que é melhor do que como eu me senti até agora como um robô.

A música muda o ritmo, e a motoqueira se vira para mim e diz: “Vamos! Me mostre do que é capaz!”, e agarra meu pulso e me arrasta para a pista. Eu olho sobre o ombro e Frank ainda está lá, sorrindo. Estou tão feliz por tê-lo trazido! Preciso de apoio moral.

Então danço com a motoqueira. É uma música antiga, “*Boogie Wonderland*”, e começo minha dança-robô sem dançar direito, enquanto ela se move ao meu redor, assopra um apito periodicamente e bate palma. O bíceps dela tem o dobro do tamanho do bíceps do meu pai.

Na metade da música, tenho um pequeno vislumbre do que é não se importar que as pessoas estejam olhando para mim. Não me importar com o que elas podem dizer sobre mim. Eu sorrio, e a motoqueira sorri de volta e assopra o apito, então começa uma dancinha da vitória ao redor do bar.

Todas as pessoas no bar esticam as mãos e batem em cumprimento a ela. Alguns batem na bunda ou a abraçam, e alguns se abaixam e a beijam. Me ocorre, quando estou no canto da pista de dança sem fôlego, que as pessoas aqui são legais umas com as outras.

Me ocorre que Atlantis *poderia ser* o exato oposto de Unity Valley, bem como Kristina disse que era.

“Amiga nova?”, Kristina pergunta.

Eu aceno sim.

“Tem certeza de que isso não é estranho pra você?”, ela aponta para duas meninas se beijando.

Dou de ombros.

“Já vi você e Donna fazerem isso antes.” Quero acrescentar que não vejo nenhuma pessoa hétero ali, mas não acho que seja relevante. Além do mais, acho que ambas sabemos que Kristina estava mentindo para que eu fizesse o que ela queria que eu fizesse. É o que ela faz às vezes.

“Quem disse meu nome?”, Donna diz enquanto dança para nossa conversa.

“Acho que devemos tornar essa a nossa tradição de sábado à noite”, Kristina diz.

Tiro meu telefone novamente e vejo que já é 1 hora da manhã. Cai a ficha de que tenho que ir para o trabalho em quatro horas.

Kristina aponta.

“Aí vem sua amiga.”

A motoqueira vem para meu lado direito e coloca seu braço forte ao meu redor.

“Você vem nos ver na semana que vem?”

Kristina e eu assentimos.

“Vai trazer sua namorada da próxima vez?”

“Não sei”, digo.

Kristina escuta isso e faz aquela cara, então pisco para ela para que saiba que foi uma mentira que precisei contar para salvar minha pele na minha primeira noite em um bar gay. Não a impede de olhar para mim de uma nova forma. Como se talvez eu tivesse uma namorada.

“Espero ver você então”, a motoqueira diz. “E a sua sortuda também.” Então ela caminha até o fundo do bar e se mistura com os clientes que estão perto da cabine do DJ.

Seguramos nossa risada até que ela fica completamente fora de vista. Então morremos de rir. Kristina diz: “A sua sortuda! Ai, meu Deus!”.

Donna nos traz duas cervejas e rimos de novo quando eu digo.

“Falando em garotas sortudas...”

Sabe o que é isso? Diversão.

Sabe a última vez que me diverti? Não consigo me lembrar.

ASTRID JONES NÃO ESTÁ PRONTA AINDA, OK?

Meu alarme desperta às 5. Cinco da manhã. Tipo, cerca de uma hora depois que dormi. Ainda posso ouvir a música pulsando nos meus ouvidos. Ainda posso sentir o cabelo crespo na base da minha nuca por dançar até suar. Consigo escovar os dentes, colocar uma bandana no meu cabelo insano e me vestir no padrão do trabalho: calça xadrez e uma camiseta masculina branca. A ideia de comida – comer, preparar ou manipular – está muito longe do que quero encarar agora. Eu sinto como se durante a noite uma família de guaxinins tivesse construído um ninho na minha cabeça e tido diarreia lá. Acho que isso é o que se chama de ressaca, mas não tenho certeza.

Dee está esperando por mim em seu carro, e sorri quando me vê no canto do estacionamento. Eu paro na vaga ao lado dela e coloco a testa na direção para indicar que ainda estou tecnicamente dormindo. Eu a escuto batendo a porta do carro e então há uma batida agressiva na minha janela.

“Ei, dorminhoca. Vamos!”

Finjo dormir mais. Eu escorrego. Deslizo para minha direita e me jogo no banco do passageiro. Ela abre a porta e sobe em cima de mim.

Beija meu pescoço, minha bochecha e minha cabeça, e eu instantaneamente dou risinhos, então ela vira minha cabeça e me beija. O tempo para e não me importo de estar atrasada para bater meu cartão de ponto idiota.

Quando ela se movimenta para colocar a mão entre minhas pernas, eu a impeço.

“Opa lá. Onde você pensa que está?”

“Sei onde estou”, ela diz, indo para meu zíper. “Sei para onde estou indo.”

“Onde está?”

“Estou EM um estacionamento grande que só tem dois carros. O seu e o meu. E ninguém que possa nos ouvir.” Ela beija meu ouvido. “Então por que desperdiçar isso?”

Eu escapo rolando no chão e andando como caranguejo até a porta aberta do motorista. Ela faz um biquinho como se fosse uma piada. Me irrita que ela pense que isso é legal. Não é legal. É pressão... Irritante... Isso sem mencionar que é quase sinistro que eu tenha de fugir do meu próprio carro.

Segundos depois que estou em pé fora do carro arrumando minha camisa, Juan chega na porta de entrega e diz algo para mim. Não tenho ideia do que ele está dizendo. Acho que está falando espanhol.

Se eu falasse espanhol, acho que uma pequena parte de mim iria querer dizer: “Obrigada por me salvar, Juan. Te devo uma”.



Hoje fazemos dois quilos e meio de camarão, alguns mexilhões em meia concha, quatro

bandejas de vegetais com brócolis, couve-flor, aipo e cenouras, e três bandejas de *vol-au-vents* de cogumelos. Finjo me divertir com Dee cantando nossa música de limpar camarão e coisas assim, mas não vou aos frigoríficos. Nem a ajudo a lavar os pratos. Antes de seguirmos para lados diferentes depois do trabalho, nos sentamos no meu carro. E antes de eu dizer qualquer coisa, ela diz: “Vai me dizer para me afastar de novo, não vai?”, ela faz bico.

“Viu? Você é uma maníaca.”

“Sou louca por você. Não posso evitar.”

“Não pode ou não quer?”

“Não sei. Eu só...”, ela se aproxima. “Só te desejo muito, Jones.”

Eu agarro a mão dela, que se aproxima.

“Se tudo o que você quer é sexo, então por que não arruma uma garota que te dê? Quero te conhecer melhor.”

“O que há para conhecer?”

“Não sei.” Eu me estico acima dela e busco no porta-luvas os meus antiácidos. “Qual é sua comida favorita?”

“Sério?”

“Sério”, eu me estico e seguro sua mão. Nós escorregamos pelos bancos do carro e eu coloco meu pé no painel.

Ela dá de ombros.

“Gosto de rosbife e purê de batata com molho feito em casa e hum... cenouras? Não. Ervilhas. Não, cenouras.”

“Você pode pedir as duas, sabe?”

“É, as duas.”

Ela parece entediada. É como se nunca tivesse falado sobre sua comida favorita e dado as mãos antes.

“E o que você gosta de fazer?”

Ela olha para mim com aquele biquinho novamente.

“Não é permitido dizer...”, ela fala.

“Bom, antes de você fazer isso, o que mais gostava de fazer?”

“Hóquei.”

“Ah é. Claro.”

“E correr. Amo correr.”

“E ama lavar couve-flor, certo?”

“Desde que eu esteja com você, amo.”

Olho para ela e viro minha cabeça.

“Acho que é a coisa mais meiga que já disse para mim.”

“Tudo verdade”, ela diz. “E por que você está tão cansada hoje? Ficou acordada lendo algum livro maluco? Escrevendo poesia sobre o quanto você ama minha bela bunda musculosa?”

Eu mastigo meu antiácido e levo um segundo a mais para considerar minhas opções aqui. É a Dee. Ela sem dúvida sabe sobre Atlantis. Ela pode ter estado lá antes. Penso em Kristina e Justin e seus segredos que eu jurei manter. Penso em como eu tenho diferentes segredos guardados de pessoas diferentes em áreas diferentes da minha vida. Penso em como essa pode ser a razão pela qual estou mastigando antiácidos o tempo todo.

Ela se inclina para me dar um beijo de despedida e, quando me beija, eu desejo estar morando no planeta certo onde beijar Dee Roberts não é grande coisa. Onde não significa que eu

tenho que colocar um rótulo na minha testa para que as pessoas descubram o que *causou isso*, ou o que há de *errado* comigo. E queria não ter que mentir tanto. Não acho que Frank Sócrates aprovaria essa mentira toda.

Acho que Frank gostaria que eu causasse muito mais problemas.

ACHO QUE OS GUAXININS AGORA ESTÃO COM DISENTERIA

Quanto mais perto estou de casa, pior fica minha ressaca. Minha cabeça dói e meu estômago está horrível. Especialmente quando entro em casa e tenho que encarar o cheiro da *paella* da minha mãe. Ai, Deus. É a sua *paella* maluca, com todos os frutos do mar conhecidos pelo ser humano. Por que não posso ter uma mãe normal que faz comida *normal*? Hambúrguer, batata frita, etc? Algo da seção de congelados? Sanduíches de queijo quente e sopa de tomate de latinha?

Mudo minhas roupas de trabalho e tomo um banho. Então procuro na mochila por qualquer dever de casa que possa servir de desculpa para não ter que comer a tal *paella*. Tenho que escrever um trabalho sobre uma das histórias que lemos na aula de Literatura, então me deito na cama e espero uma ideia surgir até eu ficar perigosamente perto de cair no sono, então me obrigo a levantar.

“Pode me dar uma mão?”, minha mãe pergunta andando pela cozinha.

“Claro.”

“Pode encher os copos?”

Pego a jarra cheia d’água e começo a encher os copos.

“Droga!”, ela diz. Olho para ela e a vejo brigando com o panelão, tentando virar o conteúdo em uma grande travessa de servir. Abaixo a jarra e a ajudo. Não sem pegar um sopro de mexilhões e pimentão.

“Obrigada”, ela diz. Estou impressionada por toda essa conversa ter sido tão normal. Estou espantada que ela não tenha criticado minha habilidade de segurar a travessa ou algo assim.

Vinte minutos depois, estou fingindo comer a *paella*, mas estou comendo mais pão afundado em azeite de oliva do que *paella*. Até agora, ninguém notou.

“Jogamos com *Holy Guardian* na terça, então vamos jogar em casa na noite de sexta contra *Frederickstown* de novo. Já passamos da metade da temporada”, Ellis diz.

“Eu vou ao jogo da *Frederickstown*, mas não posso terça”, meu pai diz.

Mamãe fica quieta.

“Ótimo, pai. Você arrasa”, Ellis diz.

Alguém mais na sala ouve a parte do *you não é legal, mãe, você não arrasa?* Eu ouço...

“Mas não parece que vocês vão chegar à pós-temporada”, meu pai diz. “Sei que você queria muito.”

“Tudo bem. Tenho o próximo ano para tentar novamente, certo?”, Ellis sorri para ele.

“E quanto a você, Astrid? Tem algo acontecendo esta semana?”

Passo mais azeite no pão e pego meu garfo como se planejasse comer a *paella*. “Zenão mostrou estar certo”, eu digo. Ainda não contei a eles sobre Zenão, então vamos ver se eles mordem.

“Sério?”, mamãe diz.

“É...”

“Quem é ele mesmo? O professor de História ou de Literatura Americana?”, mamãe pergunta. Ela se serve outra taça de vinho.

“Ele não é um filósofo?”, papai diz.

Eu aponto para ele com os dedos e dou um tiro.

“Bingo!”

“Ah”, mamãe diz. E quando não digo mais nada, ela pergunta: “Qual deles é ele mesmo?”.

“O cara que disse que o movimento é impossível”, eu digo. Dou uma pseudomordida na *paella*, e ela está boa exceto pelos pimentões. E pelo peixe. Tento pegar garfadas só de arroz. Então volto a comer só o pão.

“Como o movimento de *se mexer*?”, Ellis quer saber.

“Sim. Como todo movimento.”

“Ele disse que era impossível?”

“Ele e um monte de caras antes dele. Mas ele provou de novas formas. Principalmente para contestar, eu acho. Mas, mesmo assim... É o que ele quis dizer.”

Mamãe e Ellis olham para mim como se eu fosse esquisita. Meu pai diz: “Como ele provou isso?”.

Eu explico a teoria da flecha.

“Que idiotice”, Ellis diz. “É como dizer que eu não estou comendo a *paella*.” Ela come a *paella*. “Viu?”

“Eu sei.”

“Mas você não disse que ele estava certo?”

“Ele está”, eu digo. “Mas não da forma como ele queria dizer. De outras formas.”

“Está recebendo notas por aprender essas coisas?”, minha mãe pergunta. “Porque não posso ver como isso vai te ajudar a arrumar um emprego.” Ah, aí está a Claire que faltava meia hora atrás! *Senti saudades, Claire*.

“Vamos, Claire, isso é o que os alunos aprendem na Filosofia básica. Não se lembra de Zenão?”, papai pergunta.

“Não.”

“Eles não te ensinaram Filosofia na Escola de Artes?”

Ela olha feio para ele.

“Ensinaram, mas eu não fiz. Tinha coisas mais práticas para aprender, para que um dia eu pudesse sustentar minha família.”

Afundi mais pão em mais azeite.

“Então, quando você mudará para a parte de Sócrates na aula?”, ele pergunta. “Eu estava conversando com uma mãe em um dos jogos de hóquei, e ela me disse que era incrível. O filho dela fez a aula há alguns anos.”

“Começamos semana passada”, eu digo. “Mas nesta semana vamos entrar mesmo nessa parte. Será o projeto.”

“Essas coisas é que me fazem querer voltar para a escola.”

Estou prestes a dizer algo brega tipo “é”, mas mamãe fala antes de mim.

“Você *pode* voltar para a faculdade quando quiser, Gerry.”

Ele para e olha para ela. Ela diz isso para cortá-lo, mas ele aceita como uma sugestão real. Seus olhos vagam.

“Sabe, Claire, você está certa. Eu poderia”, ele diz. “O que acham disso, meninas? Imagine ir para a faculdade com seu pai. Bizarro, hein?”

“Não acho”, Ellis diz. “Eu teria um fã interno no campus para os jogos de hóquei.”

“E eu teria alguém para ir para a aula de marcenaria que não faria um cachimbo”, eu digo. Apesar de saber que provavelmente meu pai faria um cachimbo.

Minha mãe baixa o garfo com um estrondo.

“Ninguém quer ir para a faculdade comigo? Eu era divertida na faculdade, sabia?”

Ela joga um olhar para a Ellis, que diz: “Ai, eu iria para a faculdade com você, mãe. Aposto que você fazia grandes festas”.

O 135

São apenas 135 horas até estarmos parados na porta da Atlantis novamente com nosso dinheiro da entrada nas mãos. Apenas 117 horas até eu ver Dee novamente no estacionamento do Maldonados. A semana na escola é como um padrão de espera. É o homem invisível. É o buraco negro. É o Enso de Zen, o grande zero. Tudo que posso ouvir são os segundos passando, e cada um deles é uma parte do 135. Para registrar, são 486 mil partes.

Terça-feira, na aula de Filosofia, aprendemos sobre os paradoxos socráticos. Aqui está um do Frank: *Ninguém deseja o mal*. Claro, é uma coisa insana a se dizer. É só olhar em Unity Valley e se prova que o cara morto está errado. É só olhar em *qualquer lugar* e você prova que o cara é louco. Especialmente no século V a.C. na Grécia. Então, para ele dizer *ninguém deseja o mal* é mais que apenas desafiar o fato óbvio de que muita gente deseja o mal.

Quando levanto a mão e a professora Steck me chama, eu digo: “Era sobre fazer as pessoas pensarem. Porque a única forma de contestar algo que desafia o senso comum é perguntar o porquê. Por que as pessoas desejariam o mal? Por que as pessoas são más? Elas não acham que estão fazendo o bem da perspectiva delas? O que é o mal, afinal? É exatamente o tipo de coisa que Sócrates buscava. Fazer as pessoas pensarem para encontrar a verdade.”

“E você tem alguma resposta?”, ela pergunta.

“Não. Apenas mais perguntas...”, eu digo. Estou agora muito distante da minha negação de Zenão, batendo os braços há apenas duas semanas.

Eles dizem: *Astrid Jones é uma puxa-saco*.

Eles dizem: *A professora Steck vai dar um A para ela só por causa da revista literária*.

Eles dizem: *Sabe sobre a professora Steck, certo?*

Enfim, nossa tarefa final para a unidade é criar nosso próprio paradoxo e estar pronto para discutir em um estilo socrático. Esse é o Projeto Sócrates. Todo ano, no Ensino Médio, um dia antes do feriado de ação de graças, alunos do último ano de Filosofia se vestem como filósofos gregos e discutem pelos corredores o dia todo. É o motivo pelo qual as pessoas brigam para entrar no curso, e o motivo pelo qual outros não passam nem perto. Eu flutuo entre estar me borrando de medo e totalmente bitolada de empolgação. Vou até descalça. Não decidi meu paradoxo ainda, mas tenho um mês, então não vou me pressionar.



Kristina está esquisita a semana toda.

Segunda: *Tem certeza de que não há nenhuma verdade naquela coisa que você disse sobre namorada? Sabe que pode me dizer, certo?*

Terça: ela força bem a vista para mim e cochicha algo para Justin na minha frente. Justin dá de ombros, então pega sua câmera e tira uma foto minha. Quando eu reclamo, ele alega que é só uma brincadeira.

Quarta: *Achei que éramos melhores amigas, cara. Não está me escondendo nada, está? Justin e eu podemos ajudar, você sabe.* Justin assente.

Quinta: tratamento de silêncio. Ou pelo menos é o que parece... Além do mais, ela está exageradamente amiga de sua variedade de amigos mais populares. O pessoal da corte da Festa de Boas-Vindas, as líderes da banda, as duas atrizes principais da nossa produção de outono de *O Milagre de Anne Sullivan*. Eu até a vi falando com Aimee Hall, inimiga de muita gente, graças ao seu talento para inventar mentiras e espalhá-las como raízes, para que as ervas daninhas da sanidade possam se infiltrar e duvidar das pessoas.

Sexta: Kristina está toda falante e legal comigo no almoço.

“Quem sabe você não me conta a verdade amanhã à noite?”

“Você sabe a verdade.”

“Não foi o que eu ouvi”, ela diz.

Eu tento não aparentar pânico. Chamo Frank S. para me resgatar. Má ideia. Ele desliza no banco atrás de Kristina e olha bem nos meus olhos. Ele também sabe a verdade...

ESTOU USANDO UMA PLACA DE “PRESSIONE AQUI”?

O trabalho de buffet para o centro hispânico é barra pesada. Trabalhamos das 5h30 às 15h30. É um longo dia aqui na terra das tripas de camarão. Dee e eu nos encontramos no frigorífico apenas uma vez. Nem temos tempo para conversar, exceto sobre trabalho de equipe, então, enquanto lavamos e esterilizamos grandes travessas e panelas, ela ocasionalmente me dá umas bundadas e eu dou outras de volta nela.



Meu encontro duplo *quid pro quo* com Jeff, Kristina e Justin é na lanchonete Legião, um lugar popular para comer qualquer coisa com purê de batata falso e molho de carne. Amo tanto o queijo quente deles! Não sei o que eles fazem, mas o gosto é melhor do que qualquer queijo quente que já comi na vida. Acho que eles os afundam em óleo antes ou sei lá.

Decidi caminhar porque fica a cinco minutos da minha casa. Justin e Kristina dirigem juntos e estão dez minutos atrasados, como sempre, e para evitar ficar presa sozinha com Jeff, eu espero no beco atrás da lanchonete até vê-los estacionando. Quando entramos e nos sentamos, Justin aperta a bunda de Kristina o tempo todo. Eles se beijam, dão as mãos e você nunca saberia que não são dois adolescentes apaixonados. Acho que ambos poderiam embarcar em uma séria carreira de ator apenas baseada no comportamento deles. Ao mesmo tempo, eu queria que eles parassem. Estão dando ideias ao Jeff e não gosto disso.

Ele tenta fungar na minha orelha antes de nossa comida chegar, e isso me dá um arrepio e me assusto. Daí ele coloca sua mão direita debaixo da mesa na minha coxa, um pouco casualmente demais, e eu chuto Kristina.

Nossa comida vem e meu sanduíche de queijo quente é engordurado, cheio de queijo e crocante por fora. Eu o como em cerca de três minutos e peço licença para ir ao banheiro. Escuto a porta abrir enquanto estou fazendo xixi e Kristina vem, senta na privada na baia ao meu lado e, enquanto também faz xixi, diz: “Ai, meu Deus, Astrid. Ele está totalmente apaixonado por você”.

“Eu sei. Ele fica apertando minha perna debaixo da mesa.”

“Não, quero dizer que ele está mesmo apaixonado por você. Ele disse isso. Agorinha”, ela revela.

Sinto minhas bochechas quentes.

“Ele disse isso?”

“Sim.”

Aperto a descarga e fecho o zíper. Enquanto estou lavando as mãos, Kristina se junta a mim e me dá um sorriso de solidariedade.

“Como ele pode estar apaixonado por mim sendo que nem me conhece?”

Ela balança a cabeça.

“Não sei.”

“Precisamos mesmo enrolá-lo desse jeito?”, pergunto. “Quero dizer. Eu não me importo em ser a malvada e dizer para ele cair fora.”

Ela retoca o delineador.

“Claire vai querer saber o motivo.”

Eu suspiro e penso nisso.

“Enfim”, Kristina acrescenta, “se continuar sendo fria, ele vai entender. Ele tá louco pra tirar sua roupa. Talvez você possa dizer a ele que quer esperar até casar. Provavelmente, isso vai assustá-lo”.

“Ai, Deus. Imagine se Claire escuta isso”, eu digo. Olho para mim mesma no espelho e ajusto meu cabelo na sua posição perfeita sobre minha testa.

“Tem certeza de que não tem nada para me contar? Porque escutei coisas, sabe?”

“O que eu teria para te contar? E quem está te contando coisas sobre mim?”. Mas eu sei que sou muito ruim em mentir, motivo pelo qual eu nunca menti de verdade antes.

Ela dá de ombros e me dirige um olhar meio decepcionado, então empurra a porta do banheiro.

Observo mais uma vez meus olhos no espelho e posso vê-lo lá – o meu “eu” que está esperando sair do armário. O “eu” que não precisa mandar seu amor embora. O “eu” que ama Dee Roberts e que não tem medo de dizer. Eu a enfio de volta na minha roupa de Unit Valley e volto à mesa.

Enquanto ando entre as mesas, noto uma toga no balcão, sentado em um banquinho. Eu nunca devia ter dado a ele o nome de Frank. Ele ficou bem por 2.400 anos como Sócrates sem eu convocá-lo para me ajudar com essas idiotices, como encontros falsos com Jeff, o perna bamba.

Quando volto à mesa, Justin tem um olhar que é uma mistura de dor e risada, ou talvez medo. Kristina se inclina sobre ele, balança os peitos na frente do seu rosto, então planta um enorme beijo em sua boca. Daí ela cochicha algo e ele olha para mim daquela forma, como se estivesse decepcionado também.

Eu deslizo timidamente ao lado de Jeff, que imediatamente coloca a mão no meu joelho.

“Eu estava perguntando ao parceiro Justin onde vocês estão indo esta noite”, Jeff diz, com a boca cheia de rosbife e purê de batata.

“E eu falei a ele que vamos a lugares diferentes”, Justin diz. Ele chuta Kristina tão forte que a mesa balança.

Kristina diz: “É uma festa particular para uma amiga minha que vai para *Mount Pitts*”.

“Eu posso ir?”

Justin solta uma risadinha decepcionada.

“Não só você, parceiro. Nenhum cara pode. Aparentemente eu estou de fora também.”

“Todas as meninas gostosas num lugar só?”, Jeff diz. “Queria poder entrar *nessa* festa.”

Kristina e eu olhamos uma para a outra. Não faço ideia do que dizer.

“Vai ter de ser um cavalheiro e esperar sua vez, cara. Além do mais, é uma festa sem bebida... Em uma hora, estou do seu lado, certo? Então, é, tipo, dois pontos contra você.”

“É”, Jeff diz. “Acho que sim.” Posso ver seu ceticismo. É uma semente, mas está lá. Quero distraí-lo antes que ele a regue ou deixe entrar sol, então o beijo na bochecha.

Lá fora, meia hora depois, ele me pressiona contra seu carro e está tentando enfiar a língua na minha boca, e eu escolho fungar no seu pescoço. Acidentalmente, encontro o ponto onde ele deve ter derramado sua colônia nojenta e meus olhos lacrimejam instantaneamente. Tenho de me

conter para não engasgar.

Kristina grita para eu me apressar e eu o beijo na orelha, digo adeus e me espremo para escapar antes que ele me aperte um pouquinho demais. O que é assustador e me faz prometer a mim mesma nunca mais sair em encontros falsos com ele.

ESCUTAMOS COISAS

“Tem algo que você queira nos dizer?”, Kristina pergunta do banco da frente enquanto dirigimos para a Atlantis pelo caminho mais longo porque temos um tempo para matar.

“Não.”

“Escutamos coisas”, Justin diz.

“Podem parar de dizer isso? Se todos acreditássemos no que a gente escuta, então vocês dois estariam trepando no banco de trás agora mesmo. E haveria uivos. Mas não é verdade, é?”

“Você parece tão distraída ultimamente”, Kristina diz. “Só queríamos ajudar.”

Eu suspiro. Estou cansada de mentir, então pego algo verdadeiro para dizer.

“Odeio mentir para o Jeff assim. Parece errado. Acho que Claire ficaria bem com vocês me dando cobertura. Podem dizer a ela que estão tentando achar minha alma gêmea no cinema ou algo assim. Funcionaria bem.”

“Poderíamos fazer isso”, Justin diz. “Mas não é o que estamos perguntando.”

“É. Eu ficaria feliz em fazer isso. É o que amigos fazem, certo? E somos melhores amigas”, Kristina diz.

“Motivo pelo qual você deveria contar pra ela”, Justin diz.

“Porque algo está pegando, e nós sabemos”, Kristina diz.

Ai, Deus. Parece que esta é a pior hora do mundo para contar qualquer coisa. Ela tem estado louca a semana toda com isso, e nem sabe o que é ainda.

Kristina se vira no banco do passageiro, e olha para mim. Eu olho para ela. Ela não está sorrindo.

“Cara, que droga! Você sabe tudo sobre mim! É minha melhor amiga”, ela diz. “Não é?”

Fico sem fala, o que faz parecer como se algo estivesse rolando.

“Sério. O que afinal está rolando?”

“Eu... eu não posso te contar.”

Ela fica preocupada.

“Está bem? Algo ruim aconteceu?”

“Ai, não. Eu só... ah, Deus. Eu não sei. Eu estou... meio que saindo com alguém. Então essa coisa toda do Jeff não vai funcionar.”

Ela vira a cabeça. O olhar em seu rosto é uma mistura de empolgação de menina e algum tipo de dor.

“Quem é? Aquele cara da sua aula de Filosofia? Qual é o nome dele? Kyle? Ken?”

“Putá merda, não. Clay? Eca... Não. Não é um cara. Quero dizer...”

“Não é um cara? Não é um cara.” Ela para e parece mais magoada do que empolgada. “Não é um cara?”

“Não sei”, eu digo. Só está me ocorrendo agora quão magoada ela vai ficar por eu ter mantido isso em segredo.

“Cara, você não sabe com quem você está saindo?” Ela me acerta de brincadeira no braço.

“Ai, meu Deus, Astrid! Conta de uma vez!”

“Não sei. Eu ainda nem tenho certeza. Não acho, quero dizer, como eu sei?”

“Não é um cara?”

Eu balanço a cabeça.

Justin comemora.

“Cara! Você é uma de nós!”

Eu fico balançando a cabeça e acrescento um jogar de ombros, mas eu mentiria se eu dissesse que essa empolgação dele e o convite para *um de nós* não me fez arrepiar. Porque não estou nessa para ser membro de algum clube. Não estou passando por isso para poder me trancar na caixinha de *um deles*.

“Então você está em dúvida?”, ela pergunta.

“Acho que sim.”

“Se ela tem uma namorada, não está em dúvida”, Justin diz.

“Cala a boca”, Kristina diz. Então ela se vira de volta para mim. “Isso é completamente normal. Especialmente comigo e o Justin por perto. Sério. Totalmente normal.”

Não é o que eles diriam.

Eles diriam: *Acho que ela gosta de meninas.*

Eles diriam: *Aposto que uma noite comigo a faria mudar de ideia.*

“Então, quem é?” Não estou nada pronta para contar isso e tenho tanto medo que ela fique puta se eu não falar... Mas não posso. Ela vê minha dor e diz. “Sem pressa. Essas coisas levam tempo.”



Kristina está na terceira cerveja da noite. Ela diz: “Não acredito que você não me contou, cara”.

Me sinto culpada e faço uma careta para mostrar.

“Estava com medo?”, Justin pergunta.

“Eu me lembro de ter medo”, diz Chad.

Isso me faz sorrir para ele.

Eu finjo que quero dançar para escapar dessa conversa, mas Kristina vem comigo. Donna se junta a ela e as duas ficam todas agarradinhas uma com a outra e isso me deixa desconfortável. Então eu danço até o cantinho e fico parada, tentando não observá-las.

Quando Kristina vê que eu escapei, ela dança em minha direção, Donna vem bem atrás dela.

“Por que você não liga pra sua namorada?”, Kristina grita. A música está realmente alta.

“Nah”, eu digo.

“Por que não?”

“Porque não”, eu digo. Argh. A vida era muito mais simples horas atrás, quando ela achava que eu era apenas uma esponja assexuada do mar.

“Sou eu, não é?”, Kristina diz em sua tagarelice nervosa de três cervejas. Apesar de toda a confiança controladora de garota de U. Valley de rabo de cavalo, ela com certeza tem pontos fracos. “Por que você não liga pra ela?”, Kristina pergunta, apontando para seu peito.

“Você está bêbada.”

“Não. Pense nisso, Astrid.”

Ela está certa. É ela. Como posso ser eu mesma com Dee e Kristina na mesma sala? Não estou pronta para isso ainda. Acabei de contar para Kristina esta noite.

Eu digo: “O que aconteceu com ‘essas coisas levam tempo’?”.

Ela para e assente.

“É, mas devia me contar quem é.”

“Eu te conto depois. Não é a hora ou lugar certo.”

“Ela é da escola? Eu conheço?”

Dou a ela um olhar irritado.

“Vamos. Só uma dica”, ela diz. Olho em sua direção novamente e reviro os olhos. “Tá, vou chutar então. É a Briana? A Lisa? Aquela menina que faz aula em casa, mas toca na banda, qual é o nome dela? Kelly sei lá das quantas?”

Eu viro a cabeça e pareço ainda mais irritada do que um minuto atrás.

“É uma jogadora de hóquei, não é? É por isso que você foi a alguns jogos de hóquei da Ellis este ano”, ela diz. Eu fico com cara de paisagem. “É a Kira? Kelly? Michelle?”

Múltiplas escolhas. Hmmm. Talvez não seja a pior forma disso sair. Não é algo de que Frank S. teria orgulho, mas poderia funcionar.

“Estou esquentando? Esfriando?”, ela pergunta.

“Não”, é tudo o que eu digo. “Você só está ficando irritante.”

“Mais frio. Posso ler sua mente. Se não é uma das jogadoras de hóquei, então talvez...”

Meu rosto treme. Diabos.

“Outra escola. Sim. Que tal... Dee Roberts?”

Merda! Eu tento dar a ela um olhar de cale-essa-maldita-boca.

“Ai, meu Deus! É a Dee Roberts, não é?”

Eu não digo nada e tento continuar parecendo irritada.

“É *sim*! Hah! Não brinca!”

“Para. Deixa que eu conto quando estiver pronta.”

“Não precisa contar. Eu já sei. Eu devia ter mesmo imaginado isso. Vocês estão trabalhando juntas há meses. Estou sacando.”

Suspiro.

“Ah, deixa disso. Não é grande coisa eu saber. De qualquer forma, Dee é assumida há anos. Não é que você a tenha exposto ou sei lá.”

“Eu não te disse que era a Dee Roberts.”

“Sim, mas você não negou que era ela também. Devia ligar e dizer para ela vir correndo pra cá.”

“Por quê? Para você se gabar de como adivinhou?”

“Não me gabo.”

“Enfim, para começar, você nunca saberia se eu não tivesse contado. Você pensaria que eu ainda era uma traça de livro andrógina.”

“Espere. Você não é uma traça de livros andrógina?”, ela diz e tira o telefone. “Droga! Preciso atualizar meus arquivos.”



O caminho de volta ao estacionamento é divertido. Nós sopramos algumas músicas que eles tocam na Atlantis e cantamos juntos desafinados. Eu vejo a paisagem passar, uma ocasional casa de fazenda e os campos de milho. Então a lanchonete Legião, quando eu me lembro que Jeff me pressionou em seu carro com força demais.

Quando Donna e Chad saem do carro, Justin diz: “Estou tão feliz por você, Astrid. Queria ter sabido antes para ter te ajudado”.

“Eu também”, Kristina diz. Não completamente convincente. Quase como se estivesse um pouco brava ou algo assim.

“Acho que eu tinha de encontrar meu próprio tempo. Não sei, ainda não estou muito certa, sabe?”

“Isso vai mudar”, Kristina diz. O que é mais carinhoso do que a última coisa que ela disse.

Não falo mais nada até a rua principal, e quando Justin para na frente da minha casa para me deixar sair, eu digo adeus e fecho silenciosamente a porta do carro. Caminho para a porta da frente, tranco, desligo as luzes, saio pela porta dos fundos e deito na minha mesa. Não tenho nenhum pensamento, porque não tenho certeza de quais pensamentos ter. Sei que acabei de mudar as coisas, mas não tenho certeza se a mudança é para melhor ou pior. Então eu acabo apenas enviando meu amor lá para cima. Longe daqui, porque o amor não deveria ficar no meio de uma confusão assim. Merece ser um comprometimento total.

Então desejo que fosse fácil mandar a mim mesma para longe daqui, com a mesma facilidade com que mando meu amor. Acho que eu mereço um comprometimento total também. Da minha família, dos meus amigos, da minha namorada, de mim mesma... E, por algum motivo, eu acho que começar em outro lugar seria a melhor forma de fazer isso.

Então envio meu amor, e pergunto aos passageiros: *Para onde vocês estão indo? Posso ir com vocês? Talvez para onde vão eu poderia finalmente me sentir em casa.*



PASSAGEIRO #338790
BILL DERRINGER, ASSENTO 12E
VOO #795
DE LOS ANGELES PARA FILADÉLFIA
UPGRADE PARA CLASSE EXECUTIVA

Voltar para casa de novo não é algo que eu achei que faria. Não para seus casamentos ou seus bebês ou formaturas. Nem para seus funerais. A ideia era: *saia e nunca mais volte.*

Mas a ideia mudou quando ouvi que Nuna tinha câncer.

Câncer. Minha irmãzinha. Eu nem conheci seu marido ainda, e eles estão casados há dezessete anos! Três filhos. Uma casinha ao lado do rio, descendo

a rua de onde crescemos. Descendo a rua de todos esses bobalhões que fofocaram até eu decidir sair da cidade.

Dei um *Google* neles. A maioria ainda mora lá. Antes do câncer, eu me importava com isso.

Antes do câncer, você dá valor à um monte de bobagem que não importa realmente.

Quando parti, eu os chamei de câncer. Disse que a fofoca era *como* câncer. Percebi tarde demais que fofoca não mata, a não ser que você deixe. Mas o câncer? O câncer não dá a mínima para o quanto você quer viver. Se quer te matar, ele te mata.

O câncer matou meu pai. Eu não voltei para seu enterro porque eu havia decidido nunca mais voltar... e porque ele nunca entendeu minha necessidade de me mudar, e levou como uma afronta pessoal. Então perdi o enterro da minha mãe porque eu fazia negócios no Japão e não achava que ela iria me querer lá depois da carta que me enviou após o enterro do meu pai. Ela disse que eu a magoei. Ela disse que minha fuga da família um dia pareceria tolice para mim, assim como foi com ela. Ela disse: *um dia isso vai te atingir*.

Semana passada. Semana passada me atingiu. Nuna. Meu adeus final.

Agora ela se foi. E eu embalei meu terno preto, e Anne vai me encontrar para o enterro em dois dias, então terei alguém para segurar minha mão.

Olho do banco 12F para o céu escuro e vejo a lua. Não está bem cheia, mas é grande. Então Nuna aparece fora da janela. Está saudável. Ainda tem seu cabelo e aquele sorriso. Nos olhamos por um longo tempo. Ela me manda essa sensação, como se dissesse que me ama. Como se dissesse que tudo bem eu ter partido. Então, ela vai embora e voa pela lua, e tenho a sensação de que passei de carro por uma daquelas lombadas, bem na velocidade certa. Rio dela e me sinto como quando éramos crianças, e ela se exibia dando piruetas no quintal. Fico de olho nela, que continua voando ao redor da lua, e eu continuo rindo.

É assim que quero me lembrar dela. Voando ao redor da lua.

BIG BANG

Não posso manter esse segredo da Dee também. É a coisa que me ocorre enquanto dirijo para o trabalho.

Então Dee pergunta algumas vezes: “Por que está tão cansada nos domingos?”.

Eu digo a ela que vou contar mais tarde, o que não é mentira, então é bom. Quando caminhamos para o estacionamento depois do trabalho, eu digo: “O que vai fazer na próxima hora?”.

Ela dá de ombros e balança a cabeça.

Eu digo a ela para dirigir para *Freedom Lake* e que vou encontrá-la em dez minutos.

Ligo para Kristina a caminho do lago para me certificar de que vou ficar bem com ela. “Primeiro, sinto muito novamente por não ter contado antes. Segundo, quero contar tudo para Dee, para que ela possa vir com a gente no próximo final de semana. Tudo bem com vocês?”

Ela faz uma pausa. Sei que está tendo com ela a mesma conversa que eu tive comigo, sobre como *uma pessoa* deve contar algo, e que isso seria o suficiente para arruinar tudo.

“Tudo bem”, ela diz finalmente, mas escuto algo na voz dela que soa como se não fosse de fato ok.

“E convidá-la para vir com a gente para a Atlantis no próximo sábado. Numa boa, certo?”

“Ai, merda. É... sábado que vem. Olha... antes de a gente sair, prometi a Jeff outro encontro.”

“Ughhhh. Eu te disse que eu não faria mais isso.”

“Eu sei. Mas Justin e eu estaremos lá. E Jeff vai te dar cobertura de novo, e isso é bom, certo?”

“Você prometeu.”

“Eu sei, mas o moleque está apaixonadinho, cara. Só mais uma vez? É o disfarce perfeito e Claire está aceitando e tudo mais.”

“Ughhhh. Tá. Tchau!”

“Faça Dee vir com a gente na próxima semana!”, ela diz antes de desligar.

É oficial.

Estou prestes a fazer dois mundos colidirem.



Dee está no telefone quando estaciono e caminho para a janela do motorista com a toalha de piquenique jogada sobre meu braço. Ela faz um sinal para eu esperar e me encosto atrás do carro até ela terminar. Parece brava quando desliga.

“Uau. O que foi isso?”, pergunto.

“Jessie”, ela diz. Colega de equipe de Ellis e parceira de corridas, velha amiga de Dee do campo de hóquei.

“O que ela falou que te fez olhar assim?”

“Vou te dar uma dica”, ela diz. “Começa com um J e termina com um *eff*.” Percebo que Jessie ouviu que Jeff e eu saímos em duplas ontem à noite. “Agora entendo por que você está tão cansada nas manhãs de domingo. Droga!”

“Ughhh. Esse Jeff. Jesus!”, eu digo.

Ela se anima um pouco ao ver minha genuína irritação à mera menção do nome dele.

“Olha. Tenho um monte de coisas para te contar. Quando terminarmos, você vai entender tudo. Até esse *encontro* idiota.” Trago meus dedos no ar para por aspas na palavra *encontro*, e a toalha desliza para a dobra do meu cotovelo. Começo a trilha para a clareira, e ela me segue. Estamos ambas ainda vestidas para a cozinha e estou certa de que tenho cheiro de tripa de camarão.

Quando chegamos à nossa área favorita de piquenique, eu estendo a toalha e deito de costas.

“Não tenho certeza de como começar. Quero dizer, primeiro, precisa prometer que fica tudo entre nós.”

“Dã.”

“Não. Falo sério. Isso precisa ficar entre nós. Até se a gente terminar ou começar a odiar uma a outra ou o que seja.”

“Terminar? Estamos em um relacionamento?”

Levanto o dedo mindinho para que ela possa ver.

“Prometa.”

“Prometo”, ela diz.

“Tá. Primeiro quero que saia comigo no próximo sábado à noite.”

“Hum, com ou sem o Jeff Garnet?”

“Sem. Vamos depois desse *encontro*.” Uso as aspas de novo.

“De onde eu venho, isso significa traição”, ela diz. Mas está sorrindo, então sei que não está mais brava. “Espere, você disse *depois*? Tipo... quão tarde?”

“Das 23 às 2h30?”

“Isso é tarde.” Ela para, entende e me dá um tapinha no braço. “Ei! É por isso que está tão cansada hoje?”

“Eu chamaria isso de exausta”, eu digo. “Graças à Atlantis.”

Ela vira a cabeça para olhar para mim e me faz virar a cabeça também.

“Está zoando comigo? Foi à Atlantis?” Então parece preocupada. “Sozinha?”

“Com amigos.”

“Agora você tem amigos gays?”

“Na verdade, bem antes de te conhecer.”

“Está cheia de surpresas. Eu conheço?”

“Tenho certeza.”

“E?”

“E essa é a coisa que você não pode contar a ninguém. Ainda promete?”

“Ã-hã.”

“Entre nós?”

“Ai, meu Deus, conta logo.”

Respiro fundo.

“Kristina e Justin.”

Ela não entende nada. Olha perdida.

Eu digo.

“Krisina e Donna, Justin e Chad.”

“Quem é Chad?”

“Chad é o namorado de Justin Lampley.”

Ela se senta e me encara.

“Você quer dizer Kristina Houck? Sua amiga?”

“É.”

“Uau”, ela diz. Eu vejo um avião voar a oeste sobre mim; é apenas um pequeno brilho no céu. Envio meu amor para ele por apenas um segundo porque me sinto culpada deixando todas aquelas pessoas lá sozinhas.

“Mas ouvi todos esses boatos sobre os dois!”, ela continua. “Como ela curte todo tipo de coisa estranha... Semana passada ouvi que ela gosta de latir enquanto transa.”

Levanto minha mão.

“Culpa minha. Ela me fez espalhar esse aí. Só tive de contar a Shelly Anne e meu trabalho estava feito. Shelly Anne faz um raio atingir três bairros.”

“Jessie sempre diz que ela é como a garotinha da cidade por lá”, diz. Ela leva outro minuto para entender. “As pessoas iam surtar se soubessem disso, não iam?”

“Verdade. Então, e sábado? Você vai?”

“Você não tem que voltar pra casa meia-noite ou sei lá?”

“É onde o Jeff entra.” Eu reviro os olhos. “Aparentemente minha mãe aceita a palavra de um garoto que ela nunca viu quando se trata de coisas importantes, como me deixar voltar pra casa mais tarde. Jeff diz que vamos a um filme à meia-noite e minha mãe diz, ótimo, esteja em casa 2h30, e aí está sua resposta à pergunta do Jeff.”

“É, mas Jessie me disse que ele está mesmo na sua.”

“Ele *está* na minha.” Faço uma cara de vômito. “Mas Kristina prometeu bebida a ele, então quando saímos ele dá cobertura pra mim. Infelizmente, isso significa que tenho de aguentar outro *encontro* com ele o final de semana que vem. Mas é um encontro duplo, com Kristina e Justin, e é a última vez, então vai ser totalmente ok. Daí vou para a Atlantis com você, certo?” Seguro a mão dela e vejo outro avião entrar no meu campo de visão vindo do leste. “Então, eu podia te dar cobertura se quiser. Quero dizer, podemos dizer que estamos todos indo ao cinema ou algo assim.”

É um jato grande, provavelmente um 747. Quero perguntar aos passageiros se eles podem nos ver deitadas aqui de mãos dadas, e se parecemos felizes.

“Minha mãe leva numa boa essas coisas”, ela diz. “Então, o que você disse mais tarde... Sobre terminar... Você nunca me respondeu.”

“O quê?”

“Estamos em um relacionamento?”

Pergunto aos passageiros: *estamos em um relacionamento?*

“Sim. Acho que estamos. Mas é segredo.”

“Eu sei”, ela diz.

“Desculpa.”

“Não peça desculpas.”

Eu pergunto aos passageiros: *por que eu ainda peço desculpas?*

“Não parece muito justo pra você. Quero dizer, queria ter outros lugares onde pudéssemos nos encontrar e sair”, eu digo.

Ela rola para cima de mim.

“Que tal aqui? E agora?”

Quando Dee me beija, o gosto dela é tudo o que eu preciso para apenas desejar que tudo fique assim para sempre. Não me importo mais se algum motoqueiro da montanha passar pela trilha. Não me importo mais com nada. Nem com Zenão, nem com Sócrates. Nem com o movimento ou com a verdade. Quando Dee me beija, estou viva. Em movimento. Eu sou a verdade.

ESTA NÃO É UMA CONVERSA EDUCADA PARA SE TER NO JANTAR

No jantar na noite de segunda, Ellis é uma grande babaca.

“Agora parece que toda a linha de frente é formada por sapatonas, tipo um piquenique. Achei que era só a Kelly e a Kira, mas agora ouvi falar de Michelle e Gabby também.”

Minha mãe diz: “Ellis, isso é ridículo”.

“Eu sei, certo? Nossa! É como se isso estivesse... espalhando.”

Minha mãe diz: “Você tem saído com essas desmioladas faz muito tempo”.

“É”, eu digo.

Meu pai apenas come. Não acredito que ninguém além de mim consegue sentir o cheiro de baseado que vem dele. Está em um ponto que acho que podemos raspar sua pele e fumá-la que vai dar um barato.

Ellis ri.

“Que tal lanche lésbico? É melhor?”

“Não”, minha mãe diz.

“Hum, festa gay no jardim...”

“Pare”, minha mãe diz. “Não seja cabeça pequena.”

“É”, eu digo.

Minha mãe se estica e acaricia o braço da Ellis.

“Acho que você precisa de uma noite de Mamãe e Filha.”

Ah... Claro que ela precisa. Porque nada é melhor para fornecer disciplina materna para uma filha sobre palavrado homofóbico do que se arrumar toda e beber, mesmo sendo menor de idade, em algum clube distante onde mentes mais abertas estarão presentes.

“Vou correr com a Jess nesta semana”, Ellis diz.

“Ah, vamos lá. Uma noite sem corrida não vai te matar.”

“Eu vou”, digo, aparentemente sem controle da minha própria boca. Por que eu disse isso?

“Acho que posso na quinta”, Ellis diz.

“Ótimo”, minha mãe responde. “Vamos na quinta.” Ela nem olha para mim quando diz isso. Sua mão ainda está no braço da Ellis. Isso era como uma conversa particular que elas estavam tendo. Minha oferta para ir junto ficou em outra dimensão.

A conversa do jantar muda e meu pai menciona seu grampeador e como ele agora usa o de Diane (a suposta ladra) toda vez que precisa grampear algo. Ninguém responde também, como se ele estivesse na mesma dimensão que eu.

“Fiz sobremesa!”, minha mãe diz, limpando a mesa. “Tinha ovos sobrando, então fiz um pudim com ovos.”

“Oh”, todos dizemos, porque a família Jones não come sobremesa, a não ser que seja um feriado. Nós todos nos sentamos e ela serve a cada um uma tigela de pudim de pão quente com sorvete.

Então ela se senta e se vira para mim.

“Como foi seu encontro na noite de sábado? Kristina disse que foi muito divertido.”

“Foi.”

“Divertido *divertido* ou apenas divertido?”

Penso no sábado. Estou ansiosa pelo próximo sábado.

“Só divertido, mas com a possibilidade de se tornar mais divertido”, eu digo.

“Você deveria sair mais. Sabe, ver o Jeff nas noites de sexta também, se as coisas estiverem começando a esquentar”, ela diz.

Blé.

“Quero saber quando as coisas começarem a esquentar antes de pegarem fogo”, meu pai diz.

“É meu direito como pai. Além do mais, vou precisar sentar com ele e ter uma conversa.”

“Não estão esquentando. E quem diz isso hoje em dia?”

Ellis diz.

“Quente. Quente. Quente.”

“Cala a boca”, eu digo. Ela mostra a língua cheia de sorvete para mim.

“Você tem o resto da vida pra fazer isso”, meu pai diz.

“Gerry, você não entende nada de adolescentes”, mamãe fala. Ela se vira de volta para mim.

“Ao contrário de seu pai, eu sei o que todo mundo está fazendo. Não precisa falar sobre isso, só me prometa que vai tomar os devidos cuidados.”

Ai, meu Deus. Preciso de uma pílula de invisibilidade agora. Preciso do anel do Frodo Baggins. Meu precioso! Onde está o anel?

“Podemos voltar a falar do lanche das lésbicas ou o que seja?”, eu digo enquanto me levanto e deixo minha sobremesa comida pela metade na pia. De repente, fico paralisada com a verdade. *Não tenho controle sobre minha vida.* Agora que fiz mundos colidirem, tenho menos controle do que tinha antes.



Na quinta à noite, quando volto para casa, Ellis e minha mãe já estão se embonecando para a noite de Mamãe e Filha, e Ellis está com seu vestido vermelho que é curto demais para uma menina de 16 anos.

“Adorei!”, mamãe diz.

Fecho a porta do meu quarto e leio mais um pouco de Platão. A aula de Filosofia de hoje era o que eu estava esperando. Penny Uppergrove, a über-oradora que tem memória fotográfica, finalmente surtou. Ela enlouquece a professora Steck. *Mas qual é a resposta? Como algum de nós pode passar na prova se você não nos dá as respostas?*

Hoje ela gritou: “Eu desisto! Como posso estudar qualquer coisa se não há respostas?”. Então ela explode alto, em lágrimas altas desagradáveis. A cena termina com dois dos apaixonados por Zenão conversando com ela no fundo da classe, com a professora Streck prometendo que a aula não vai sujar seu boletim.

Escuto a mamãe e Ellis batendo os saltinhos escada abaixo depois de aplicar maquiagem o suficiente e se enfeitar de joias.

“Sugiro tornarmos quinta a nova sexta”, escuto minha mãe dizer a ela saindo pela porta.

“Quem precisa de escola?”

E, claro, Ellis não vai para a escola na sexta. Nem Penny Uppergrave. Mas o pai dela vai ver o diretor, o que é a conversa do almoço do sexto período.

Eles dizem: *Aquela professora Steck está deixando os alunos comandarem suas aulas.*

Eles dizem: *Que tipo de aula não tem provas? É para isso que vai o dinheiro dos nossos impostos?*

Começamos a unidade sobre o Mito da Caverna. É uma parte em *A República* de Platão onde ele escreveu um diálogo entre seu irmão Glauco e seu professor, Sócrates. A versão curta: um povo que está acorrentado em uma caverna só é capaz de ver uma parede. A parede tem sombras projetadas de uma fogueira que não é possível ver. Eles imaginam o que são as sombras. A realidade deles se torna essas sombras.

Clay leu isso antes. Claro. Conhece *tudo sobre* o Mito da Caverna.

“A única vida que esses prisioneiros conhecem é o som e sombras da caverna. Imagine viver assim!”, ele diz. “Ou talvez estejamos vivendo assim, certo?”

A professora Steck o detém antes que ele possa estragar o resto. Aparentemente, há mais diversão por vir para os prisioneiros na caverna. Por enquanto, tudo o que temos a nos preocupar é um ensaio de trezentas palavras do ponto de vista de um dos prisioneiros explorando o reino da crença versus o reino do conhecimento.

O que, se você pensar bem, é um assunto bem engraçado para se explorar em Unity Valley.

CONFISSÕES DE UMA RAINHA DA DANÇA

Comparado ao sábado passado, o trabalho é um sossego. Sou mandada ao frigorífico para checar o estoque para o segundo grande trabalho na próxima semana. Vejo Dee algumas vezes, ao longe, na cozinha. Ela sorri para mim e tenho aquela sensação novamente, como da primeira vez em que ela sorriu para mim no jogo de hóquei.

Antes de sair do estacionamento, ela diz: “Estou bem empolgada para esta noite”.

“Eu também.” Tento alcançá-la, mas ela se afasta um pouco, como se quisesse me fazer desejá-la mais por manter distância a manhã toda.

Ela mexe com o zíper do seu moletom, então levanta o olhar e tem uma expressão estranha no rosto.

“Como é, Jones? Quero dizer, o que devo usar?”

Ela está claramente nervosa. Eu sorrio e digo: “Qualquer coisa que você usar será perfeito. Você é bonita. Vai ficar bem com tudo”.

“Acha mesmo que sou bonita?”

“Prefere que eu diga que você é gostosa? Sexy? Gostosa e sexy?”

“Bonita serve.”

“Bom. Use o que você usa para dançar. Você dança, certo?”

“Danço.”

“Bom. Então esta noite vai ser nossa primeira dança. Mal posso esperar”, digo. Só quando escuto sair da minha boca eu me lembro que não sou um robô.

“Divirta-se no seu encontro”, ela diz, o que me lembra que eu tenho de ver o Jeff e mentir para ele por algumas horas antes de ir para a Atlantis. “Quero um relatório completo.”

“Eu te vejo no estacionamento às 11 horas?”

Ela assente. Sem beijos de despedida. Só ficamos olhando uma para a outra, sorrindo.



A lanchonete Legião está particularmente movimentada esta noite, então pela primeira vez vamos mais cedo. Justin, Kristina e eu esperamos Jeff aparecer, e conversamos.

“Eu não posso mais enrolá-lo desse jeito. Todo mundo sabe que ele está a fim de mim, e não quero ferir os sentimentos dele. Quer dizer, ele é um cara bacana. Odeio mentir para ele.”

“Você não odiou mentir para nós”, Kristina diz.

Deus. Queria que ela pudesse apenas escolher um lado e ficar lá por um minuto.

“Miau”, Justin diz. Ele pisca para mim.

Então Jeff chega, daí não podemos ter o resto da discussão.

Aqui estão as estatísticas do jantar:

✓ Apertos na perna: 21

✓ Elogios sobre meu visual cochichados pertinho da minha orelha: 6

- ✓ *Uso do termo mano quando conversa com o Justin: 13*
- ✓ *Apertadinhas na bunda (quando levanto para ir ao banheiro): 2*
- ✓ *Visões de Frank Sócrates: 0*
- ✓ *Minutos me sentindo culpada por mentir: aproximadamente todos os 110*

Dee está esperando no estacionamento do bar quando chegamos no carro do Justin às 10h56. Estamos ansiosas. Vejo as luzes de um avião passando sobre mim. *Vocês estariam ansiosos também*, eu digo.

Corro para dentro do carro da Dee e pulo nela como um cachorro solitário depois de um dia sozinho em casa. Isso é provavelmente o jeito mais atirado com que já agi com ela, e enquanto faço isso, tento descobrir por que. Acho que tem algo a ver com Jeff Garnet.

Ela desliza sua mão pela cintura do meu jeans, no meu quadril. Eu a beijo como se não estivéssemos em um estacionamento cercados por um bando de outras pessoas. Alguém bate na janela.

“Deixa disso, amorzinhos. Vamos nessa!”

Apesar de Dee conhecer Kristina apenas vagamente, eu as apresentei como se elas nunca tivessem se visto antes. E, estranhamente, elas interagiram como se esse fosse o caso. Noto um respeito em relação à Dee. Ela é assumida. Nós não.

Passar pela porta só me causa pequenas palpitações desta vez. Jim, o segurança, parece nos reconhecer da semana anterior. Ele tira nossas notas de 5 dólares e as empilha sobre as outras notas de 5 em sua pequena caixa de dinheiro.

Dee fica perto, e eu seguro sua mão enquanto a conduzo dos fundos do bar para o canto da pista de dança.

“É sempre alto assim?”, Dee berra no meu ouvido.

Eu mostro dois dedos e digo: “Só estive aqui duas vezes, mas é, acho que sim”.

Ela assente.

Nós duas dançamos no lugar, mas só um pouquinho. Os braços de Dee estão me abraçando por trás, como um cobertor, e eu me sinto relaxar. Depois de meia hora vendo as outras pessoas dançando, Donna pergunta se eu quero algo para beber, e antes que eu possa pedir uma garrafa d’água, Dee pede para nós duas *ices* e passa a Donna 10 dólares.

Donna traz as garrafas, Dee pega as duas e me passa uma, segurando a sua para brindarmos. A música é um techno particularmente alto, e ela quase tem de gritar: “A nós!”.

Eu brindo. Eu bebo. Não é nada mal. Tem gosto de limonada.

Meia hora depois, estou me sentindo bem soltinha. E feliz. Feliz e soltinha. Sei que isso tem algo a ver com a *ice*. Enquanto olho ao redor do bar, vejo gente sorrindo para mim. Uma delas é a motoqueira com seu apito. Ela acena e Dee pergunta se eu a conheço.

“Mais ou menos.”

Aceno de volta e mando um beijo, o que a faz apontar para mim e assoprar o apito.



Estou dançando como se não fosse um robô dançarino. Não sei o que aconteceu. De repente,

consigo dançar como se tivesse feito aquilo milhões de vezes antes. Como se fosse uma *rainha* da dança. Dee está bem aqui, se esfregando em mim. Somos duas partes do mesmo animal. As pessoas estão comemorando. Estamos em chamas. Toda vez que Dee coloca seu rosto perto do meu, nós nos beijamos. Bem ali na pista de dança. Depois que a música termina, ficamos em um canto, bebemos água, ela bebe mais *ice* e enfia a mão no bolso de trás do meu jeans. É como se alguém tivesse pego a verdadeira Astrid Jones e substituído por uma que acha normal agir com intimidade em lugares públicos. É como se eu fosse *a antiAstrid*.

“Vocês duas são gostosas”, alguém diz. Quando meu ouvido escuta, é distorcido.

A motoqueira está fazendo círculos pelo bar com seu apito, e para uma vez para se esfregar em nós duas. Não é sacana como parece. Não é realmente se esfregar. Só estamos fazendo graça.

E estou bem certa de que sou gay.

Quero dizer, não só porque estou apaixonada pela Dee, mas parece que essas pessoas são *minha turma* ou algo assim.

Quando o *barmen* avisa dos últimos pedidos e as luzes piscam, estou cansada demais para dançar. Ainda estou um pouco bêbada, mas não estou mais tonta. O mesmo não pode ser dito sobre Dee.

“Vou te levar para casa no seu carro”, eu digo. “Daí posso encontrar todo mundo no estacionamento.”

“Estou bem”, ela diz enrolada.

Pego as chaves dela, prova de que seu tempo de reação está péssimo.

“Estou melhor.”

No estacionamento do bar, Kristina e Donna entram no carro de Donna por alguns minutos e Justin e Chad estão no carro do Justin. Concordamos em partir em cinco minutos, depois de um tempinho *sozinhos*.

Dee olha pra seu relógio.

“Que droga, cara. Temos de estar no trabalho em três horas.”

Eu a beijo no pescoço.

“Valeu muito a pena.”

“Verdade!” Ela me beija babona e faz meu interior revirar. Nos pegamos por alguns minutos e tudo está indo ótimo, até ela enfiar a mão dentro da minha calça e eu ter de pará-la porque não quero ir tão longe.

Ela bate no assento do carro e diz: “Droga, Jones! Ou caga ou sai da moita!”.

Eu decido que Dee agora está bem para dirigir para casa.

Que tal sair da moita dessa maneira?

A VIDA FORA DA MOITA É TRANQUILA

Entro no carro de Justin e todos nós partimos para Unity Valley. Eu não digo adeus para Dee e não choro. Não sinto nada além de uma indiferença anestesiada. Parte de mim me repreende por tê-la levado até a Atlantis. Parte de mim sabia que essa era uma má ideia.

Talvez parte de mim até se pergunte se eu sou mesmo gay, apesar de que apenas uma hora atrás eu estivesse 99,9% certa. É como se eu tivesse entrado em um grande círculo.

Mas qual é mesmo a diferença entre Jeff Garnet e Dee Roberts agora? Semana passada, Jeff me pressionava contra seu carro como um baita idiota, e esta noite Dee faz a mesma merda comigo.

“Você está bem aí?”, Kristina pergunta.

“Sim.”

“Algo aconteceu com a Dee?”

“Não. Só estou cansada.”

“Você se matou de dançar!”, Justin diz. “Foi incrível!”

“É”, eu digo. Penso: *Mas o que importa agora? Eu não posso apenas dançar. Não posso apenas me divertir. Se eu começar a me divertir um pouco, vou ter de cagar ou sair da moita.*



Meu alarme toca às 5 horas e eu aperto o “soneca”. Toca de novo às 5h09 e eu aperto novamente. Finalmente, às 5h18 eu me levanto e me visto. Não faço nada com meu cabelo, só passo os dedos.

Quando chego ao Maldonado, acho que posso ter dormido na direção. Duas vezes. Não me lembro dos últimos quatro quarteirões da rua Washington. Dee já está lá dentro, o que significa que eu devo estar bem atrasada.

Sorrio e finjo que não estou com o coração partido. *Caga ou sai da moita.* Eu mal consigo manter meus olhos abertos, então a rotina de *estou cansada demais para conversar* é 100% crível. A manhã passa lentamente. Eu limpo 600 bilhões de camarões e Dee corta brócolis e couve flor em 12 milhões de trilhões de perfeitas arvorezinhas. Nós lavamos e picamos frutas juntas e resmungamos ocasionalmente.

Eu evito todo contato com ambos os frigoríficos até uma rápida checagem no estoque, enquanto Dee lava os pratos. Tenho certeza de que ela nota, mas não fala nada.

A única conversa que temos o dia todo que não é sobre comida é essa: ELA: Oi.

EU: Oi.

ELA: Quer ir ao lago depois do trabalho?

EU: Sim.

ELA: Só preciso estar em casa às 3.

EU: Ótimo.



Dee e eu estamos no nosso cobertor no ponto costumeiro no *Freedom Lake*, apenas deitadas de costas olhando o céu. Está frio hoje, e nós duas estamos usando nossos cachecóis e chapéus. Eu avisto um pequeno jato de ponte aérea descendo em direção ao aeroporto local e envio todo o meu amor. Todo.

Dee não tem muito o que dizer, nem eu. Estamos as duas cansadas – ou talvez ela esteja mais cansada e eu esteja mais fingindo que estou cansada para não ter de conversar.

Pergunto aos passageiros: *Ela está balançando a cabeça de decepção? Ela está gritando cague ou saia da moita de seu assento reclinável de primeira classe estampado de hélices de cores neutras e desenhos de avião? Ela está cansada de me ouvir dizer isso?*

Como se estivesse lendo minha mente, ela pergunta: “Está chateada comigo pela noite passada?”.

“Nah.”

Silêncio.

“Isso significa sim, não é?”

Eu me sento, cruzo as pernas e olho para ela.

“Aquela coisa que você disse. Me irritou.”

“Que coisa que eu disse?”

“Cague ou saia da moita.” Quando digo isso, eu a escuto dizer novamente, e essa raiva enorme, fora de proporção.

“Ah. Isso...”, ela diz. Ela se senta também. “O que tem de errado em dizer isso? Você diz o tempo todo.”

“Digo para gente que demora no sinal verde ou que não consegue decidir sobre um tema para a próxima pesquisa da escola. Não digo para coisas importantes como essa!” Estou gritando um pouco. “Como pode estar tão calma e agir como se não fosse nada?”

Ela me encara.

“É assim que quer fazer amor comigo pela primeira vez? Forçando?” Estou chorando. Sei que estou chorando por todo mundo que tenta me controlar, mas não consigo explicar isso para Dee agora.

“Relaxa, cara! Eu nunca faria nada que fizesse você se sentir mal. Nossa! Você me faz parecer uma estupradora. Sabe que eu não sou assim.”

“Você foi na noite passada.”

“Pare de dizer isso. Eu não fui não.”

“Cara, eu tive que te fazer parar. Se eu não tivesse te parado, o que teria acontecido?”

“Que droga!”, ela grita, jogando as mãos para cima. “Não consigo te entender, Jones. Um minuto você me quer, e no seguinte não.”

“Babaquice. Quero você o tempo todo, mas pedi para ser paciente.”

“Eu fui paciente!”

“Por duas semanas. É o tempo que você foi paciente!”

Ela mastiga o interior da bochecha. “Eu não entendo que grande merda é isso. Quero dizer, estamos juntas há mais de cinco meses agora. Estou certa que te amo!”

Uau. Isso foi... forte. Não romântico, mas... uau!

“Oh”, eu digo.

“Oh? É tudo o que vai dizer?”

“Não”, eu digo, tentando ser forte também. “Vou dizer que se você... se você acha que me ama, então não deveria me tratar como alguém que me ama e respeita? E ser paciente comigo?”

Percebo que estou dizendo isso não apenas para Dee, mas também para minha mãe, Kristina, Ellis, e Jeff... E talvez até para mim mesma.

Dee suspira e aperta minha mão.

“Sinto muito, Astrid.”

Olhamos uma para a outra por um minuto inteiro. Traço suas proeminentes maçãs do rosto até seus lábios cheios, e desejo que eu não me sentisse nem um pouco atraída por eles. Acho que estou voltando a ser uma esponja do mar assexuada, e choro mais.

Ela diz: “Sinto muito, tá?”.

“Tá”, eu digo.

“É mesmo frustrante pra mim. Eu nunca estive com alguém que esperasse tanto, sabe?”

“Não vê como até isso machuca?”

“É. Desculpa.”

Ficamos em silêncio por um tempo. Eu seco minhas lágrimas.

“Olha, eu não queria falar alto e ficar brava. Eu só... tenho andado sob muita pressão de todos, e preciso de um tempo.”

“Da gente?”

“Quê?”

“Precisa de um tempo da gente?”, ela pergunta.

“Não sei. Acho que não. Quero dizer, não sei.” Vejo um avião passar pelo céu e invejo o poder e o controle dele. Percebo simultaneamente que sem um piloto ele iria cair. Preciso ser meu próprio piloto agora, e não entendo por que meu copiloto está dizendo coisas como *cague ou saia da moita*. Não parece uma boa equipe.

Dee olha suavemente para mim.

“Não quero te magoar, sabe?” Ela pega um longo pedaço de grama e marca com a unha do dedo. “Lembra da Deanna Klinger?”

“Sim.” Lembro-me vagamente dela. Acho que ela era do grupo de corrida.

“Namoramos por um tempo, sabia?”

Sinto meu rosto todo ficar quente.

“Ah”. Razão número 543 pela qual Dee Roberts foi uma má escolha para ser a primeira. Ela já namorou muitas meninas e eu não namorei ninguém.

“Ela... você sabe... escolheu o lado errado. Não foi bonito.”

“Escolheu o lado errado?”

“É... Ela encontrou um cara de quem ela gostava mesmo, e agora é toda hétero.”

Eu suspiro profundamente e me deito de volta para olhar o céu. Sem avião, sem passageiros para perguntar. Então pergunto às nuvens. *Vocês sabem que há um lado errado e um lado certo? Por que não me disseram?*

As nuvens não respondem.

“Então, quando você disse *cague ou saia da moita*, você não queria dizer apenas para eu me decidir. Você quis dizer para me assumir, ser gay, e terminar logo com isso?”

“Bem... É... Não entendo o que está esperando.”

“Você não entenderia. Isso foi moleza pra você, obviamente.”

“Está dizendo que você pode não ser gay? Que tudo isso é só algum tipo de brincadeira ou coisa assim?”

“Não é brincadeira.”

“Então o que é?”

“É uma pergunta. E estou respondendo, mas não sei a resposta ainda. Desculpe.”

Ela se deita e cruza os braços.

“E você não devia condenar Deanne Klinger. Talvez ela tenha percebido que não era o que achava que era. As pessoas mudam, sabe?”

“Você vai mudar?”, ela pergunta.

“Como eu posso saber? Não consigo ver o futuro”, respondo.

Deitamos lá, e quando um avião finalmente aparece no céu, visualizo uma cabine cheia de passageiros entusiasmados com seus destinos, e pergunto: *Não é suficiente amar os olhos incríveis da Dee e o cheiro do cabelo dela? Não é suficiente ela me achar engraçada? Ou quando nos divertimos aprontando no trabalho? Por que tudo tem que vir com uma definição rigorosa? Quem criou todos esses rótulos?*



PASSAGEIRO #0098

JOHN KIMBALL, ASSENTO 22B

VOO #1209

DE CHARLOTTE PARA ALLENTOWN

Jenny está dormindo e eu a vejo respirando no assento ao meu lado. Penso sobre o que ela disse na noite passada. Penso no que eu disse na semana passada. Não consigo descobrir se estamos tendo a mesma conversa ou o quê.

Tudo o que sei é que a pedi em casamento e formulei meu plano. Disse que deveríamos esperar até terminarmos a faculdade. Disse a ela que deveríamos ficar na área porque ela tem uma boa chance de conseguir aquele emprego na universidade.

Pratiquei o discurso por semanas. Fiz reservas no resort para o feriado. Comprei a aliança em março. *Março*. Nunca imaginei, nem em um milhão de anos, que ela a devolveria. Toco o bolso da minha calça do lado de fora e sinto o anel lá, contra minha pele.

A vejo dormindo e tento entender seus motivos. Ela não respondeu minhas perguntas na noite passada. *Não quer casar? Não me ama? É a aliança? Fiz algo de errado? Por que não está falando comigo?*

Olhando para fora da janela, tenho uma sensação de medo no peito. Como se alguém cutucasse minha garganta. *Talvez ela não te ame, John. Talvez ela esteja só te usando. Talvez ela esteja com você por causa do seu carro. É minha*

mãe. Ela disse tudo isso. E outras coisas. Mas, olhando pela janela, só consigo pensar em como minha mãe está errada sobre tudo isso. Jenny sempre me amou. Somos almas gêmeas. Foi amor à primeira vista. Eu sei.

Então por que ela disse não?

Ela nem disse *talvez* ou *me deixe pensar*. Ela apenas disse não.

Finjo tossir e bato meu cotovelo para ela acordar. Isso só a faz se revirar um pouco. Faço novamente e toco sua cabeça, digo a ela que estaremos pousando em breve. Dou a ela um minuto para se alongar e rolar um pouco o pescoço, mas só isso.

“Podemos conversar sobre aquilo?”, pergunto.

“Aqui?”

“Não posso te deixar e dirigir para a casa dos meus pais sem saber o motivo. Não é justo que você não me conte.”

Quando ela olha para mim, parece ter o coração partido.

“Não posso. É duro demais para conversar”, ela diz e lágrimas rolam por seu rosto.

“Por que está fazendo isso com a gente?”, pergunto. “Por que não pode apenas dizer sim?”, busco no meu bolso e tiro a aliança. “Apenas diga sim.” Estou soluçando. Essa é a primeira vez que ela me vê soluçando, e parece ligar um interruptor.

E ela me encara com seriedade.

“Minha mãe disse que um judeu casar com uma não-judia é como uma pequena morte para sua família. Não posso fazer isso com sua família.”

“O quê? É completamente insano. Enfim, quem se importa? Não é como se um de nós fosse à igreja, certo? É essa a questão?” Eu balanço a cabeça e sinto alívio. É bom saber que não sou eu ou a aliança nem nada disso. É só algo idiota que a mãe dela disse.

“Não é o que sua mãe disse para mim da última vez que estivemos na sua casa para jantar”, ela diz. “Na verdade, sua mãe parece concordar cem por cento com minha mãe. Acho que foi de onde minha mãe tirou a ideia.”

Eu digo: “O quê?”, mas é retórico, e ela sabe disso. Ela me abraça e tenho uma pequena sensação de querer gritar com minha mãe quando chegar em casa esta noite. Abraço Jenny e só posso pensar em quanto eu a amo e quão fora de controle me sinto depois de todo o trabalho que tive para fazer esse noivado ser o mais perfeito do mundo. Não tenho ideia do que fazer. Então... de repente eu sei o que fazer.

Meu peito se aperta de nervoso.

“Olhe”, eu digo, segurando a aliança. Ela tem um olhar de dor. Então fico em pé e encaro todas as pessoas atrás de mim. Um avião cheio de estranhos. Seguro a aliança. “Estou loucamente apaixonado por Jennifer Ulrich e quero que ela se case comigo. Ela é a mais gentil, mais esperta, mais bela mulher que já conheci e quero viver minha vida toda com ela. Tudo o que ela tem a fazer é dizer sim.”

Olho para Jenny e ela está em parte sorrindo e em parte aterrorizada.

“Ela está surtando por eu dizer isso a vocês, mas quero deixar algo claro, não me importo de onde ela veio, e não dou a mínima para o que minha mãe disse a ela. Quero casar com ela, e não vou deixar ninguém nos deter.”

As pessoas no avião sorriem para mim. Jenny fica em pé.

Eu a encaro e pergunto novamente.

“Casa comigo?”

Quando ela diz sim e desliza a aliança no dedo, o avião irrompe em gritos e aplausos, e é como se todos nós estivéssemos possuídos por algo que nunca vamos compreender.

MEU NOME É CLAIRE E ESTOU PILOTANDO ESTE VOO

Claire está em um estado especialmente ruim quando volto. Quando entro, ela está triturando o papai em pedacinhos por ter colocado uma faca na gaveta errada. Quando ela me vê, ela ladra: “Astrid, venha cá!”.

Eu não posso nem mandar meu amor a ela quando está ruim assim. *Claire, não estou mandando meu amor a você porque você está sendo terrível. Quem te fez chupar esse limão azedo? Quem te serviu um prato de jiló? Quem jogou almeirão na sua salada?* Eu quase rio com isso, mas mantenho o rosto firme para a pergunta.

“Que horas você chegou na noite passada?”

“Pouco depois das 2.”

“Tem certeza?”

“Sim”, eu digo. “Por quê?”

“Porque às vezes adolescentes mentem.” Visualizo Elisabeth Taylor em *Quem Tem Medo de Virginia Woolf*? Aquele tom acre, mordaz, acusatório que ela usa cada vez que fala.

“Que filme você viu?” No segundo em que ela pergunta, minha cabeça dá um branco, e não consigo nem pensar em um título de um filme já feito, tipo, na vida... Nem meus favoritos. Todos os filmes se chamam *Sem Título* no meu cérebro.

“Só vi metade. Estávamos atrasados porque o carro do Jeff quebrou e Justin teve de ajudá-lo a levar para a oficina.”

De onde tirei isso? Pareço uma mentirosa nata. Quem diria? Até duas semanas atrás, eu passava os dias sem fazer nada divertido e sempre contava a verdade.

“O que havia de errado com o carro dele?”

“Não sei”, digo. Então sigo pelos degraus para que eu possa trocar minhas roupas de trabalho com cheiro de camarão, e quando faço isso, me sento na cama por um minuto e olho para o espaço. Não me sinto bem em relação à Dee. Não me sinto bem em mentir para o Jeff. Não me sinto bem com nada.

Faço Frank S. aparecer. Desta vez, ele está na parte reta do telhado fora da minha janela, então tenho de abrir para deixá-lo entrar. Quando ele entra, paira sobre o aquecedor quente por um minuto então olha para mim, sorri e se senta no banco da minha penteadeira.

“Vai dizer alguma coisa?”

Ele apenas olha para mim.

Eu suspiro.

“Queria que mais pessoas fossem como você, Frank. Preciso de gente silenciosa na minha vida.”

Ele continua olhando para mim.

“Dito isso, eu realmente preciso de um conselho, sabe? Tem algum conselho?”

Ele não tem nenhum conselho, então eu faço a mim mesma essa pergunta. *Ei, Astrid, tem algum conselho?* E a única resposta é que tenho de dar um jeito nos problemas que consigo resolver. Tipo mentir para o Jeff.

Tiro meu telefone e mando uma mensagem para Kristina sobre como não posso mais fazer isso com o Jeff, e quando abro, há uma mensagem esperando por mim. Da Dee: *Sinto muito por ser uma idiota. Que tal combinarmos um sinal? Quando estiver pronta para ir mais longe, diga “abracadabra” ou algo assim. Até lá, vou ser mais paciente, e vou calar a boca antes de dizer algo idiota.*

Uma enorme parte de mim quer mandar *abracadabra* de volta porque seria uma frase ótima num filme, não seria? Seria tão romântico e tornaria tudo muito perfeito.

Mas isto não é um filme.



Ellis chega à minha porta alguns minutos depois.

“Oi.”

“Ah, oi”, eu digo.

“Tudo bem?”, ela pergunta.

“Claro. E você?”

“Sim, acho.” Ela dá de ombros. “Algumas coisas podiam ser melhores.”

Acho que ela se refere ao ânimo da Claire, mas caso elas estejam prestes a sair em um passeio de Mamãe e Filha regado a vinho no *country club*, bufê à vontade e compras ou sei lá, mantenho a especulação para mim mesma e continuo a reorganizar meu armário, o que tenho fingido fazer desde que ela apareceu na minha porta.

“Vi Jeff noite passada”, ela diz.

“Ah, é?”

“Ele estava andando pela rua principal. Você não estava com ele.”

“E?”

“Tem sorte que a mamãe e o papai não o viram também.”

Eu suspiro.

“Deus. Aquele cara.”

Ellis se senta na minha cama e eu me sento no banco da penteadeira, onde Frank estava agora há pouco. Ela diz: “Você precisa tomar cuidado porque mamãe está ficando toda amiguinha da mãe dele, e estão, tipo, fazendo piadas de casamento e essas coisas...”.

Em horas como esta eu queria ser uma passageira.

Em horas como esta eu preciso de um saco de vômito e máscara de oxigênio e uma almofada de assento que sirva de mecanismo de flutuação.

“Acho que vou vomitar”, eu digo. Nós duas pensamos que estou brincando até que eu capto um aroma das minhas calças de limpar camarão no cesto, corro para o banheiro e vomito. Duas vezes.

Quando termino de escovar meus dentes e volto para o quarto, Ellis ainda está sentada na minha cama.

“Uau. Então você não gosta de Jeff Garnet?”

“É.” Ela sorri um pouco para mim, como se se sentisse mal por isso. “Estava falando sério sobre a mamãe conversar com a mãe dele? Porque é nojento. Que há de errado com ela?”

“Ela acha que é normal”, Ellis diz.

“Você gostaria que ela fosse assim com você?”, pergunto.

“É a forma de ela se importar sem precisar sair de casa.” Ela revira os olhos. “O que é mais importante do que, você sabe, *tudo*.”

Ellis morde a isca e eu sei que quer mesmo conversar e provavelmente está decepcionada por nossa mãe não conseguir arrumar tempo para seus jogos de hóquei. Mas apesar de estar irritada agora e precisar que eu a salve dos macacos voadores, existe a Ellis de “Mamãe e Filha”. Aquela que pode beber vinho demais enquanto usa as joias da mãe e soltar para ela o que quer que eu diga.

“Merda, cara. Tenho que colocar tudo isso pra lavar ou não vou ter nada para usar esta semana. Tem roupas brancas?”, pergunto. Meu cérebro diz: *Ellis, você é uma ótima menina, e no momento é perfeita. Aproveite enquanto dura e saiba que eu te amo, mesmo que não possa confiar em você. Um dia você saberá a verdade, daí conversamos.*

“Sim. Tenho umas peças brancas”, ela diz e vai para o quarto pegá-las. Ela as coloca no cesto e nós duas descemos. Vou à lavanderia, ligo a máquina e ela se joga no sofá e muda os canais.

Vejo minha mãe na mesa da cozinha, batendo no teclado do telefone com seus polegares, seu prato vazio de almoço ainda na frente dela. Ela ri. Manda uma mensagem novamente. Isso me faz perceber que talvez essa seja sua porta dos fundos para ser aceita em Unity Valley. Se ela não sai de casa, os fofoqueiros de plantão não vão ter nada a dizer sobre ela. Mas ela ainda pode se envolver de alguma forma pelo seu cômodo smartphone.

Coloco um moletom, minhas luvas, um chapéu e uma echarpe. Vou para minha mesa e me deito. O céu está bíblico hoje – raios de sol formam linhas retas por trás de nuvens fofas arredondadas. Os aviões reluzem como ouro nas estrelas acima. Eu pergunto: *Se eu tirar minha fantasia de Unity Valley e deixar a pessoa feliz sair, ela ainda vai ser feliz?*

A porta de trás bate e eu olho para ver que é a Ellis.

“O que faz aqui o tempo todo?”

“Só vejo o céu, eu acho. Penso. Sonho.”

“Posso conversar com você? Sobre umas coisas?”

“Claro.”

“Por que a mamãe não vai aos meus jogos de hóquei? Ou vai a qualquer lugar de fato?”

Penso nisso.

“Ela sai com você toda hora nesses passeios de Mamãe e Filha, certo?”

Ela fica em silêncio. Provavelmente não era uma boa hora para dizer isso, mas eu realmente não quero conversar com a Ellis perfeita. Ela deveria estar feliz em sua bolha e me deixar ser feliz aqui na minha mesa de piquenique.

“Mamãe diz que você deita aqui porque é o que você faz para se sentir normal.”

“O que é normal?”, eu pergunto.

“Não sei... A mãe que assiste a filha jogar hóquei, para começar.” Ela franze a testa pensando. “E não acho que você seja anormal”, ela diz.

“Valeu.”

“Então? O que faz quando se deita aqui?”

Eu suspiro.

“Na verdade, nada. Apenas olho o céu, como eu disse.”

“Hum”, ela diz. Olha para o céu por um minuto e então volta para dentro.

JEFF, O PERNA BAMBA, TAMBÉM FALA

A manhã de segunda é um saco. Quero dizer especificamente, e não como um comentário geral sobre como todas as manhãs de segunda são um saco. Sempre fui fã das segundas-feiras porque elas me tiram de casa e levam para longe da Claire, que está começando a me deixar paranoica agora que Ellis me disse que ela conversa com a mãe de Jeff.

No minuto em que o vejo, pergunto a Jeff que filme ele disse à mãe que vimos.

“Ela não perguntou”, ele diz.

“Bem, eu disse à minha mãe que seu carro quebrou.”

“Por quê?”

“Não sei. Entrei em pânico.”

“Mas meu carro não quebrou.”

“É. Eu sei. Mas se sua mãe conversar com a minha mãe ela pode dizer algo sobre isso, e queria que você estivesse preparado.”

“Tá”, ele diz. Tem um olhar idiota em seu rosto, misturado à irritação. Graças a Deus. Talvez ele queira sair disso tanto quanto eu.

“Me diverti muito no sábado à noite”, ele diz. “Está de pé no próximo final de semana? Filme da meia-noite? Pra valer desta vez?”

“Não posso. No próximo final de semana eu estou ocupada.” Um sorriso triste se forma em seus lábios. Eu me sinto instantaneamente culpada. “Mas talvez no outro final de semana?”

Ele sorri. Por que faço isso com ele?



Faz duas semanas que larguei Trigonometria e ainda penso nisso durante cada minuto do quarto período da sala de estudos no auditório. Olho para o nada e visualizo aqueles pobres alunos ainda trancados na sala 230, aprendendo sobre triângulos. Penso em teoremas e equações. Nunca vou ter de fazer aquilo. Penso na forma que a bunda do professor Trig ficava naquela calça xadrez, em como era reta, e em como eu costumava imaginar que aquilo era algum tipo de espuma de proteção que existia sobre sua pélvis atarracada.

Sério. Penso em todas essas coisas. E sorrio, sorrio, sorrio.

“Pensando no seu namorado?”, Stacy Koch pergunta.

“O quê?”

“Eu perguntei se está pensando no seu namorado? Você parece toda felizinha e tal.”

Stacy nunca falou comigo antes, então não tenho ideia do que dizer. Ela e sua irmã gêmea, Karen, estão sorrindo para mim. São do tipo líderes de torcida. Não são líderes de torcida de fato, mas chegam perto. Penso que Karen poderia rodopiar um bastão.

“Ah. Não. Eu estava, hum...” Não posso dizer a ela que eu estava pensando na bunda do professor Trig numa calça xadrez. “É. Estava. Não consigo evitar.”

“Ele é um partidão. Não é, Karen?”

Karen se inclina à frente e concorda. Stacy acrescenta: “Ele é tipo um irmãozinho para nós”.

Antes do almoço escutei dois boatos interessantes.

Astrid Jones é uma puritana. Jeff Garnet diz que eles nem se beijaram ainda.

Escutei que uma das gêmeas Koch tem uma queda por ele também.

A vida era muito mais fácil sendo uma nerd honesta que não fazia nada.



Na terça-feira percebo que sou uma pessoa terrível. Sou uma pessoa terrível por fazer isso com Jeff Garnet e com a gêmea Koch que está a fim dele. Eu devia liberá-lo.

Mas não libero.

No almoço, conto para Kristina sobre como Ellis viu Jeff caminhando por Unity Valley na noite de sábado, e ela diz: “E?”.

“E você não o fez prometer não estragar o plano? Por que estamos usando-o se ele vai apenas zoar com tudo?”

“Sei lá.”

“Bom, o plano foi seu”, eu digo.

“Você não precisa fazer nada que não queira, cara. Você é dona do seu próprio destino e tudo mais”, ela diz. Está um pouco fria ou algo assim. Não consigo sacar direito.

“O que quer dizer com isso?”

“Sei lá. Não é o que você aprende em Filosofia?”

Penso no que Frank S. diria. Mas não digo nada.



É sexta. Estou lendo o Mito da Caverna, de Platão, durante o almoço.

Esta semana foi meio uma droga completa. Desde ouvir os boatos sobre a puritana Astrid Jones, ser a única leitora que apareceu na revista literária na quarta e fazer todo o trabalho sozinha, até a fazer uma prova de História da Europa ontem para a qual esqueci de estudar. Além do mais, Kristina está agindo estranho. Então agora não é bem a hora para eu ver Jeff Garnet.

Ele se senta na minha frente no minuto em que termino minha salada caesar. Consegui evitá-lo por quatro dias inteiros – pegando escadas diferentes, usando corredores diferentes, só indo ao meu armário de passagem para o banheiro.

“Está me evitando?”, ele pergunta.

“Não, por quê?”, pergunto como quem não quer nada, como se eu não estivesse me escondendo no banheiro das meninas dois períodos atrás, esperando que ele passasse.

Eles dizem: *Não sei por que ela o está enrolando. Talvez seja pena, como foi com Tim Huber.*

“Astrid?”

“O quê?”

“Ouviu o que eu disse?”

“Não. Desculpe, eu estava viajando. O que você disse?”

“Stacy me falou que ela ouviu que você está me evitando.”

“Hum.” Dou de ombros. “Bem, ela está errada. Não estou evitando ninguém.”

“Ah”, ele diz. “Tá. Hum. Ainda não está livre este final de semana?”

“Nah. Tenho umas coisas de família. Blé, sabe?”

“Claro. Então que tal você, hum.... sabe... só, hum...”, ele diz enquanto meio que fica em pé para que possa se inclinar na mesa e me beijar. Enquanto faz isso, eu finjo que não vejo, e me viro para minha pilha de livros, os pego e caminho para fora da cantina.



Quando chego em casa, minha mãe está na mesa de jantar. Nunca é um bom sinal.

“Astrid, preciso conversar com você.”

Eu me sento e finjo por um minuto que ela de fato se importa comigo e vai dizer algo normal que as mães de Unity Valley dizem para suas filhas normais de Unity Valley.

“Kristina me disse que você e Jeff estão tendo problemas.”

Penso em todas as coisas que eu poderia dizer sobre isso. Não falo nada.

“Olha. Pode conversar comigo se quiser. Posso te dizer o que você precisa saber sobre... você sabe, sexo, ou qualquer que seja o problema.”

O problema é que estou namorando uma menina. Não digo nada.

“Hum. Bem, Kristina me ligou hoje e me disse que quer te levar para sair neste final de semana, e você disse não, e sério, Astrid, o momento em que precisa de seus amigos é agora. Quero dizer, se você e Jeff vão terminar, não devia descontar na Kristina.”

Isso é ridículo. É a Kristina tentando me fazer sair quando sabe que não quero. As vozes no meu cérebro me lembram: *Isso também é a Kristina tentando ajudá-la a parar de fazer Jeff de otário. Ela está mentindo para a Claire para te ajudar.*

Eu lembro às vozes no meu cérebro que isso também é a Kristina conversando com minha mãe pelas minhas costas, o que não gosto. Elas respondem: *Mas é para seu próprio bem, e você sabe.*

“Enfim, apenas saiba que estou aqui pra você”, mamãe diz.

“Tá.”

“E essa gente chamando-a de puritana já foi puritana também”, ela acrescenta.

Ótimo, eu penso. É ótimo mesmo.

A caminho da escada eu digo às vozes do meu cérebro que elas podem calar a boca agora.

SOU UM PAU MANDADO. POR ISSO ESSAS MERDAS ACONTECEM COMIGO

Estou dez minutos atrasada para o trabalho porque eu quis. A última coisa que ouvi da Dee foi sua mensagem de texto de *abracadabra* no domingo passado e eu não respondi, porque não estou certa do que devo fazer agora.

Juan diz: “Grande dia hoje! O mesmo da última vez, mas ainda maior”.

“Grande!”, Dee cantarola, aguda e com um vibrato ultracartunesco. O cara ri. Eu nem sorrio.

Dee e eu ficamos sem graça sozinhas. Não conversamos ou fazemos piadas enquanto trabalhamos, e eu a ignoro quando ela pergunta: “Então, hoje à noite está de pé?”.

Não terminamos de lavar os pratos até as 16 horas. Eu não bato o cartão até as 16h10. É um dia de trabalho de dez horas. Juan nos diz que não precisamos vir amanhã e Dee diz, enquanto jogamos nossos aventais na caixa de lavanderia: “Vamos. Deixa eu te recompensar. Recebeu minha mensagem, certo?”.

“Sim.”

“Ainda brava?”

“É. Estou brava com tudo.”

Ela ri.

“Com tudo você quer dizer eu?”

“Não”, digo sorrindo um pouco. “Todos que acham que podem mandar em mim.”

“Você é um pau mandado. Isso é um fato.”

Ela começa a fazer uma dancinha e sorri para mim, e quando chegamos ao estacionamento ela diz: “Vamos. Você sabe que quer. Deixe que eu a recompense. E eu prometo, nada dessa merda idiota de pressão”.

Eu admito que uma noite fora de casa viria bem a calhar, e não seria nada mal uma *ice* depois da droga de semana que eu tive. Entramos no carro e tentamos pensar em coisas para me acobertar. Somos uma merda com essas ideias, então ligo para Kristina.

“Eu te dou cobertura esta noite. A Claire me deve uma.”

“Nem quero saber o que isso significa”, eu digo. “Me mande uma mensagem com o que eu devo dizer a ela.” Dee está dançando no lugar com música imaginária, fazendo um baixo soar profundo em sua garganta. Admito que estou empolgada em ir para a Atlantis novamente. Uma hora atrás, eu não iria sair para nenhum lugar à noite.

Penso: *talvez seja tranquilo que as pessoas te convençam a fazer coisas. Talvez se não fizessem isso, você nunca sairia.*



Claire está trancada em seu escritório, falando ao telefone com um cliente. Dá para ver que ela está conversando com um cliente, porque ela adota seu sotaque de Nova York e conversa uns

três decibéis mais alto.

Encontro meu pai na sala silenciosa, cochilando com um livro no colo. Eu espano silenciosamente ao redor dele e antes de eu partir ele pergunta: “Como vai minha filha favorita?”.

“Pai”, digo de forma contrariada. “Não pode dizer coisas assim.”

Ele se senta e pisca duro os olhos algumas vezes e se alonga.

“Sabe do que sinto falta? Fazer casas de passarinho. O que está fazendo? Deveríamos fazer uma.”

“Estou fazendo umas coisas.” Balanço o espanador. “Esperando que ela saia do telefone para que eu possa espanar no segundo andar.”

“Vai sair à noite?”

“Espero que sim.”

“Ah.”

“É.”

“Esse cara é coisa séria? Não deveria trazê-lo aqui para me conhecer?”

“Nah. Mas não fala pra mamãe.”



Às 7h30 a campainha toca.

Claire caminha rápido para a porta e abre, e eu fico em pé porque posso ouvir Kristina rindo do lado de fora, então ela e Donna me arrastam pela porta.

“Divirtam-se, meninas!”, minha mãe diz.

Elas me conduzem pelo caminho e para dentro de um carro. Kristina parece ser minha melhor amiga de novo. Ela até me dá o braço em vez de dá-lo para Donna.

“Para onde vamos?”

“Vamos para uma limpa, divertida e segura festa de meninas da faculdade. Que é o que disse à Claire, e de fato é verdade. Ela me coloca no banco atrás de Donna e no lado do passageiro.

“Você e Dee estão bem agora?”, ela pergunta.

“Estamos bem.”

“Feliz de ouvir isso”, ela diz na voz mais estranha do mundo, como se não estivesse feliz em ouvir isso.

“Tudo bem com você?”, pergunto.

“Claro. Por que não estaria?”

“Não sei. Foi uma semana estranha”, digo. “Estou com a cabeça cheia.”

“Deprê”, ela diz. É isso. Apenas “deprê”.

Pelo resto do caminho, Kristina e Donna conversam como se eu não estivesse ali, e eu tento não me sentir como a amiga pamonha socialmente retardada da Kristina novamente.

Quando chegamos lá, uma música da Lady Gaga tocava tão alto que retumbava na rua fora da casa. Kristina conversou sobre passar mais tempo no dormitório da Donna, mas sua colega é uma babaca, e se ela soubesse que Donna era gay, provavelmente surtaria e chamaria um exorcista. Então Donna se juntou a um grupo de meninas não-tão-oficial chamado *Gamma Alpha Psi* (ΓΑΨ), que é um point GLBT com uma casa fora do campus. Esta é também a primeira vez

da Kristina aqui.

“Temos duas horas antes de partirmos. Divirta-se. Socialize-se”, Kristina diz desaparecendo pelas escadas com Donna.

Socialize-se.

Eu olho pela sala. Isso não é como a Atlantis. A maioria do pessoal fica entre si, e não há motoqueiras de couro com apitos enviadas pelos deuses para me fazer sorrir. Só há estranhos. Então saio pela porta dos fundos, passo por dois fumantes, e qual você acha que é o lugar mais afastado e escuro no quintal?

Uma mesa de piquenique.



Há árvores altas obstruindo a maior parte da vista, mas posso ver ocasionalmente um avião e envio meu amor. Então tenho uma conversa comigo mesma sobre Kristina.

Eu: Sabe, você vai ter de dizer algo a ela sobre esse jeito bipolar com que ela vem agindo.

Eu: Eu sei. Mas se eu disser alguma coisa, ela vai ignorar.

Eu: Isso não a torna uma amiga de merda?

Eu: Sim e não. Sim, ela deveria me escutar e se importar com o que eu penso, e não se importa. Não, ela não é uma amiga de merda, porque é minha única amiga de verdade em Unity Valley, então se eu não a tivesse, eu estaria sozinha.

Eu: Você teria a Dee. Teria Ellis.

Eu: Rá rá rá rá rá. Ellis. Você é hilária.

Eu: Ela é sua irmã. Você a tem quer queira ou não.

Eu: Ela pode ter a mim, mas eu certamente não a tenho. Mamãe a tem. Você sabe.

Eu: Bem, então, você tem a Dee.

Eu: Graças a Deus.

Eu: Está chegando mais perto de responder todas as perguntas, não está?

Eu me sento e olho ao redor. Agora mais algumas mulheres estão fora fumando. Estão viradas para mim, mas olhando para as estrelas. Eu olho para cima também, me levanto para tentar conversar e não ser uma nerd antissocial. Além do mais, preciso fazer xixi.

Passo por elas e digo: “Oi”.

Mas só recebo uma série de grunhidos em resposta. Lá dentro, eu sorrio para as pessoas e pergunto onde fica o banheiro, e quando uma mulher responde, ela diz: “Acho que está sem papel. Tem um lenço?”.

Eu rio com isso, achando engraçado, seja verdade ou não.

Ninguém mais ri.

Eu não apareço no radar gay delas? Ou elas são apenas assim no *Gamma Alpha Psi*? De toda forma, não tenho um lenço, então olho ao redor e volto à cozinha, onde está a porta dos fundos para a mesa de piquenique. Lá encontro um guardanapo, pego e coloco no bolso, caso a mulher esteja certa sobre o papel.

Subo os degraus, passo por um casal descendo as escadas e digo oi, e eles dão um semi-

sorriso. Tudo parece território marcado, como se eu estivesse invadindo.

Eu faço xixi e há vários rolos de papel higiênico num suporte bem em frente à privada. Mesmo assim uso o guardanapo porque sinto uma paranoia intensa de que se eu usar o papel higiênico eles vão ficar ainda mais putos comigo do que já parecem estar.

Me olho no espelho sobre a pia, e ela está mais visível aqui – a garota dentro da roupa de Unity Valley. Ela está me dizendo para sair, ser eu mesma e conversar com as pessoas. Escuto a voz do meu pai: *Precisa deixar as pessoas te conhecerem antes de decidir que elas não gostam de você.*

Coloco um grande sorriso gordo no rosto e desço as escadas. Digo oi para algumas pessoas e encontro uma menina que está parada sozinha lendo o verso de uma capa de cd e digo oi. Ela levanta o olhar e sorri para mim.

“Nunca te vi aqui antes”, ela diz.

“Primeira vez.”

“Ah”, ela diz. “Isso explica tudo.”

“Você estuda aqui?”, eu pergunto.

“Sim... Estou me formando em Ciências Políticas. Tô aqui para mudar o mundo”, ela diz.

“E você?”

“Minha melhor amiga está namorando alguém daqui. Só estamos visitando hoje.”

“Quem?”

“Donna.”

“Ah! Então você está no colégio, certo? A namorada dela é do colégio, não é?”

“É. Somos do último ano.”

“Era você deitada na mesa de piquenique por quase uma hora?”

Faço que sim e tento não corar.

“O que estava fazendo lá fora?”

“Só olhando o céu. E os aviões. É o que costumo fazer, eu acho.”

“Hum”, ela diz. “Quer me mostrar como fazer?”

Eu olho ao redor e vejo outros olhando para nós. Ninguém ainda está realmente sorrindo ou sendo receptivo. Não entendo isso. Essa deveria ser a minha tribo. Não achava que iam ser uns panacas e tudo mais. *Nota para mim mesma: Nem todo gay vai ser bacana. Nem todos os héteros serão babacas. Quando foi que você ficou tão nós-e-eles, Astrid?*

Conforme andamos para a mesa, pergunto à minha nova amiga.

“Sou eu ou todo mundo nesta festa é meio de poucos amigos?”

“É só a forma como eles recebem estranhos.”

“Esquisito.”

“Não exatamente. É difícil. Logo você vai entender”, ela diz. “Além do mais, é cedo. Daqui a três horas o lugar vai estar lotado, todo mundo vai estar mais bêbado e o clima vai ficar consideravelmente mais leve.”

“Bom. Porque aqui é meio como um funeral.”

“Qual é seu nome?”, ela pergunta.

Chegamos à mesa. Eu me sento no banco. Ela se senta ao meu lado.

“Astrid.”

“Sou a Kim. Minha ex vai chegar aqui a qualquer minuto, e não estou muito numa boa com isso.”

“Deprê.”

Passamos meio minuto olhando para o céu.

“Já contou à sua família?”, ela pergunta.

Eu rio.

“Nossa, não.”

“A alguém?”

“Só aos meus melhores amigos. E à minha namorada”, eu digo.

Ela ri.

“Espero que sim.”

“É.”

“Acha que eles vão ficar bem com isso?”

Eu assinto.

“Acho que sim.”

“Achei que os meus ficariam bem. Agora estão, mas no início não. Acho que é um choque.”

“É. Creio que sim.”

“Sabe, você é uma gatinha.”

Solto uma risada tímida.

“Valeu. Você também.”

Ela pisa no banco e senta na mesa, então se deita.

“É assim que você faz?”

“Faz o quê?”

“Olha os aviões.”

“Bem, sim, mas essas árvores não ajudam”, eu digo, empurrando-a para que possa me deitar ao lado dela.

“Ali tem um!” Ela aponta. “Pode dizer que tipo é daqui?”

“Às vezes. Mas não à noite.” Vejo a luz branca da cauda piscando. “Sabe que todo avião tem uma luz vermelha na asa esquerda e uma verde na direita para navegação?”

“Então você é gata e inteligente”, ela diz.

“Então a luz branca que você vê”, eu aponto, “é a cauda.”

Ela puxa suavemente minha mão para seu peito e a segura com duas mãos.

Não dizemos nada por um tempo. Posso sentir seu coração batendo.

“Você se importa se eu te beijar agora?”, ela pergunta.

E minha boca diz não, mesmo sabendo que estou namorando a Dee. (Também sabe que Dee nunca foi educada o suficiente para me perguntar qualquer coisa antes de fazer.) Enquanto nos beijamos – e Kim sabe beijar espetacularmente bem – começo a pensar no que significa. Significa que já beijei duas meninas na minha vida. Que é uma a mais do que o único garoto que já beijei, se não contar Jeff Garnet, que eu não estou beijando de fato. Significa que sou mais lésbica do que eu era há um minuto quando estava apenas olhando para a Kim e pensando em como ela era gatinha. Significa que um dia terei de contar aos meus pais e à Ellis, que diz coisas como *banquete das lésbicas*. Significa que talvez eu vá finalmente levar minha pseudo agorafóbica mãe a um esconderijo completo.

Ou talvez eu a salve de Unity Valley, e isso finalmente vai levá-la de volta a Nova York, onde nós pertencemos.

Eles vão dizer: *Bom pra ela. Ela achou que era muito especial.*

“Uau”, Kim diz.

Então voltamos a nos beijar e eu limpo minha cabeça de todos esses pensamentos e me

concentro nas sensações. Me sinto excitada e feliz, e o beijo fica mais forte quando sorrio um pouco, e quando ela me sente sorrir sob seus lábios, ela sorri também. Levo minhas mãos passando no cabelo dela.

Paramos e nos olhamos na luz fraca. Então escuto: “Asteroide!”.

E eu digo: “Merda!”.

Saio da mesa e me sento no banco por um segundo. Kim me segue, se senta ao meu lado e eu posso ver que ambas estamos tentando parecer inocentes e fracassamos.

“Deveria saber que eu te encontraria aqui”, Kristina diz. Ela olha para Kim, que move sua mão num aceno. “Está pronta pra ir?”

“Claro”, eu digo.

Donna olha para o celular.

“Vamos ficar mesmo atrasadas se não sairmos agora.”

“E Dee está esperando, certo?”, Kristina acrescenta.

“É”, eu digo.

Kim caminha com a gente para o carro da Donna. Ficamos atrás delas e ela diz: “Legal te conhecer. Volte qualquer dia que queira”. Ela desliza seu número no meu bolso de trás e diz: “Até mais, gente!”, como se tivéssemos acabado de brincar no balanço na quarta série.

“Ela parece legal.” É a última coisa que Kristina me diz.

Eu: Acabei de beijar outra pessoa.

Eu: Verdade. Não foi muito legal.

Levo a mão ao meu rosto e vejo se posso sentir o cheiro da Kim nas minhas mãos. Percebo o quão idiota eu sou por fazer isso.

Eu: Sabe o que isso significa, certo?

Eu: Não. Não sei.

Eu: Significa que você é gay, Astrid.

Eu: Ah. Isso.

Eu. É. Isso.

Como Donna e Kristina estão conversando e ouvindo música como se eu não estivesse no assento de trás, eu invoco Frank para se sentar ao meu lado. Ele pisca enquanto chega. Então faz um sinal de joinha.

Não tenho ideia de por que ele está tão feliz por mim. Eu poderia ter estragado tudo.

BEM-VINDO A BORDO DE ATLANTIS

Quando paramos no estacionamento, são 22h42. O mais cedo que já chegamos. Dee está lá, em seu carro, esperando por mim. Eu saio enquanto Donna e Kristina começam a se pegar no banco de trás e Justin manda mensagem para Chad porque ele não está aqui ainda.

Quando nos beijamos, acaba fluindo num beijo mais longo e mais longo, e então num beijo apaixonado afundando no banco, e eu sinto uma cobertura de desejo sobre mim como nunca senti antes. Nunca. Ela agarra meu cabelo e torce. Aperta meu quadril e eu coloco a mão direita em sua camisa e a toco através do sutiã, deslizando meu dedo indicador pela bainha. Só um pouquinho.

Fato: Quero mais que tudo dizer abracadabra agora.

Fato: Preferia ficar aqui no carro da Dee que entrar no bar.

Fato: Nenhuma dessas coisas vai acontecer.

Então mordisco a orelha dela e cochicho outras palavras.

“Abalone. Abercrombie.”

Ela ri e desliza a mão pelo meu jeans, pela lateral da minha perna. debaixo da minha calcinha, então mira ao redor da minha bunda e segura como alguém segura um balão de água. Cuidadosamente. Habilmente.

“O que estava dizendo?”, ela pergunta.

“Ab...dominais dos músculos oblíquos externos.”

Ela tira a mão do meu jeans e levanta minha camisa um pouquinho. Beija meus lábios. Meu queixo. Meu pescoço. Meu colo. Minha barriga. Minhas costelas. Ela diz: “Sinto muito. Eu não estava prestando atenção. Estava tentando dizer alguma coisa?” ela começa a desabotoar minha calça.

“Acho que era abração”, digo. “Ou talvez abreviação.”

Ela levanta meu sutiã e meus seios saltam para fora.

“Tem certeza? Achei que você pudesse estar tentando dizer outra coisa.”

Uma batida brutalmente alta na minha janela e nós nos deitamos e respiramos por um segundo.

“Abrupto. Abominável. Abuso. Ela só serve para isso nessas horas.”

Kristina continua batendo. Eu me sento e suspiro.

“Você já se perguntou se o que você acredita é realidade? Quero dizer, que além disso há uma realidade real que é mais real do que a realidade em que acreditamos?”

“Porra, Jones!”

“Mas já? Já foi puxada em tantas direções que você não estava certa qual era real?”

Ela me dá um abraço de urso.

Eu digo: “Eu te amo”. Ela me beija na testa.

Kristina bate de novo e diz: “Vamos deixar vocês aqui se não vierem agora”.

Nós nos endireitamos e saímos do carro. Eu sinto o frio mais do que o normal. Percebo que eu estava suando. Partes do meu corpo estão úmidas. As partes certas. Tremo. Dee e eu cruzamos a rua, entramos na fila e nos esprememos juntas. Nenhuma de nós consegue parar de sorrir. Sei que isso soa idiota, mas é como se ninguém mais estivesse aqui. Os lábios de Justin e Chad estão se movendo e eles parecem estar tendo uma conversa, mas não consigo ouvi-los. O mesmo com Kristina e Donna. Blá blá blá. Me sinto totalmente pronta para dizer *abracadabra*.

Talvez até esta noite. Claire teria tanto orgulho.



Agora somos especialistas em passar pela porta. Minha pulsação não aumenta. Minhas mãos não estão suadas. Eu nem tenho o troco exato. Sorrio para o segurança Jim e passo a ele uma nota de vinte. Digo “Para duas” e mostro dois dedos. Dee me agradece quando ele me passa os 10 dólares de troco.

Quando passo pela porta, me sinto merecedora de felicidade, mesmo que minha melhor amiga esteja agindo esquisito e me deixando paranoica. Mesmo que eu tenha acabado de fazer o que fiz com uma completa estranha chamada Kim. Mesmo que eu sinta um ocasional retardamento mental. Sou meu próprio feliz jato pessoal – num assento amplo, com a mistura perfeita de ar frio e quente e o travesseirinho posicionado perfeitamente na região lombar.

Olho para os outros passageiros. A motoqueira está aqui. É uma comissária vestida de couro. Ela me traz uma garrafa d’água e diz: “Sei que é o tipo que você gosta”. E ela leva Dee à pista e dança durante um antigo clássico da disco. Dee está mais bonita do que nunca. Não é apenas as roupas dela ou como ela prende o cabelo para trás. É a pressão da cabine aqui. Está nos deixando sem preocupações. Atemporais. Divertidas. Adultas.

O piloto coloca mais música disco e diz: “Estamos tocando suas favoritas até a meia-noite! Apareça na cabine e me faça um pedido!”.

É tudo tão bom que não tenho tempo para me sentir culpada.



Dee e eu bebemos uma *ice* e encontramos um lugar nos fundos da pista de dança. A Atlantis está particularmente cheia esta noite. Há uma fila para o banheiro feminino que se estende até a porta do bar.

Quando vem o techno à meia-noite, mais pessoas vão para a pista de dança e Dee e eu começamos a nos beijar novamente no cantinho. Enquanto nossos lábios se pressionam um ao outro, nossas mãos tocam lugares que não deveriam ser tocados em locais públicos.

Estamos ao lado de uma caixa de som, então ela tem que gritar.

“Quer voltar pro carro? Talvez você possa encontrar o que está procurando.”

Quero mesmo dizer sim, mas tenho medo de sair agora e do que Kristina diria.

“Quero, mas... não quero fazer isso no carro”, digo. Não gosto de como saiu, mas ela concorda.

“Talvez você possa se lembrar da palavra amanhã? Tenho a casa livre.”

Nós nos afastamos e nos encaramos. Ela concorda. Eu concordo.

Dançamos até estarmos duas vezes mais suadas do que quando chegamos.

Vejo Kristina e Donna no bar. Kristina acena para mim e eu aceno de volta. Depois de um breve descanso, Dee me agarra para uma dança lenta e dançamos tão perto que acho que estou perdendo a circulação no meu torso. Nada pareceu mais perfeito. Penso novamente em contar à minha mãe e meu pai. Acho que seria fácil contar se eles entendessem que estou feliz. Todos os pais querem que seus filhos sejam felizes, certo?

Justo quando penso isso, tudo muda.

Primeiro uma voz alta. Depois a música é desligada. Depois, as luzes se acendem.

MERDAMERDAMERDA

Quem está no meio – no meio caminho entre a entrada da rua e a entrada dos fundos do estacionamento – começa um levante em direção à porta dos fundos. Mas então somos empurrados de volta em direção ao bar por aqueles que estavam nos fundos, porque há policiais vindo daquele lado também.

“Ai, merda!”, Dee diz.

Não sei o que fazer.

“Eles podem nos prender?”, pergunto.

Justin e Chad cochicham algumas coisas um para o outro.

“Estão verificando as identidades”, Dee diz.

“Não tenho identidade”, Kristina diz. “Só a carteira da escola.”

Donna diz: “Querida, não acho que é o que você deve dizer quando chegarem a nós”.

Busco no bolso de trás. Tenho minha carteira de motorista e uma nota de 10 dólares.

Dee coloca a cabeça entre as mãos. Posso ver a cor se esvair de seu rosto. Isso pode matar suas chances de bolsa de estudos pelo hóquei ou talvez todas as nossas chances para tudo.

O policial vai para o Chad primeiro. Chad busca em sua carteira e tira a de motorista.

“Parece uma longa viagem para vocês esta noite, lá de Allentown.”

“Vou para a cadeia?”, Chad pergunta.

O policial sorri e balança a cabeça.

“Só um passeio até a delegacia com seus pais. Ligue para eles.” Ele aponta para o telefone no bar.

Chad assente. Que resposta ambígua. Sem cadeia, mas sim delegacia. Que porcaria isso significa?

O policial segue para Donna, que mesmo que nenhum de nós saiba, tem uma identidade falsa. Começa a me ocorrer que estou completamente nas mãos de Claire.

Então Kristina começa a rir como uma pessoa louca. Só rindo e rindo. Donna tenta tirá-la disso, mas não consegue. Os policiais parecem perturbados. Um deles pergunta se Kristina está drogada. Em vez de isso fazê-la parar, a faz rir mais. Ela até ronca algumas vezes, com lágrimas escorrendo dos olhos.

“Ela bebeu demais?”, o policial pergunta.

Nenhum de nós responde porque não conseguimos entender o que está acontecendo com Kristina.

É Justin que a tira disso. Ele a faz se sentar nos degraus do bar.

“Kris, pare. Você está surtando. Respire comigo.”

Eles respiram juntos. Ela tem que rir entre respiradas. Então se recompõe e fica de volta em pé, sem rir.

“Está bem?”, o policial pergunta.

Ela ri novamente – pelo nariz – e diz: “Sim senhor”. Outra risada. “Estou bem.”

Ela está sorrindo tão largo que você nunca imaginaria que ela está sendo pega junto conosco.

DROGADROGADROGA PARTE DOIS

“Alô?” Ai, graças a Deus é o papai.

“Pai? Desculpe por isso”, digo. Dou a ele um minuto para acordar. Agora são 2h30.

“Está tudo bem?”

“Sim. Todo mundo está bem, e nada de ruim aconteceu. Maaaaas. Hum. Vou precisar que você venha me pegar.”

Silêncio.

“Pai?”

“Aquele idiota simplesmente te deixou aí?”

“Não, não! Nada disso. Só que, bem...”, eu empaco. “Ele é um idiota.” Percebo que meu pai está tão sonolento/chapado/viajando que acha que saí com o Jeff esta noite.

“Tá, em que cinema você está? Vou te pegar.”

Eu o escuto sair da cama e respirar pesadamente enquanto coloca as calças. Ele diz: “Sabe, estou bem orgulhoso de você por ter ligado. Fico feliz que levou a sério quando dissemos que poderia ligar se precisasse de ajuda ou alguém estivesse bêbado ou qualquer coisa”. Ele faz uma pausa. Posso ouvi-lo fechando a calça. “Ele não dirigiu bêbado, né?”

“Não, pai.”

“Bom. Você é tão inteligente. Graças a Deus por isso. Então, você está no shopping ou no Multiplex?”

Eu suspiro e olho para a Dee. Kristina ainda está parada ao meu lado.

“Na verdade estou no centro. Na rua Chestnut.”

Eu o escuto colocando seu casaco.

“Chestnut? É onde colocaram o novo IMAX? Achei que era mais longe no centro. Hum.”

“Não. Hum, pai, estou em um bar. Os policiais fizeram batida e não posso sair até que você me busque.”

Silêncio.

“Pai?”

“Um bar?”

“É...”

Um grande e pesado suspiro.

“Que droga, Astrid!”

“Olha, é na esquina da Chestnut com a 5ª. Só venha pra cá.”

“Peloamordedeus!”

“Eu sei, pai. Acredite em mim. Só venha pra cá.”

“Qual é o nome do lugar?”

Eu respiro fundo de um jeito nervoso.

“Atlantis.”

“Atlantis?”, ele pergunta. Como se soubesse. Como se soubesse exatamente o que é a Atlantis.

Então eu desligo.

O FIM DO MUNDO COMO O CONHECEMOS

A mãe da Dee é a primeira a chegar. Bem, a primeira que conhecemos. Há pelo menos outros quinze menores de idade que não conhecemos, e alguns já foram levados.

Ela olha ao redor e bufa decepcionada, assina a multa e leva Dee pela porta da frente sem dizer uma palavra. Tenho vontade de segui-las e contar para a senhora Roberts que foi tudo minha ideia e minha culpa por arrastar Dee para sair. Mas meus pés não se movem.

Cinco minutos depois, a porta se abre e são a mãe e o pai de Kristina entrando ao mesmo tempo. O pai olha ao redor e faz uma expressão como se estivesse enojado. Não tenho certeza por quê. Não há nada aqui que pareça diferente demais de qualquer outro bar. Acho que não.

Chad está esperando ao lado de Justin. Kristina diz algo para os dois antes de ir em direção à sua mãe, que dá um tapa bem no rosto dela, como nos filmes antigos. Os Houcks têm um talento para esse tipo de coisa. É como em *E o Vento Levou* ou algo assim. A marca exata de tapa de 1939. Só funciona porque quem bate ama quem apanha, e quem apanha sabe. Isso não funcionaria na minha família.

Meu pai não diz uma palavra e só enfia minha multa no bolso de seu casaco, me agarra pelo cotovelo e me puxa pela porta.

Eu me desvencilho quando estamos lá fora e vou ao banco do passageiro.

“Sente-se atrás”, ele diz.

“O quê?”

“Sente-se atrás. Não quero conversar sobre isso.”

Fecho a porta do passageiro e me sento atrás.

Na metade do caminho de casa, ele diz: “Tem alguma ideia do que sua mãe vai dizer?”

Fico em silêncio e penso em como posso mentir para sair dessa, porque hoje é a noite de tomar essa decisão. Não dessa forma. Não sob interrogação.

“Ela vai surtar. Não tem como manter isso entre nós?”, pergunto.

Ele fica em silêncio o suficiente para que eu possa de fato concordar. Então diz: “Sabe com quem você está lidando?”

Deixo a pergunta ecoar e olho pela janela para a noite silenciosa. Meu pai não ligou o aquecedor e estou congelando, mas tenho medo do que ele pode dizer se eu pedir para ligar. Sou sua prisioneira, no banco de trás, presa por travas de segurança. Mereço ficar com frio e desconfortável, e vejo um avião alto no céu, sua cauda piscando.

Pergunto a ele: *Sabe com quem está lidando?*

Pergunto a mim mesma: *Sabe com quem está lidando?*

Sim. Sei com quem estou lidando. Estou lidando com a fogueira que projeta sombras oscilantes. Estou lidando com a aeronave Claire da qual sou passageira há dezessete anos. Olho para o papai e sei que ele é passageiro também. Até Ellis, lá na primeira classe. Somos todos passageiros.

Pergunto a todos nós: *Sabemos com quem estamos lidando?*

NÃO ERA ASSIM QUE VOCÊ ESPERARIA QUE SE REVELASSE

Não às 4 da manhã. Não com minha mãe sentada na cozinha esperando. Não com uma briga entre ela e meu pai quando ele conta toda a história sobre onde me buscou. E certamente não com Ellis sendo acordada de propósito para ouvir minhas “novidades”.

Ela diz muito ironicamente: “Desculpe acordá-la, mas sua irmã tem *novidades* importantes e acho que você precisa ouvir”.

Eu me sento à mesa e a escuto dizer isso no segundo andar na porta do quarto da Ellis.

Minha irmã desce as escadas atrás de Claire e se senta em sua cadeira na cozinha, então joga a cabeça entre os braços e tenta continuar a dormir.

“Então?”, minha mãe diz. “Estamos prontas para você nos contar *a grande novidade!*”

“Não tenho uma grande novidade.”

“Seu pai disse que você tem.”

“Ele nem falou comigo a caminho de casa.”

“Ele sabe onde te buscou. Por que não começa daí?”

“Cometi um erro. Fui a um bar. Fui pega. Tenho certeza de que vai ser divertido para você me ver enfrentar as consequências.” Essa resposta fez Ellis levantar o olhar. Fizemos contato visual por um milésimo de segundo.

“Você acha que isso é divertido para mim?”, minha mãe pergunta.

“Não. Claro que não. Se fosse divertido, você se certificaria de acordar a família toda e me colocar em algum tipo de julgamento irônico às 4 horas da manhã.”

Quando minha mãe está prestes a saltar em mim por bancar a espertinha, Ellis pergunta: “O que significa tudo isso?” Ela boceja. “Você foi a um bar? Por que isso é uma grande coisa?”

“Pois é”, digo. “Ela te leva para beber o tempo todo e você é um ano mais nova que eu.”

“É”, Ellis diz antes de nossa mãe gritar para nós duas.

“Mas eu não a levo para bares homossexuais!”, ela diz. O jeito que ela diz *homossexuais* é... não é padrão GLS de jeito nenhum.

“Quem os chama assim?”, pergunto.

“Quem?”

“Quem o quê?”

“Quem são eles?”

Olho para ela.

“Quero dizer, quem chama bares gays de bares *homossexuais*?”

“Acho que a nomenclatura correta é *clube gay*, mãe”, Ellis diz.

“Você sabia disso?”, mamãe pergunta a Ellis.

“Ela não sabia de nada”, eu digo. “Só eu, Kristina e Justin sabíamos. E alguns dos amigos deles.” Imaginei que invocar Kristina poderia ajudar.

Mas é como se ela não tivesse me escutado.

“Então você quer contar à sua família por que estava num *clube gay* esta noite, Astrid? E

quer nos dizer quanto tempo tem mentido para nós sobre onde estava nas noites de sábado? Porque não pense que não vou ligar para Dana de manhã.”

“Quem é Dana?”, Ellis pergunta se arrastando pela cozinha e pegando um copo de suco da geladeira.

“A mãe do Jeff”, eu digo.

“Então?”, minha mãe pressiona.

Quando Ellis volta à mesa, eu me sento à frente.

“Olha. Nos últimos finais de semana fomos para esse clube gay na cidade. Fomos porque ouvimos que poderíamos beber lá. Ninguém te pede identidade na porta. E como a maioria dos moleques de colégios que moram – olho para a minha mãe quando digo – nas cidadezinhas do interior dos Estados Unidos, morremos de tédio de ficar jogados por esta cidade sem fazer nada. É nosso último ano. Imaginamos que poderíamos nos divertir um pouco. Então sim, saímos. Nos divertimos. Dançamos. Eu bebi um drinque.

Ellis morre de rir.

“Não é engraçado?”, mamãe diz. Então olha nos olhos da Ellis. “Você sabia disso, não é?”

“Ela não sabia. Ninguém sabia. Enfim, se você está esperando grandes notícias sobre eu ser lésbica ou sei lá por que fui pega num clube gay, então não é seu dia de sorte.”

Olho para a frente e vejo Frank S. sentado num canto. Ele não está sorrindo.

“Então por que não foi para uma das centenas de bares normais para dançar e beber?”, minha mãe pergunta. Viu isso? *Bares normais*. O oposto de, você sabe, *bares homossexuais*. Acho que vamos precisar tirar o crachá de simpatizante, mãe.

“Porque não fui”, respondi.

“Você me acordou para isso? Num final de semana?”, Ellis reclama. “Fala sério!” Ela se levanta, bate a cadeira na mesa e volta para cima.

Meu pai e minha mãe olham para mim. Eu olho para o relógio. São 4h03 – exatamente dois minutos desde a última vez em que eu olhei para ele. Papai parece cansado. Supondo sua costumeira rotina de sábado à noite, aposto que ele só foi para a cama à 1 hora da manhã, depois de *Saturday Night Live*. Provavelmente estava um pouquinho chapado demais, e eu liguei e o despertei de um quase coma.

“Espero que esteja feliz”, ela diz. “Isso vai arruinar sua reputação.”

“Oh”, eu digo. Achei que todos nós sabíamos que nossa má reputação tem sido construída nesta cidade a cada casa de pássaro, mas ei, acho que podemos botar toda a culpa em mim agora. Da fome mundial. Da guerra. Do Apocalipse. Da falta de popularidade da mamãe em uma cidade que seus ancestrais ajudaram a fundar.

“Não pode pensar só em você, sabe. Pense em Ellis. Ela vai ser alvo também”, ela diz. “E sabe o que isso significa?” Ela acena com a multa e a bate na mesa.

“Acho que significa que tenho de ir à julgamento.”

“Significa que você vai perder sua carteira de motorista por alguns meses.” O pai diz. “E vai ter um histórico.”

Minha mãe suspira.

“Como acha que isso vai parecer agora que está prestes a escolher a faculdade?”

“Não sei”, digo. Olho para Frank. Ele ainda não sorri.

Sentamos em silêncio por um tempo.

“Podemos ir para a cama agora?”, meu pai pergunta. “Tenho certeza de que Astrid vai perceber o que tudo isso significa quando ela se der conta. Neste momento, só quero dormir.”

“Ninguém está te segurando, Gerry”, mamãe diz. “Acho que vou voltar para a cama e tentar dormir também. Espero que tenha se divertido esta noite, porque está completamente de castigo e sem carro. E tenho certeza de que quando Jeff souber onde você estava, ele vai terminar com você, e não posso dizer que o culpo.”

Eu abaixo a cabeça e seguro a risada.

Pobre Claire.



Na mesa de piquenique, está tudo silencioso.

Toda a adrenalina por ter sido pega coagulou-se em meus músculos e estou exausta. Frank S. ainda está comigo. Está sentado em um banco na porta de trás.

Eu aceno.

“Oi, Frank.”

Ele acena de volta.

“Oi, Astrid.” Ainda não está sorrindo. “Que feio você ter mentido.”

“Eu só não achei que era o momento certo.”

Ele balança a cabeça.

“Existe um momento certo?”

Eu não o vejo agora, então olho para o céu. Há um avião seguindo para oeste e eu me coloco mentalmente nele. Onde eu estaria indo naquela coisa? Pittsburgh? Cleveland? Isso importa? Qualquer um de nós não iria para *qualquer lugar* agora mesmo?

Pergunto aos passageiros: *Como fica o aeroporto às 4 horas da manhã? Eles ao menos têm café para ser servido? Tem papel higiênico nos banheiros?*

E por que eu me sinto envergonhada agora? É um sinal?



PASSAGEIRO # 1298
JANE TILBERTS, ASSENTO 2ª
VOO # 9321
DE NEWARK PARA CLEVELAND

Eu me sento ereta e sugo o ar como se estivesse me afogando. A comissária imediatamente me oferece um gole d'água.

“Estava dormindo”, ela diz.

Eu balanço a cabeça.

Ela me oferece água novamente. Eu digo “ok”.

Eu me lembro do sonho que estava tendo. Era eu, a adolescente. Estava no quintal da nossa casa de verão no lago, deitada numa velha colcha que minha mãe usava como cobertor de praia. Eu estava vendo um avião tão alto e me perguntei para onde ia. Eu fazia muito isso. Até que me mudei para mais perto da cidade, só via avião alto assim.

No sonho eu estava solitária. E estava envergonhada, provavelmente pelo que aconteceu comigo e Jenny naquela noite na festa do Mike. Nunca deveríamos ter ido. Esses garotos só nos convidaram para se aproveitarem de nós, então chegamos inocentes e partimos quebradas.

Mesmo que não fosse minha culpa, nunca contei a ninguém sobre isso. Nem mesmo ao meu marido. Nem ao meu terapeuta, quando eu tinha um terapeuta. Isso é antigo. Já deveria ter superado, certo? Isso foi logo depois daquela coisa do “amor livre” do começo dos anos 1970. Eram apenas garotos sendo garotos.

Mas acho que jamais vou esquecer aquela noite. Quase 40 anos, e nem cheguei perto de afastá-la ainda.

Eu me pergunto se Jenny conseguiu.

Me apoio na janela e fecho os olhos. Tenho um sonho acordada. É um dia quente, sou adolescente e feliz e estou com aquele ótimo veludo cotelê vermelho que usava no segundo ano do colégio. Enquanto me sento na varanda dos fundos da forma que fiz no dia seguinte, eu tenho certeza de que fiz tudo o que podia. Sei no meu coração que o que aconteceu não foi minha culpa, não importa o que esses garotos disseram.

É o jeito que tem de ser, então é a forma como eu vejo.

E o calor que eu sinto é real. Pela primeira vez desde o que aconteceu há quarenta anos, eu me sinto bem com isso.

Eu finalmente me sinto bem com isso.

CLAIRE CRIA SOMBRAS

Minha mãe fica parada dentro do meu quarto e irritantemente bate na minha porta até que eu me arrasto para fora de um sono profundo.

“Perdeu o trabalho!”, ela guincha. É um pterodátilo.

Olho para o relógio e faço o cálculo. Oito menos cinco igual a três. Tive três horas de sono.

“Estou de folga hoje. Fiz aquele turno longo ontem, lembra?”

“Não me disse isso.”

“Disse. Ontem quando cheguei em casa.”

“Não, não disse.”

“Bem... estou de folga.”

Ela *toc-toc-toc* escada abaixo e bate a porta de seu escritório. Após alguns minutos, ela liga o aparelho de som e eu não posso dormir.

Fico com aquele zumbido na minha orelha, o tipo que você tem quando todo sangue corre para o centro de raiva no seu cérebro. Se fosse o contrário, ela insistiria que eu tivesse respeito pelo resto das pessoas na casa. Eu iria bater pelo menos uma hora na escala de sermão.

Meu pai teria de se sentar lá e concordar toda vez que ela fizesse uma pergunta retórica. “Acha que a criamos para ser mal-educada?”, ele concorda. “Nunca vai crescer e pensar nos outros?”, ele concorda. “Sabe que nunca vai fazer amigos na faculdade com essa atitude, certo?”, ele assente.

Ellis chega antes ao chuveiro. Mamãe liga o som ainda mais alto com sua música terrível dos anos 1980 e eu desisto de dormir. Me deito na cama e pego *A República* e passo os olhos sobre o Mito da Caverna enquanto tento controlar a raiva.

Substituo as palavras pelas minhas próprias. Em vez de ser uma conversa entre Sócrates e Glauco, torno uma conversa entre Ellis e eu. Uma Ellis ficcional que fala comigo – e não apenas quando precisa de algo.

Eu: Essa família é uma ilusão.

Ellis: Acha?

Eu: Só conseguimos ver a parede que a mamãe quer que a gente veja. Nela, ela desenhou as pessoas que conhecemos em sombras. Para mim, ela desenhou você e o papai e os residentes de Unity Valley. Baseado nas sombras da mamãe, vejo uma irmã que sempre será melhor do que eu. Uma irmã que sempre vencerá, porque sou uma perdedora. Ela projetou essa mesma sombra no papai. Somos os perdedores na ilusão da família Jones e você e a mamãe são as vencedoras.

Ellis: (*ela balança a cabeça.*) Eu: Agora imagine se fôssemos livres dessa ilusão. Nossas correntes removidas, nossas cabeças capazes de virar e olhar uma a outra. Como eu ficaria para você? E como você ficaria para mim? E como ficaria o papai para nós? Você ainda iria confiar nas sombras ou veríamos as pessoas reais?

Ellis: Está começando a me preocupar, Astrid.

Eu: É porque você ainda está acorrentada.

Ellis: E você não?

Eu: Não depois da noite passada. Não depois dos últimos dezessete anos da minha vida nesta caverna. E se eu te disser que não sou uma perdedora? E se eu te disser que o papai não é um perdedor?

Ellis: Ele teria que arrumar um emprego melhor antes de eu acreditar nisso.

Eu: É a sombra falando. O que a Ellis pensa?

Ellis: (*para e faz bico*). Adoro quando ele vai aos meus jogos de hóquei.

Eu: E os perdedores vão aos jogos de hóquei de suas filhas?

Ellis: Acho que não.

Eu: Acho que não também.

Ellis: Mas se eu mudar a forma de pensar, a mamãe vai deixar de me amar.

Eu: Como você sabe?

Ellis: Sei porque é o que ela fez com você.



Depois de duas horas meio dormindo e meio lendo, rolo para fora da cama e tomo uma ducha. Escuto minha mãe no telefone e não consigo encontrar mais ninguém quando desço. Então agarro minhas chaves na mesa da sala silenciosa e decido me levar para tomar o café da manhã.

Por que não posso sair? O que eles vão fazer? Me deixar duplamente de castigo?

Enquanto dirijo para a rua principal, olho pelo espelho retrovisor e vejo Frank S. no banco de trás. Ele está sorrindo novamente.

“Oi, Frank”, eu digo.

“Olá”, ele diz.

“Por que está sorrindo?”

“Adoro panquecas”, ele diz. “Por que está sorrindo?”

“Porque hoje é o último dia.” Eu digo. “Antes de o boato se espalhar. Antes de as pessoas saberem. Antes de as pessoas falarem. Antes de virem a mim com pedras e tochas.”

Ele ri.

“Eu também amo panquecas”, digo.

Ligo para o celular da Kristina e quando ela não atende, eu deixo uma mensagem.

“Estou indo para a lanchonete tomar o café da manhã. Me ligue nos próximos dez minutos se quiser que eu te pegue.”

Ligo para o celular da Dee, mas ela não atende e também não deixo mensagem.

Dirijo para minha lanchonete favorita do outro lado da cidade e peço um prato enorme de panquecas. Então, de sobremesa, como um sundae. Enquanto reviro o fundo do meu sundae com minha colher de cabo longo, meu telefone zumba com uma mensagem.

É do número da Dee. E diz: *fique longe da minha filha*.



Tudo em que penso enquanto dirijo para casa é o que levaria alguém a dizer essas palavras. *Fique longe da minha filha*. Ela acha que sou uma má influência? Ela ainda não sabe que sou só uma nerd que edita a revista literária da escola? Que sou inofensiva? Muito mais inofensiva que a filha dela?

Afinal, foi a Dee que disse que eu era maravilhosa.

Foi a Dee que me encontrou no frigorífico.

Foi a Dee que me beijou.

Foi a Dee que inventou a palavra *abracadabra*.

Não eu.

É como uma acusação essa frase. *Fique longe da minha filha*. É o tipo de coisa que meu pai diria a Jeff Garnet, se ele não estivesse no sótão soltando a fumaça pela janela certa dependendo do vento.

É o tipo de coisa que minha mãe diria se ela soubesse o que realmente acontece onde eu trabalho. *Fique longe da minha filha*.

E Dee é assumida desde que começou o Ensino Médio. Namorou dezenas de meninas. Por que de repente eu é que sou a vilã?

Olho para Frank, que ainda está no banco traseiro, pegando migalhas de panqueca de mirtilo da barba.

“É por causa da noite passada. Por causa da Atlantis.”

Eu concordo.

Dee pode ter namorado dezenas de garotas, mas nenhuma delas a fez ser pega em um clube gay, só eu.

Quando chego em Unity Valley, estou distraída, dirijo pela rua principal e é como dirigir por uma neblina de fofocas. Abaixo a janela para verificar se consigo ouvir. É como aquele som que as pessoas fazem quando fingem que estão cochichando. *Pppssssshh*. Ouviram a notícia aqui. Posso sentir a neblina se alimentando da minha reputação enquanto eu dirijo. Sinto minha pulsação em minhas mãos agarrando a direção.

Quando saio do carro, a neblina de fofocas é como éter. Estou instantaneamente quatro vezes mais exausta do que quando deixei o estacionamento da lanchonete.

Entro pela porta, chuto meus sapatos para fora e vou direto para os degraus na minha sala. Eu me enrolo no meu tapete de carneiro e jogo duas mantas de tricô sobre meu corpo. Penso em ligar para Dee para me certificar de que tudo esteja bem, mas não ligo.

A última coisa que penso antes de adormecer é: *fique longe da minha filha*.

EU NÃO ESTAVA IMAGINANDO A NEBLINA DE FOFOCA

Manhã de domingo.

Dizem: *Puxa! Não consigo acreditar.*

Dizem: *Você pelo menos sabia que existia um bar desses por aqui?*

Dizem: *Ficou sabendo? Ficou sabendo? Ficou sabendo?*

Mas ninguém de fato fala de nós.

Dizem: *Eu sabia que algo estava errado com a coisa de Kristina e Justin. Nenhum relacionamento é tão perfeito.*

Dizem: *Devíamos expulsá-los da Corte da Festa de Boas-Vindas. Mentirosos.*

Na verdade, foram as gêmeas Koch. Estão falando direto na minha cabeça e não uma com a outra aqui na sala de estudos do quarto período.

“Quem diria que elas eram sapatas? Não parecem sapatas.”

“Não posso acreditar que Jeff beijou os mesmos lábios que provavelmente passaram por todas as partes íntimas da Kristina.”

Eu me viro para as duas: “Podem parar?”

“Por que você não para?”

“Estão completamente erradas, sabe? Estão só falando besteira.”

“Não é o que escutamos.” Elas falam em uníssono, como as meninas bizarras de *O Iluminado*.

Dizem: *Não é o que ouvimos.*



A neblina está tão pesada na hora do almoço que Kristina e eu saímos – totalmente contra as regras – e caminhamos pelo estacionamento em direção ao estádio de futebol e nos sentamos nas arquibancadas vazias atrás da cabine de imprensa.

“Caramba!”, ela diz.

“É.”

“Então, sabe que todo mundo acha que a gente é um casal, certo?”

“Sim.”

“E acham que estamos juntas desde o Ensino Fundamental.”

“Sim.”

“E ouvi alguém dizer que Justin estava oferecendo serviços no canto dos fundos por dez mangos o boquete.”

“Ugh.”

“E ouvi...”

“Pare!” Digo. “Não me importa o que os babacas desta cidade idiota dizem. Eu não me importo.” Mastigo mais dois antiácidos. Já perdi a conta hoje.

Ela levanta as mãos de maneira defensiva.

“Sem problemas. Só achei que eu poderia desabafar com minha melhor amiga sobre o final de semana que todo mundo descobriu que a gente era gay. Obviamente não posso.”

“Desculpe. Pode desabafar. Só não quero mais ouvir boatos. É tão idiota.”

Ela suspira.

“Então, como foi ontem? Eles surtaram com você em casa? Porque certamente eles surtaram comigo.”

“Claire fez um minijulgamento assim que cheguei em casa até as 4h30. Até acordou Ellis por causa disso.”

“Uau. Pelo menos a minha esperou até ontem. Minha mãe parece pensar que fiz isso para matá-la. Como a Claire e o Gerry aceitaram isso? Levaram a notícia numa boa?”

Não digo nada por um tempo. Então digo: “Não contei a eles”.

“Mas ele não foi lá te buscar?”

“Quero dizer, não disse que sou gay.”

Ela olha para mim de lado.

“Quer dizer que eles não pegaram a dica toda de *ser pega em um bar gay*?”

“Eu disse a eles que fui lá só para me divertir com meus amigos.”

“E eles *compraram*?”, ela diz alto demais. Eu faço que sim. Ela explode numa risada exagerada demais. Igual no bar na noite de sábado.

Dou a ela um olhar irritado.

“As gêmeas Koch foram um saco na sala de estudos.”

Kristina finge afofar seu cabelo.

“As gêmeas Koch estão com ciúmes?”

Fico em silêncio por um minuto.

“Qual é seu problema?”, ela me pergunta. “Você parece que vai vomitar.”

“Recebi uma mensagem de texto da mãe de Dee ontem, e dizia *fique longe da minha filha*, e eu estou bem surtada porque, e se eu fiz tudo isso por nada? E se eu não puder ver a Dee de novo? E se eu estiver errada sobre tudo isso?” Coloco o rosto em minhas mãos.

A minha ficha está caindo, como meu pai disse que iria.

Fui pega num bar gay. A mãe da Dee me odeia. Estou prestes a perder minha carteira. Vou ter que ir na frente de algum juiz conversar sobre isso. Todo mundo acha que sou gay.

E eu acho que *sou* gay.

Acho que sou gay e a mãe da minha namorada escreveu *fique longe da minha filha*.

“Falou com ela?”

Eu balanço a cabeça.

“Estou muito assustada. A mãe dela está com o telefone, de todo modo.”

“Devia ligar para ela. A mãe dela provavelmente surtou como seus pais, certo? Quero dizer, fomos pegas bonito no bar, não é?”

“É, acho eu sim.”

Ela olha as horas no telefone.

“Quase hora de voltar.”

“Recebeu minha mensagem ontem?”

“Sim.”

“Não me ligou de volta.”

“Foi entre sermões, interrogatórios e crises de gritos. Primeiro minha mãe, daí meu pai, daí

minha mãe de novo. *Oh, pobre de nós! Nossa reputação está arruinada para sempre! Tem certeza de que é gay? Como pode gostar disso? Justin é gay também? Há quanto tempo isso acontece? Como pode fazer isso com a gente?* Blá blá blá. Então tiveram uma enorme crise porque o papai queria me arrumar com o filho de algum esquisitão para melhorar as coisas, e minha mãe disse que nada consertaria e que estamos todos basicamente ferrados até o final dos tempos. Então meu pai fez a mala e saiu dirigindo.” Ela deu de ombros.

“Droga! Isso é um saco”, eu digo.

“Até onde eu sei, ele pode não voltar nunca mais. Não apareceu noite passada.”

“Hum”, digo. Apesar de toda a briga de Claire e Gerry, não consigo imaginar nenhum dos dois saindo e não voltando. Não sei o que dizer.

“Justin também”, ela diz e passa seu telefone com as mensagens de texto dele na tela. *Volto depois que a poeira baixar.* Não se preocupe com a gente.

O sino toca para o final do sexto período, começamos a nos levantar e Kristina para na mesma hora. Seu sorriso some e posso ver que sua petulância se dissolve em ondas. O que sobrou é a amiga que conheci quando eu tinha 10 anos. Boa, vulnerável e sincera. O tipo de menina que ajuda você a desfazer as malas e arranjar seu quarto mesmo que tenha acabado de te conhecer.

Ela começa a chorar. Acho que nunca a vi chorar por nada.

“Não posso voltar lá”, ela diz.

“Já passou pelo pior disso”, eu digo.

“Não. Há muito mais. Não posso voltar para dentro.” Ela sacode a cabeça e seu lábio está projetado.

“Não precisa ir, acho. Pode apenas ir pra casa. Ninguém vai te deter.”

Olhamos uma para a outra. Kristina assente e começa a andar em direção à entrada da rua e eu corro pelo estacionamento e pela porta lateral para a ala de artes industriais. Não dizemos adeus.



Eu bloqueio tudo que escuto no corredor.

Dizem: *Blá blá blá Kristina Houck.*

Dizem: *Bla blá blá Astrid Jones.*

Dizem: *Blá blá blá Justin Lampley.*

Em História da Europa tem Kevin na fileira de trás cochichando: “Ei, sapatona! Ei, fancha!”, o tempo todo. “Uma noite comigo e minha equipe curaria isso, sabe!”



Caminho para casa sozinha e penso em parar na casa da Kristina, mas vejo o carro do pai dela na entrada e não quero tornar as coisas mais complicadas para ela. Eu sempre meio que desejei que a minha mãe fosse como a professora Houck: tranquila, não obcecada com trabalho, não tão preocupada com o que as pessoas dizem sobre ela. Mas acho que estou errada. Talvez as

pessoas perfeitas se importem mais do que nós, pessoas únicas.

Quando entro na porta da frente em casa, a primeira coisa que noto é o silêncio. Então subo as escadas para meu quarto e escuto conversas abafadas. Passo pelo escritório da mamãe e está vazio, todas as luzes apagadas. A luz vermelha de mensagens está piscando em sua secretária eletrônica.

A conversa abafada é a mamãe e Ellis no quarto da mamãe. Não quero ouvir o que elas estão dizendo, então vou ao meu quarto e fecho a porta. Trago o número da Dee no meu celular, então olho a mensagem. *Fique longe da minha filha.*

Posso apenas dizer *que droga?* Há apenas dois dias estávamos na Atlantis sendo livres, abertas e apaixonadas, e tudo era perfeito. *Perfeito. Abracadabra* estava no horizonte. Eu estava certa de tudo, não que não esteja certa agora, mas como devo me sentir sobre *ficar longe da minha filha?* Me sinto assustada. Sinto como se estivesse arruinada. Sinto como se essa fosse a gota d'água em uma fila de fracassos. O universo pode estar nos dizendo que não devemos ficar juntas ou algo assim.

Tento escrever uma carta para ela, mas começo três e as amasso e enfio na minha mochila caso minha mãe leia o lixo enquanto estou na escola. No final, decido que vou ligar para ela... amanhã. Abro um livro e começo a fazer meu dever de casa.

Só quando cruzo caminho com meu pai que estava indo ao banheiro é que vejo o quarto deles enquanto ele fecha a porta atrás de si e percebo que minha mãe ainda está na cama.

Estou chocada. Já vi mamãe com pneumonia arregaçando os pulmões dobrada sobre a mesa de trabalho. Mesmo aquela única vez com aquela vertigem esquisita, ela trabalhou. Ela não usou saltos, mas trabalhou.

Então talvez gente perfeita e gente única reajam de formas similares quando suas filhas são pegas em um clube gay.



Ellis foi para a casa de uma amiga no jantar, o que é tão estranho quanto ao fato de minha mãe ainda estar na cama. Papai trouxe comida chinesa morna. Posso ver que ele ainda gosta de mim depois da noite de sábado porque me comprou rolinho primavera de kani. Meio empapado e frio, mas ainda assim, o que vale é a intenção. A mamãe e Ellis não falaram de fato comigo por dois dias, então ter alguém que dá a mínima por perto é bom.

Enquanto ele troca as roupas de escritório e coloca as de *mano*, abro o forno e coloco a comida chinesa para esquentar um pouco. Vi que mamãe pediu frango do restaurante General Tso. Decido que ela deve ter o dela morno e não coloco na bandeja do forno. Ele leva para ela em uma bandeja de madeira que Ellis e eu usamos para o café da manhã na cama do dia das mães.

Quando ele se senta na mesa da cozinha e começa a atacar seu yakissoba, eu pergunto: “Não te dão comida no trabalho?”.

“Pulei o almoço.”

“Eu também. Valeu pelo rolinho primavera.”

“Claro, Strid.” Ele não me chama de Strid desde que eu estava no Fundamental.

“Teve um bom dia no trabalho?”

“Tão bom quanto eu esperava. Ainda sem grampeador. E você?”

“Sem comentários.”

“É. Fiquei sabendo.”

Suponho que ele esteja dizendo pela mamãe, que ouviu da Ellis e quem quer mais que tenha dito o que quer que a fez ficar na cama hoje. Aceno concordando.

Aponto para o teto.

“Ela está doente?”

Ele balança a cabeça negativamente.

“Ela vai voltar ao normal amanhã?”

“Talvez”, ele diz.

“Hum.”

“Não gostamos quando mente para nós.”

Eu não respondo.

“Só queremos saber se está bem e, se está mentindo, não sabemos onde está.” Ele dá uma mordida em seu *chow mein* e acrescenta, com a boca cheia e um macarrão pendurado de um lado, “tanto geográfica quanto metafisicamente, sabe?”

“Sei.”

“Onde está, Strid?”

Dois usos do meu apelido carinhoso de infância, rolinho primavera, nós dois sentados aqui jantando juntos, Ellis está com uma amiga, a mamãe na cama... Só há uma explicação: ele foi enviado pela general lá de cima para me interrogar.

“Geograficamente, estou na mesa de jantar, pai. E metafisicamente, estou bem. Sabe, só tive um dia difícil na escola graças à vida de cidade do interior.”

“Você pode confiar na gente, tá?”

Isso significa que não posso confiar neles.

“Claro, pai”, eu digo levando meu prato para a pia.

Depois do jantar, saio e me deito na minha mesa e envio meu amor para o céu. Não consigo ver nenhum avião, mas posso ouvi-los lá atrás das nuvens.

A exaustão se estabelece enquanto me deito aqui. Penso na escola amanhã. Penso em ficar na cama como minha mãe. Ou correndo como Justin, Chad, Kristina e o professor Houck. Mas não tenho vontade realmente. Além do mais, é o dia em que ligo para Dee, e talvez tudo fique bem.

Escuto outro jato sobre as nuvens, e cochicho para ele.

“Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.” Minhas pálpebras ficam pesadas e sinto uma vontade instantânea de fazer o dia de hoje desaparecer, caindo no sono até ser amanhã. Mas não consigo me mexer.



Estou presa na mesa. Minha mesa. Estou presa com cordas – como tentáculos de polvo. Como borracha. Ao redor dos meus tornozelos, meus antebraços, meus quadris e minha testa. A agulha se enfia no meu umbigo e suga algo para fora. Posso vê-la vindo através do tubo translúcido. Estão guardando parte de mim em um jarro a vácuo – como um tubo de ensaio. Tem etiqueta, mas não consigo ler.

O grande diz: “Você enviou para nós”. Não consigo dizer nada porque estou completamente presa. Até minha língua. “Como sabia que estávamos lá?”

O pequeno diz: “Você é a única que já nos encontrou”.

O grande responde: “Também te amamos”.



A porta de trás bate com meu pai indo para a garagem. Eu me deito aqui e pergunto a mim mesma *quantas coisas eu tenho de inventar na minha mente para sobreviver a isso?*

Faço Frank S. aparecer em seu banco favorito na porta dos fundos. Ele responde: “Tantas quantas forem necessárias”.

Busco o meu umbigo e me certifico de que não há ferimento, mesmo eu sabendo que não há ferimento.

“O que estão extraindo de mim?”, pergunto porque mesmo que esse seja meu povo alienígena imaginário, não tenho ideia do que estão extraindo.

“Não sei”, Frank responde. “Talvez a verdade, e guardando para mais tarde. Como você.”

A COISA SÓ PIORA, SABE?

Cerca de 54 segundos depois do primeiro período na terça-feira, eu dou direto com Jeff Garnet e derrubo os livros que estou carregando. Ele para e olha para mim, e seu rosto está cheio de mágoa e de raiva. Então ele continua andando, o que me faz sentir dez milhões de vezes pior por tudo que fiz para a ele. Uma das pessoas com quem ele está andando chuta minha cópia de *A República* pelo corredor, e o professor Trig a pega e passa para mim.

“Sentimos sua falta em Trigonometria”, ele diz.

O que sem dúvida é esquisito, mas quer dizer algo positivo, então aceito. Quase me faz querer desenhar um triângulo rosa e medir os ângulos e lados e descobrir as funções.

Na aula de Filosofia, a professora Steck se concentra na nossa discussão anterior sobre o Mito da Caverna de Platão. Ela pergunta: “O que você acha que Platão quis dizer quando falou em libertar as pessoas que retornam à caverna? Ele pensava que elas podiam lidar com o mundo externo? Ele sentia que precisavam ser controladas? Ao que isso se compara em nossa sociedade? Temos lugares na caverna?”.

Ela olha para mim quando pergunta isso, mas não me chama, e eu mando amor para ela por isso. *Professora Steck, sei que você se sentou na sala dos professores e ouviu cada boato idiota. Eu te amo porque essa discussão é exatamente do que eu precisava. Não vou ser como a Kristina e voltar para a caverna.*

Durante os últimos cinco minutos da aula, ela diz: “Só falta uma semana até a semana de Sócrates! Estão todos prontos?”.

Clay grita: “Que droga, sim!”, como se ele estivesse em algum jogo de beisebol ou coisa assim, e faz todos nós rirmos.

“Quero todos os paradoxos na minha mesa até sexta”, a professora Steck diz. “Se quiserem mudar, têm até o dia do projeto para fazer isso. Mas quero algo de vocês até sexta, entendido?”

Todos dizemos: “Entendido”.



Durante a sala de estudos do quarto período, eu me sento no canto dos fundos do auditório, o mais longe possível das gêmeas Koch, e quando a professora faz a chamada eu digo “presente”, e ninguém me faz me mover. Alunos se viram para olhar para mim. Alguns em solidariedade. Alguns com maldade. Alguns só flutuando, como peixes. Digo a mim mesma que a maioria das pessoas na sala de estudos é legal. As gêmeas são apenas babacas. Kristina estava certa. Estão provavelmente com ciúmes por causa do Jeff.

Falando da Kristina, ela não está aqui hoje. O que significa que sou apenas eu contra o mundo – sozinha.

Antes da aula de Literatura Americana, eu vejo um cartaz do lado de fora da porta da professora Steck que diz: *A professora Steck ♥ periquitas*. É errado da minha parte querer pelo

menos corrigir o E para I antes de arrancar da parede e enfiar na minha mochila?



Mamãe ainda está na cama quando chego em casa.

Dizem: *Ouvii que Claire Jones está doente?*

Dizem: *Esse tipo de notícia pode matar uma pessoa.*

Escuto o murmúrio baixo da minha mãe conversando com Ellis através da porta do quarto novamente – as duas rindo e conversando sem parar sobre algo engraçadinho, então bato.

Fico do lado de fora por alguns minutos e as duas ficam quietas. Então eu escapo para o meu quarto e fecho a porta.

Ligo para Kristina e ela atende na primeira chamada.

“Oi”, eu digo.

“Oi.”

“Nunca mais vai voltar para a escola?”

“Talvez na sexta. Os Houcks estão tirando umas férias de outono de última hora para ver as gloriosas folhas da Nova Inglaterra”, ela diz.

“Já não acabaram todas as folhas?”

“Não sei. É tudo baboseira porque minha mãe ainda está surtando. Nossa! Parece até que eu matei alguém.”

“Conversou com a Donna?”, pergunto.

“Estamos mandando mensagens de texto, principalmente. Não quero irritar demais as unidades parentais. Mas disse a eles que eu a amo, e estou supondo que vai cair a ficha um dia. Talvez as folhas de Vermont os ajudem a não serem babacas sem moral.”

“Então é Astrid contra o mundo esta semana, hein?” pergunto.

“Creio que sim. Acredite em mim, estaria lá se eu pudesse. Ficar presa em um carro com esses dois por alguns dias provavelmente é pior.” Sei que não é pior realmente. A professora Houck vai deixá-la beber drinques chiques de café e comer docinhos para fazer tudo parecer melhor com suas vidas arruinadas. “Mais alguma coisa?”, ela pergunta.

“Hum, não, acho.”

“Preciso fazer as malas, sabe?”

“É, claro. Boa viagem.”

Ela desliga antes até de poder me ouvir dizer isso.

Papai e eu comemos sozinhos de novo. Pizza desta vez. Ele leva metade para cima, onde a festinha do pijama exclusiva de mamãe e filha está rolando sem nós. Ele está chapado demais para conversar, e come como um aluno de faculdade. Não vejo Ellis até nos encontrarmos no corredor fora do banheiro a caminho de tomar banho antes de ir dormir.

“Vá você”, ela diz baixinho. “Posso esperar.”

“Então, o que há com você?”, pergunto.

Ela suspira e cruza os braços.

“Olha, só me deixe em paz, tá? E o que quer que faça, não converse comigo na escola. Vamos fingir que não somos irmãos pelo resto do ano.”

“Uau”, digo. “Que merda!”

“Quer saber o que é uma merda? Todo mundo na minha sala me chamando de sapata!”, ela aponta para si mesma. “O que é uma merda é ter de explicar às pessoas que é você, *não eu*, que foi pega num clube gay vagabundo. O que é uma merda é o que essa coisa toda fez com a mamãe. Ela não consegue nem sair da cama. Ela sabe que está todo mundo falando sobre ela.”

Quero tanto contar a Ellis que a mamãe pode sair da cama. Não está paralisada. Só está usando isso como outra forma de puxar Ellis para mais perto dela e mais longe de mim. Mas não digo nada. Em vez disso eu digo: “Ela sabe que todo mundo está falando sobre ela?”.

“E eu.”

“E você”, eu digo. “Sobre ela e você?”

“Sim, Astrid, eu *sei* que o mundo todo está falando sobre você também, você é aquela que escolheu sair e dançar com seus gays, sabe?”

Eu a encaro antes de me virar e sair. *Ellis, eu te amo mesmo você sendo uma completa idiota. Isso não funciona... Ellis, eu te amo mesmo que você tenha sofrido uma lavagem cerebral. Não. Ainda não funciona. Ellis, eu sinto muito. Eu tentei te amar, mas agora eu também desejo que você não fosse minha irmã.*

NADA IMPORTA

Quarta-feira. Eu evito levantar o olhar na escola.

Dizem: *Acho que Astrid Jones vai cometer suicídio.*

Dizem: *Ouvi que Kristina Houck terminou com ela.*

Dizem: *Ela devia apenas se matar agora.*

Enquanto ando pelos corredores, vejo-os algemados pelo chão encerado de ladrilhos, algemas nos tornozelos afundando em suas peles. Vejo como muitos deles precisam estar na caverna. Vejo aqueles que nunca vão deixá-la e aqueles que têm de voltar porque não podem aguentar lá fora. O que é: nada. Nada há lá fora. Boatos não importam. As reputações de Unity Valley não importam. Eu ser ou não gay não importa.

Esse é um pensamento extremamente libertador. Sorrio pelo caminho até minha próxima aula só para descobrir que algum idiota desenhou isso em canetinha vermelha na parede sobre meu armário:



Meu Deus. As pessoas são idiotas assim? Por que não Astrid e *Kristina*? Por que não *sapatona* ou *machona* ou alguma gíria aceitável de U. Valley? Mas Astrid e sua *própria irmã*?

Sério. O reino de crença aqui está gerando idiotas.



Na aula de Filosofia as pessoas começaram a surtar e pensar duas vezes sobre seus paradoxos. Ninguém compartilha porque todos achamos que temos a ideia mais original, mas geralmente não há ideias originais. A professora Steck nos disse isso semanas atrás.

Encaro o cursor piscando na tela do computador, digito meu paradoxo e aperto Enviar. *Igualdade é óbvio*. Eu me pergunto o que Frank Sócrates pensaria sobre isso.



No período da sala de estudos, escuto gente falando sobre a mãe de Aimee Hall. Aparentemente, ela veio ontem e surtou porque escutou que sua filha tem aulas com *homossexuais conhecidos*. Eu tento não transbordar em suor quando escuto isso. Olho ao redor e percebo que todo mundo nesta sala está agora forçado a se sentar na classe com uma *homossexual conhecida*.

Então a história piora.

Noite passada, a professora Hall e um pai apareceram na reunião da direção da escola e reclamaram que o Colégio de Unity Valley tem uma “agenda homossexual” e fizeram telefonemas para três professores se demitirem.

Uma das professoras é professora Steck.

Dizem: *Ela não é casada. Você sabe o que isso significa.*

Outro é o professor Williams, porque ele expulsou alguns alunos da aula por negarem o Holocausto. Como isso se encaixa na “agenda homossexual” vai além da minha sabedoria.

“Isso não faz sentido”, diz o Clay da aula de Filosofia.

“Que seja”, a loira que está contando a história diz. “É sobre nossa liberdade. Ser quem a gente é, se reconhecemos os gays ou não.”

Clay apenas olha para ela. Então coça a cabeça. Daí ele volta ao romance que está lendo. Eu me sento lá e faço um jogo de palavras na minha cabeça. Substituo a palavra gays da frase por outras palavras: *negros, hispânicos, mulheres, mestiços, Testemunhas de Jeová, ciganos, russos, poloneses, iugoslavos, ucranianos, deficientes físicos e mentais.*

Frank diz: “Bingo, Astrid Jones”.

“Bingo? Você disse Bingo?”

“Não é o ótimo o que te ensinam na escola hoje em dia?” Ele bate no meu joelho e ajusta sua toga para que não revele muito enquanto se senta num assento baixo de auditório.

Estou tão feliz por ter Frank. Eu meio que sinto falta de Kristina esta semana, mas também não sinto. De toda forma, Frank está preenchendo o vazio. Quer dizer, tanto quanto ele consegue, considerando que está morto e na minha cabeça.



Ellis está esperando por mim fora da minha sala de Literatura. Está soluçando.

“Não podia cobrir ou algo assim?”, ela grita. “Não podia negar ou denunciar ou fazer *algo normal?*”

“Do que está falando?”, pergunto.

“Aquela MERDA em cima do seu armário!” Ao lado dela está Jessie, sua amiga do hóquei e corrida. A amiga de Dee. Dou a ela um aceno.

Percebo que não tenho ideia de por que não fiz nada em relação a isso. Acho que imaginei que ninguém ia se importar.

“Sinto muito, El.”

“Não é só *seu* nome lá, sabe!”, ela diz. Isso é tipo um milhão na escala de macacos voadores dela.

“É, total. Eu sei. Olha, vou denunciar agora. Imaginei que iria sumir bem rápido, como

qualquer outra pichação, acho. Sinto muito mesmo.”

Ela vai embora com Jessie, que me dá um sorriso solidário.

Quando vejo Ellis no almoço, ela está sentada perto do bufê de salada com Aimee Hall e sua banda de felizes fofoqueiros. Eu estaria mentindo se dissesse que o simples pensamento do que poderia ser dito naquela mesa agora não me fizesse sentir doente.

Eu me sento sozinha.

Escuto coisas.

Dizem: *Foi Astrid Jones que as levou para aquele lugar, sabia? Devem ser suas raízes da cidade grande.*

Dizem: *Se eu fosse os Houcks, eu iria arrumar uma nova raiz para ela.*

É mesmo impressionante o que algumas pessoas dizem. Mal posso esperar para contar essa para Kristina quando ela voltar. Vamos rir até doer a barriga, aposto.

Antes do sétimo período, eu dou uma passada e digo à professora Steck que vou deixar a revista literária esta semana. Ela assente como se já soubesse disso.

“Viu esses?”, ela pergunta, e aponta para a lousa. Há mais dois sinais como aquele que tirei da parede ontem. Uma diz SAPATAS PRECISAM DE PAU(LADA)! Mesma letra da placa na minha mochila. “Estou começando uma coleção”, ela diz. “Adolescentes conseguem ser tão espertos.”

A outra placa diz ADÃO E EVA, NÃO ADÃO E IVO, o que não é nada original.

“É”, eu digo. “As pessoas daqui são mesmo brilhantes.”

A professora Steck diz:

“Lembre-se apenas que é uma minoria.”

Eu busco na minha mochila e encontro o cartaz com *A professora Steck* ♥ *periquitas* de ontem, e levo à lousa e a desamasso. Nós a pregamos juntas e eu desenho um risco sobre o E e escrevo GRAFIA INCORRETA. PERDEU.



Há três anúncios à tarde depois da costumeira lista de alunos que precisam se apresentar para o vice-diretor para punições. O primeiro é sobre uma mudança no cardápio do almoço de amanhã: não tortinhas de frango, mas sanduíches de peru com queijo. O segundo é sobre como o cronograma de segunda vai mudar porque no terceiro e quarto períodos a escola toda vai ter uma assembleia de Dia da Tolerância e uma reunião Contra o Ódio. Não escuto o terceiro anúncio porque estou ocupada demais ouvindo o sangue pulsar pelos meus ouvidos e sentindo que há um holofote quente diretamente em mim.

SUPERE

Quando chego em casa, mamãe está sentada na mesa da cozinha esperando por mim. Com o papai. Ellis está no segundo andar ouvindo música alta demais. Algo está bem diferente, mas não consigo descobrir o que é.

A carta da sala da diretoria está no meu lugar da mesa, aberta.

“Oi, mãe. Que bom que está se sentindo melhor.”

Olho além dela na sala. Visualizo três formas distintas. A tábua de passar. O ferro, ligado, com sua luzinha vermelha brilhando. E uma pilha de... o que é isso?

“Ellis me contou que vocês estão tendo dificuldades na escola esta semana”, ela diz.

“Na verdade não é tanto assim.”

“Hum. Bem, *ela* está tendo dificuldades esta semana na escola.”

Meu pai diz: “E esse Dia da Tolerância é algo de que ela não pode participar. É muito difícil para ela depois... disso”.

Dou de ombros.

Ela acrescenta: “Sabe que agora as pessoas estão falando sobre ela também, não é?”.

“Dizendo o quê?”, pergunto, mesmo que saiba exatamente do que ela está falando. Mas se somos tão cabeça aberta de Nova York, então por que estamos fazendo grande caso disso?

“Queremos saber se você é gay”, minha mãe diz. “Não podemos seguir adiante com você até sabermos a verdade.”

“Não podem seguir adiante comigo? O que isso significa?”, pergunto. “Como pais?”

Ele diz: “Estamos fazendo o melhor que podemos, mas com todas as suas mentiras, não acho que podemos voltar aos eixos até tudo estar bem claro”.

De volta aos eixos. Não podemos seguir adiante. Parece que eles estavam assistindo Dr. Phil ou sei lá.

“Eu não sabia que estava fora do eixo.” Vou ao gabinete e pego alguns antiácidos e os mastigo.

“Não sabia?”, meu pai diz.

“Pelo amor de Deus, Astrid, olhe para você!”, mamãe diz cortando-o.

Eu olho para mim mesma. Pareço exatamente a mesma do que cinco meses atrás, antes de eu começar a beijar Dee nos frigoríficos.

“Não pareço nada diferente do que semana passada, pareço?”

Frank salta para o balcão da cozinha, cruza os braços e abafa o riso.

“Acho que sua mãe está falando da sua ficha criminal.”

“E das mentiras!”, ela acrescenta.

“E das mentiras!”, Frank diz.

“Ah”, eu digo. Então noto o que há de diferente: são as cortinas. Todas as cortinas foram tiradas. Até as rendadas que tampam a visão de fora. É o que há na pilha ao lado da tábua de passar. Minha mãe está lavando e passando todas as cortinas. Por isso que está tão claro para uma tarde sombria de novembro.

“Bem? Pode nos contar a verdade?”, papai pede.

“Por que está passando as cortinas?”, pergunto.

“O quê?”

“Deve ter levado o dia todo. Por que não mandou lavar e passar a seco?”

Meu pai se inclina.

“Isso quer dizer sim?”

“Sim o quê?”, pergunto. Já me esqueci da pergunta.

“Você é gay?”, a mamãe pergunta.

Suspiro.

“Não faço ideia.”

Frank suspira e revira os olhos.

Minha mãe se atíça.

“Então, fomos de *não sou gay*, só estava num clube gay para dançar para *não sei*. ”

“Certo.”

“Então isso significa sim?”, meu pai pergunta de novo. Olho para Frank Sócrates e ele diz na minha cabeça: *não se contente com nada menos do que a verdade. Mesmo que a resposta seja não sei.*

“Não”, eu digo. “Significa que eu não sei. Não é tão fácil quanto vocês estão supondo.”

“Não venha com essa”, mamãe diz.

“O quê?”

“Não é uma escolha. Ou você nasceu gay ou não nasceu gay.”

“Ainda que eu aprecie sua categorização rigorosa e política sobre gayzice, não posso dizer que sei que sou uma coisa ou outra. Então a lógica me diz que se eu nasci gay, então eu deveria saber que sou gay, o que significa, por suas regras, que não, não sou gay. Porque eu não sei.”

Eles me encaram. Começo a escrever uma lista num papel de caderno enquanto falo. “Mas se é baseado em amor e atração por gente do mesmo sexo e uma possibilidade de talvez estar apaixonada por uma menina, então a resposta pode ser sim. Mas eu não me chamaria de gay. Não pareceria justo com gente gay de verdade. Especialmente se eles nasceram sabendo com certeza, como você diz que eles sabem.”

“Meu Deus! Pode cortar o sarcasmo e responder a maldita pergunta?”, minha mãe grita.

“Acabei de responder a pergunta”, digo, ainda escrevendo sem levantar o olhar.

“Pode nos dar um sim ou não?”, papai pergunta. Posso ver que ele está se mordendo para ir à garagem logo que for humanamente possível. Está quase babando.

“Não realmente”, eu digo. “Desculpe.” *Porém posso te dar um deixo-me em paz por que isso importa tanto e não é da porcaria da sua conta. Te amo.* “Não é tão simples como vocês estão fingindo ser. Não acho que toda pessoa gay pode ser claramente definida e colocada em uma caixinha, sabe?”

Após um minuto de silêncio, o meu pai diz: “Você não vai nos contar”.

“Acabei de te contar.”

A mamãe diz: “Francamente, estou até mais decepcionada do que eu estava antes de começarmos”.

Eu suspiro. Estou exausta com eles. Estou exausta comigo. Estou exausta de ter de ser eu, com eles.

Termino minha lista. Ela diz: *Aqui está uma lista das coisas que você pode colocar em uma caixa: cachorrinhos. Batom. Cordas de pular. Joias. Jogos de cartas. Acessórios de cabelo.*

Cartas de amor. Colheres. Materiais de escritório. Esmalte de unha. Projetos de arte. Folhas recolhidas em um passeio de outono. Tigelas de cereal. Palitos de picolé. Grampos usados. Livros. Bonecos. Armas de destruição em massa. Modelos de carro. Fotos de entes queridos. Tachinhas. Coloco no meu bolso.

“A mãe da Kristina disse que ir àquele bar foi ideia sua”, minha mãe diz. “Não podemos entender por que você veio com essa ideia se não tem mentido para nós. Eu gostaria de saber quando você foi lá pela primeira vez, e quero saber como entrou e...”

“Espera. O quê?”, olho para ela. “O que acabou de dizer?”, essa parte da asneira em particular é legal como um boato idiota de escola, mas isso é diferente.

“Conversei com a Kristina também. Ela me disse que você a arrastou para lá.”

Eu a encaro. Eu me torno uma Astrid muito séria. Eu me sento direito. Respiro fundo.

“A Kristina disse que eu a arrastei para a Atlantis?”

“Sim. Ela disse que nunca havia pensado nisso antes porque ela e Justin estavam encontrando os *amigos* deles naqueles encontros duplos que costumavam fazer.” Ela faz uma careta com o termo *encontro duplo*.

“É uma mentira completa. Não acredito que ela disse isso.”

Frank diz: “Sério? Eu acredito”.

“Eu não tenho razão para não acreditar nela, tenho?”, mamãe diz.

Ela se senta lá com as sobrancelhas levantadas em um arco de julgamento.

“Tipo... só a *porcaria da vida toda dela* era mentira, mãe. E todos vocês compraram! Há poucas semanas você estava me perguntando sobre ela e Justin e o baile. Que tal *essa* mentira?”, eu grito.

“Bem.” Ela para por um segundo como se estivesse prestes a dizer algo mais. “Até ela e a mãe dela virem aqui e me dizerem que mentiram, acredito nelas. São boa gente.”

“E eu não sou?”

“Eu não disse isso.”

“Ela me arrastou lá depois de me encher por meses. Ela nem sabia sobre... hum.” Eu paro.

“Sobre o quê?”, ela pergunta.

“Sobre quaisquer questões que eu pudesse ter sobre essas coisas.” Eu envio meu amor para mim mesma por deixar tão vago. *Astrid, cara, você é sutil. Adoro a forma como deixou tudo completamente obtuso. Boa manobra.*

“Então está dizendo exatamente o oposto? Que Kristina arrastou *você* para lá?”, mamãe diz.

“Sim.”

Meu pai suspira.

“Não vejo por que isso importa.”

“Importa para mim porque minha melhor amiga acabou de me ferrar sendo que foi tudo ideia dela. Nunca mais vou confiar nela. Talvez a única amiga que ela tenha nesta casa agora seja você, mãe.”

Meu pai parece preocupado. Mamãe parece uma misto de confusa e presunçosa. Frank S. parece com fome. Ele se levanta e olha na geladeira.

“Eu verifiquei a história com algumas pessoas na cidade em quem eu confio. Disseram que é a versão que eles ouviram também.”

Eu a encaro.

“É porque estão repetindo o que ouviram... da professora Houck, provavelmente.”

“De todo modo minha filha arrastou um quinto da Corte da Festa de Boas-Vindas para um

bar gay e fez com que todos fossem presos.”

“Baboseira. E tecnicamente não fomos presos.”

“Ah, pelo amor de Deus. Não sei por que eu me importo em tentar uma resposta honesta de você. Você não disse nada... significativo para mim em anos.”

Ela vai para a sala, liga um abajur de mesa e começa a atacar as cortinas com o ferro quente. Eu me sento lá e tenho pensamentos sobre atacar *ela* com um ferro quente. *Significativo?* Como se ela não estivesse ocupada demais vestindo Ellis em diamantes e veludo para me ouvir se eu fizesse algo significativo. Como se ela pensasse que qualquer coisa que eu dissesse fosse significativo. Minha nossa.

Papai se levanta e sai pela porta dos fundos em direção à garagem, e eu quase quero segui-lo e perguntar se eu posso dar uns tapas no cachimbo para poder apagar dos ouvidos o que ela acabou de dizer.

Em vez disso, vou à minha mesa de piquenique. Enquanto me deito lá, empacotada no meu casaco de inverno e cachecol, posso sentir o cheiro do baseado do papai, e encontro três aviões voando numa fileira no céu escuro. Quando deixo de lado o quão brava estou com minha mãe, percebo que estou fervendo de raiva por causa de Kristina. Em chamas. Fumegando. Explodindo.

Penso em todos os momentos mandões e os momentos perfeitos lindinhos e os momentos de pressão e o que ela me fez fazer com Jeff Garnet. Estou brava demais para ficar deitada aqui. Me levanto e caminho para a beirada de nosso quintal e volto para a garagem. Então passo pela porta lateral e para a rua e para a casa da Kristina, onde nenhuma luz está acesa e a minivan ainda não está na entrada. Eu me sento na varanda dos fundos e me empurro no balanço.

Olho ao redor em busca de algo para vandalizar. Algo para socar.

Caminho até a porta dos fundos e escrevo *MENTIROSA* no vidro com meu dedo, mas está tão limpo que não acho que alguém vá ver. Escrevo novamente na lateral da porta dos fundos e na pedra e nas pereiras que ladeiam o caminho de trás. Escrevo na porta da garagem. Cinco vezes. *MENTIROSA MENTIROSA MENTIROSA MENTIROSA MENTIROSA*.

Eles dizem: *Viu Astrid Jones agindo como louca na casa dos Houck esta noite?*

Dizem: *Eu te disse que elas terminaram.*

Então, depois de um último *MENTIROSA* na caixa de correio preta, eu caminho cruzando a rua para minha própria casa e volto à minha mesa.

Encontro aviões no céu. Eu os observo. Visualizo os passageiros. Mas não consigo encontrar amor algum para mandar a eles. Experimento meu mantra. *Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.* É vazio e idiota.

Eu não amo mais ninguém agora. Nem mesmo eu.

“Esta é a quarta-feira mais longa na história da humanidade”, digo para Frank S. que está sentado em seu ponto favorito no banco ao lado da porta dos fundos do pátio.

“Experimente estar em julgamento por *impiedade* numa quarta-feira. É bem pior.”



Quando meu telefone toca, acho que é Kristina sentindo todas as más vibrações que estou mandando. Mas é a Dee. No minuto que o número dela aparece, eu escuto: *Fique longe da minha filha.*

“Oi! Eu ia te ligar mais tarde”, digo.

“Estou com tanta saudade!”, ela diz de volta. Me faz dar um grande sorriso.

“Eu também. Parece que se passou um ano desde... hum... sábado.”

“Desculpa meeeeeesmo pela mensagem que minha mãe enviou”, ela diz. “Não foi nada legal. Eu quase morri quando vi.”

“Tudo bem.” Estou tão aliviada que esqueci da mentirosa da Kristina por um minuto. E de Claire, a mãe negligente que nunca ouve nada *significativo*.

“Sério. Eu quase a matei. Sinto muito.”

“Tudo bem. Mesmo. Sinto muito por ter te levado a um bar que teve batida. Me sinto uma idiota.”

“Como você poderia saber o que iria acontecer? E enfim, você não me levou. Eu dirigi até lá sozinha.”

“Ainda assim. Eu tinha que te pedir desculpas.”

“Tudo bem, Jones? Escutei todo tipo de besteira. Mesmo em uma escola de outro bairro.”

“Tem mesmo uma longa fila de cochichos pela rua. Só posso imaginar as discrepâncias.”

Nós rimos. Está tudo ok.

“Não acredite no que ouvir”, digo. “A não ser que escute que minha mãe e Ellis me renegaram, e minha melhor amiga é uma vaca mentirosa. Mas não vou pular de nenhum penhasco, se é o que quer dizer.”

“Fico feliz”, ela diz. “E, ei, admita. É gostoso ser assumida, certo? Chega de se esconder. Chega de segredos?”

“Hum.”

“O quê?”, ela diz.

“Hum. Eu não contei de fato pra ninguém. Quero dizer, foi uma semana tão agitada, e a única pessoa que realmente vi foi meu pai, e ele é... hum, inútil.” Eu queria dizer chapado. *Inútil e chapado*.

“Espera. Eles não sabem sobre você?”

“Não.”

“Mas *todo mundo* sabe!”

“Eles não. Ainda não, pelo menos.” Não menciono que eles não sabem porque não contei a eles que eu sei.

“E quanto a mim?”

“O quê?”

“Eles sabem sobre mim?”

“Não sabem de nada.”

“Por quê?”, ela pergunta. Está resmungando de leve.

“Não encontrei o momento certo ainda. Só isso.”

“Cara, este final de semana era o momento certo. Certo? Foi quando eu contei à minha mãe.”

“E ela me escreveu aquela mensagem”, digo. *Fique longe da minha filha*.

“De novo, desculpa. Ela não quer que você fique longe. Foi só a reação dela. Sabe. Estava sendo protetora. Minha bolsa de hóquei. Minha reputação. Ainda estou surtada com a bolsa de hóquei. Até falei com a treinadora sobre isso, e ela está puta comigo.” Ela respira fundo. “Pedi à minha mãe para te ligar ou te mandar uma mensagem de volta pedindo desculpas, mas ela ficou com vergonha.”

“É. Diga a ela para não ter vergonha.”

“Mas você devia apenas sair do armário, sabe? Melhor do que mentir. E sair escondido, não sei se posso mais fazer isso.”

Ah. Ela não tem certeza se pode fazer isso. Semana passada ela estava bem com isso. Busco no meu bolso e tiro minha lista e acrescento coisas a ela.

Eu: *Lápis apontados, filé de pescada, canetas marca-texto.*

Eu: Pare de bloquear as pessoas, Astrid.

Eu: *Lenços usados, figurinhas de super-heróis, joias.*

Eu: Vamos. É a Dee. Tem de baixar a guarda em algum momento, certo?

Silêncio desconfortável pelo que parece ser vinte segundos inteiros enquanto falo comigo mesma dentro da minha cabeça.

Eu: Por que está fazendo isso consigo mesma?

Eu: É proteção.

Eu: Só vai torná-la solitária.

Eu: E já não sou solitária?

“Astrid?”, Dee pergunta. “Ainda estamos bem?”

“Até onde eu sei...”, digo.

VOCÊ PODE PASSAR AS CORTINAS

Mamãe ainda está passando a ferro quando desço às 6h40 da manhã na quinta. Não sei dizer se ela esteve aqui a noite toda ou se levantou cedo. Escuto Ellis entrar no chuveiro e papai dar a descarga no banheiro do térreo logo depois. Isso faz Ellis berrar e ele fica fora do banheiro gritando: “Desculpa!”.

Enquanto me sirvo de uma tigela de cereal, conto quantas vezes alguém nessa casa se desculpou comigo por dar a descarga enquanto eu estava no chuveiro. Zero vezes.

Meu pai chega e caminha direto para a cafeteira e faz uma xícara de um café muito fraco e muito doce e se senta à mesa na minha frente. Minha mãe continua a passar a ferro.

“Alguma resposta para nós hoje, Strid?”

“Hum?”

“Sobre nossa conversa noite passada. Só queremos respostas.”

“Achei que tinha te dado respostas”, digo.

“Tá”, ele diz. Então se inclina sobre a mesa e cochicha, então seu hálito de café/manhã escorre sobre mim. “Não pode apenas inventar algo?”, ele move seus olhos para o canto atraindo minha atenção para a mamãe que passa a ferro.

Pobre homem. Deve ser um saco chegar aos 30 mil pés e perceber que seu piloto é uma maluca controladora.

Quando olho para ela, vejo nossa casa como uma minicaverna, e seu ferro como uma minifogueira que provoca minissombras para nós, minialgemados. Estamos numa caverna dentro de uma caverna dentro de uma caverna. Nossa pequena casa na rua principal (com as cortinas imaculadamente passadas) são parte da caverna de Unity Valley, que tem sua fogueira de Unity Valley que provoca sombras de Unity Valley. E Unity Valley é só uma caverna dentro de uma grande caverna norte-americana que é uma enorme fogueira que emite as maiores sombras de todas.

“Strid?”, papai cochicha novamente.

“Pare de me chamar assim.” Eu me levanto, limpo minha tigela e coloco no descanso.

Quando vou ao meu quarto e me visto, decido que vou faltar à escola pela primeira vez na vida.

Caminho pela rua em direção à escola então volto ao meu carro, que está no mesmo lugar desde o passeio à lanchonete no domingo. Eu entro, dou partida e dirijo até o lago porque quem iria para o lago num dia frio assim?

Estaciono e tranco minhas portas. Coloco o assento para trás e tento adormecer, mas não consigo passar dos avisos no meu cérebro sobre algum ex-presidiário me encontrar aqui e me afogar no lago depois de fazer coisas impensáveis. Então eu me sento e abaixo a janela.

Eu: Talvez você possa ligar para aquela Kim da festa daquela noite e ficar lá hoje.

Eu: Você é uma pamonha.

Eu: Não, sério. Ela parecia a fim de você. E você não tem mais nenhum lugar para ir, certo?

Eu tiro o telefone e passo pelos números até chegar ao da Kim, que eu coloquei no celular com o nome *Pizza*, caso alguém ache. Olho no céu claro sobre o lago e começo a chorar um pouquinho.

Eu: Isso é bom. Tire do peito.

Eu: Soluços.

Eu: Vai resolver tudo, eu prometo.

Eu: O que há para resolver? Minha melhor amiga mentiu sobre mim, e minha namorada não gosta mais de mim.

Eu: Cara, a Dee te ama.

Eu: Dee coloca condições. Kristina coloca condições. Minha mãe coloca condições.

Eu: Todo mundo tem condições se olhar assim.

Eu: Não. Frank Sócrates não tem condições, porque está morto. Ele me ama incondicionalmente.

Eu: Pare de ser difícil.

Eu saio do carro e vou para uma das cinco mesas de madeira na área gramada de piquenique. Mesas de qualidade inferior comparadas à minha e do meu pai. A madeira está apodrecendo em alguns pontos, sem mencionar que está coberta de pichações e mastigada nos cantos por animais da floresta. A superfície precisa de uma boa lixada e eu não me mexo muito porque não estou a fim de farpas na bunda. Acho que hoje já está ruim o suficiente sem farpas na bunda.

Essa coisa de mandar amor para os passageiros está ficando velha, de certa forma. Quero dizer, eu ainda tenho de fazer isso no minuto em que vejo um avião – é um reflexo, como cobrir a boca quando tusso – mas não quero mandar meu amor para sempre. Quero estar segura aqui. Quero que minha vida seja mais fácil do que isso. Digo, sei que não sou uma menina faminta que tem de lavar roupas no Ganges por um níquel, mas hoje foi um saco. Meu estômago está revirado por causa de Kristina e sua mentira idiota, e Dee e sua pressão e a mamãe e sua falta de conversas *significativas*.

O céu está impressionante no lago. É enorme. E está silencioso aqui. Não há trânsito. Não há bicicletas porque são dez da manhã num dia de aula. Só escuto pássaros.

Quando vejo o primeiro avião, faço um acordo com os passageiros. Digo: *Olha, isso é um empréstimo. Não sei se amor é algo que vou ficar sem um dia. Não sei se eu deveria estar dando tudo a vocês ou não. Hoje eu sinto que talvez eu deveria ter guardado um pouco para mim mesma para dias em que ninguém me ama. Nem mesmo minha melhor amiga.*

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu me sinto idiota e dramática.

Eu: Você não está sendo dramática. Isso magoa.

Então envio meu amor. É fácil como sempre é, e é duro também porque eu realmente não sei a resposta para esse mistério. Amor é algo que sempre estará disponível? Será sempre confinado e indigno de confiança como parece hoje? Tem o suficiente por aí? Estou desperdiçando o meu com estranhos?



PASSAGEIRO #980
JAMEY WIEDNER, ASSENTO 27E
VOO #504
DA FILADÉLFIA PARA CHICAGO

O problema com meu trabalho é que eu me apaixono fácil demais. Os homens vêm a mim para ter companhia. Me pagam para ser o jovem bonito em seus braços. Me pagam por outras coisas também.

Mas eles não se apaixonam como eu. Eles têm pais e irmãos e gente que já os ama. Alguns têm companheiros. Esposas e filhos. Não é da minha conta, mas eles me contam mesmo assim. Alguns caras têm muito amor, e ainda não é o bastante.

Mas não me amam. Apenas me usam e me mandam embora no próximo voo. É solitário, mas estou bem. Eu só me apaixono demais, e não deveria. E às vezes termino no lugar errado na hora errada. E às vezes não sou pago o suficiente. Às vezes sonho que vou ser rico um dia e vou poder ir à faculdade e ter um emprego. Então me lembro que é preciso muitos clientes para ser rico... a não ser que um deles se apaixone como eu.

Enquanto passamos sobre as montanhas eu tenho essa sensação que nunca tive antes. Não posso explicar por que ou como sinto isso, mas é uma grande sensação. Maior do que posso colocar em palavras. Engloba tudo, como se todo o amor que derramei em todos os alguéns que amei estivesse agora voltando pela primeira vez em minha vida. E sei que tudo vai dar certo. Talvez algum dia alguém vá se apaixonar por mim. Vou para a faculdade. Serei rico. Ou pelo menos posso ajudar gente como eu para que não tenham de fazer o que eu fiz.

Eu olho pela janela e sorrio porque só de sonhar isso já é bom... mesmo que não aconteça. Só sonhar já é bom.



Não tenho muito amor para mandar agora. Ou talvez eu esteja sendo mesquinha. Meu coração só não está nessa, então eu me levanto da mesa e vou para meu carro e sigo em direção à residência da faculdade onde Donna mora. Não me lembro como chegamos à casa *Gamma Alpha Psi*, mas estou certa de que seu eu dirigir por lá o suficiente, posso encontrar.

Eu: E o que vai fazer quando chegar lá? Ligar para a Kim? Fugir e casar? O que está fazendo?

Eu: Só dirigindo. Deixe-me em paz.

Quando entro e saio da rotatória, estou morrendo de fome, então vou a um *drive-thru* e passo pelas casas da fraternidade e clubes de moças, procurando aquelas letras gregas familiares. É quase meio-dia. As calçadas estão tomadas de estudantes. Paro para comer meu cheeseburger duplo de bacon e olho para eles. Penso: *essa serei eu nessa época do ano que vem.*

Fiquei tão presa em Dee, em Kristina, em nossos segredos, e agora essa bagunça toda, que esqueci de todo meu futuro. Nada de Ellis. Nada de mãe e pai. Nada de Kristina mandando em mim. Nem mesmo Dee, se eu não a quiser em minha vida. Vou saber das novidades da bolsa nos próximos meses. Minhas notas arrasam. Eu deveria estar me concentrando em *mim*.

O pessoal da faculdade parece feliz. E livre. Depois de eu amarrotar a parte não comida do meu hambúrguer na embalagem e enfiar na bolsa, eu percebo que meu futuro está a poucos meses à frente, e vou ser uma dessas pessoas livres e felizes. Então ligo o carro novamente e sigo para a rotatória. Ligo a música para bloquear o som de meus próprios pensamentos. Quando chego a Unity Valley, paro no estacionamento da lanchonete Legião e mando uma mensagem para Kristina. *Vai voltar alguma hora desta década?*

Ela manda uma mensagem de volta. *A caminho agora. Devemos chegar para o jantar.*

Paro o carro no estacionamento da quermesse escondido e abandonado desde a última feirinha da temporada, atrás da casa da Kristina. Caminho para a varanda de trás, me sento no balanço e começo a pensar sobre o que Kristina disse. E decido que já chega de ser um pau mandado.



“Que surpresa!”, a professora Houck diz quando me encontra sentada na varanda dos fundos. Está com uma mala em cada mão, e depois de dizer isso, seu rosto se franze. Aquele tipo de franzir que eu esperaria de uma mãe que pensa que corrompi sua filha. Então Kristina aparece enquanto a professora Houck balança suas chaves na porta dos fundos.

“Cara. Não pode morar aqui. Já te disse isso”, Kristina fala. Ela está brincando, então imagino que isso signifique que ela não saiba o quanto eu quero matá-la neste momento.

“Precisamos conversar”, eu digo.

Ela assente e volta ao carro para pegar mais coisas.

“Deixa só eu buscar o resto das minhas coisas.” Seu sorriso desapareceu. Ela deve saber por que estou aqui. Usei meu marcador imaginário de dedo nas costas dela enquanto ela andava para a entrada. *MENTIROSA*, escrevi em suas costas. Quando ela volta com a última sacola e um travesseiro, diz: “Saio num minuto.”

Fico em pé e ando de um lado para o outro. Vejo que o professor Houck não está no carro. Estranho, achei que tinham ido com a família toda. Então escuto a professora Houck gritando abafado pela porta aberta. Não escuto o que ela diz. Não me importo com o que ela diz. Traço a palavra *MENTIROSOS* na lateral da casa. Me viro para o grande celeiro que eles têm como

garagem enquanto escrevo as letras imaginárias a sete metros de altura.

“Então?”, Kristina diz.

“Quer dar um passeio rápido por aí?”, pergunto.

“Para onde?”

“Qualquer lugar menos aqui, acho.”

“Precisamos? Tenho de desfazer as malas.”

Tenho de fazer as malas. Tenho de desfazer. Essas coisas nunca importaram para Kristina antes de terça-feira.

Eu a encaro quando chegamos à entrada.

“Se quiser, podemos nos sentar aqui”, digo.

Ela se senta no chão. Eu me sento ao lado dela.

“Então, ouvi a grande mentira que você contou sobre mim, e não entendo por que fez isso.”

Ela parece meio surpresa e envergonhada.

“Eu... hum... não tenho certeza do que está falando”, ela diz.

“Sabe exatamente do que estou falando.”

Ela se senta em silêncio por um tempo e diz

“Eu não contei nenhuma mentira.”

“Sério?” Estou surpreendentemente calma. “Não contou uma mentira à sua mãe, que ela contou à cidade toda? Sobre eu te arrastar para a Atlantis... quase contra sua vontade? Essa mentira?”

Ela age surpresa.

“O quê? Eu nunca disse isso!”

“Cara. Você disse na cara da minha mãe. Disse! E eu acho que você inventou isso porque não pode lidar com o fato de não ser mais a princesa perfeita do baile da pequena Unity Valley.”

Ela faz uma careta para mim.

“Então?”

“Então, o que você perdeu? Nada. Isso é o que você perdeu.”

“Perdi minha irmã e minha mãe, que acredita em você e na sua mãe, não em mim, e meu pai. E minha melhor amiga, que prefere mentir sobre mim para salvar a própria pele.”

“Ainda não perdeu nada perto do que eu perdi.”

“Do que está falando? O que você perdeu? Você nem estava na escola esta semana para ouvir tudo. E sua mentirazinha a tornou vítima do plano gay maligno de Astrid Jones para te levar a um bar, certo? Não é assim que você quer jogar?”, eu grito. “E funcionou perfeitamente! Bom trabalho, Kristina Houck. Missão cumprida. Você armou para sua melhor amiga depois que ela manteve seu segredo por mais de dois anos, daí a perdeu. Bom trabalho.” Eu me levanto e tiro poeira da minha bunda.

Começo a andar em direção ao campo para meu carro.

“Espera!”, ela grita. Está me seguindo. “Espera!”

“Você mentiu sobre mim ou não, Kristina?”

Ela fica lá parada estupefata. Eu entro no meu carro e saio dirigindo.



Vou até meu pai esta noite.

“Preciso de um atestado de doença por hoje. Faltei bonito na escola.”

Ele olha para mim, balança a cabeça e sorri.

“A coisa só piora com você.”

“Nah. Hoje foi só o dia de folga que eu devia ter tido segunda. Quis pegar de volta.”

“Para onde foi?”, ele pergunta.

“Nenhum lugar especial.”

Eu passo a ele o cartão de ausências em branco e ele escreve sua assinatura e desliza na minha mochila antes de eu ir para a cama.

Quando passo pela cozinha para chegar às escadas, olho na sala e vejo que minha mãe ainda está passando as cortinas.

SEXTA-FEIRA É UM NOJO

Acordo tarde na sexta-feira e corro ao banheiro para molhar meu cabelo e escovar os dentes. No corredor, encontro Ellis envolvida em uma toalha. Quando ela me vê, agarra a frente da toalha e voa para seu quarto, como se eu fosse ficar excitada com a visão da minha própria irmã enrolada em uma toalha.

Não tenho palavras nojentas no meu vocabulário de nojeiras para descrever que nojo é esse pensamento nojento. Nojento.

Enquanto escovo os dentes, penso em como nossa irmandade deteriorou. Culpo nossa mãe, claro. Mas enquanto me olho no espelho, vejo outras coisas. Meu desdém quando ela decidiu ser uma menina de cidade pequena. Minha decisão de que ela não precisava mais de mim quando ficou velha o suficiente para deixar de assistir ao filme *O Mágico de Oz*. Eu não convidá-la quando o papai e eu fizemos coisas juntos. Eu decidindo que mamãe sempre gostaria mais dela... e isso refletindo nela em vez de só em nossa mãe.

Então, talvez eu tenha ajudado a acontecer. Talvez estivéssemos mais próximas. Se eu contasse a ela a verdade, ela provavelmente acabaria me aceitando, e poderíamos apenas ser irmãs novamente.

Nada disso muda o fato de que o que ela fez foi nojento.



O faxineiro teve pena de mim e limpou a parede sobre meu armário, mesmo que eu ainda pudesse ver sinais de canetinha vermelha incrustados nas rachaduras dos blocos de concreto. Sei que isso me torna uma pessoa horrível, mas depois da atitude nojenta de Ellis esta manhã, eu meio que desejava que ainda estivesse lá.

“Fecharam seu bar”, escuto detrás de mim. É Jeff Garnet. “Viu no jornal hoje?”

Eu respiro fundo.

“Não era meu bar. E não, não vi isso.”

“Bem, eles fecharam, e prenderam o dono, acho.”

“Hum”, eu digo. “Acho que é o que você ganha por servir menores de idade.” O que mais devo dizer? Eu me viro para que ele não fale mais nas minhas costas. “Eu sinto muito mesmo, Jeff. Por tudo. Eu não devia ter mentido para você. Eu estava totalmente errada e...”

“Tudo bem, Astrid. Quero dizer, acho você bem legal, sabe?”

Ai, cara. Não sou nada legal. Sou o oposto de legal quando se trata do que fiz com Jeff Garnet. Quero dizer que sou *escória* porque me sinto escória. Mas antes de eu poder, ele fala e novo.

“Sua mãe me ligou noite passada.”

Eu apenas encaro como se estivesse totalmente apavorada com o que ele vai dizer em seguida. Porque estou.

“Você me ouviu?”

“Sim... Me desculpa. Ela é maluca.”

“Ela pediu a minha mãe para falar comigo que você cometeu um erro e foi lá para poder beber, dançar e tal. Isso é verdade?”

“É, mais ou menos.” Nem um pouco.

“Ela queria saber se eu sairia com você novamente.”

“Ai, droga”, eu digo. “Sinto muito. Apenas a ignore. Ela não consegue encontrar o semancol há anos.” Acho que minhas bochechas estão roxas. Elas doem fisicamente.

Ele está se remexendo como se estivesse de fato prestes a me convidar para sair novamente. Posso ver a perna dele trêmula.

“Olha, sinto muito, mas estou meio que saindo com Karen Koch agora”, ele diz.

Pareço tão aliviada quanto estou?

Digo: “Estou tão feliz em ouvir isso! Vocês são perfeitos um para o outro. Nossa! Ela está a fim de você há muito tempo”.

Mando meu amor a Jeff Garnet. *Jeff, te amo. Não daquela forma, então nem tente. Mas eu te amo desde que você ficou aqui falando comigo como uma pessoa normal por mais de um minuto. Espero que a Karen deixe você dar uns bons amassos nela, tá?*

“Bacana. Então estamos bem?”, ele diz.

“Totalmente. E valeu por ter vindo falar comigo. Você é a primeira pessoa que fala comigo por mais de alguns segundos a semana toda.”

“Merda, você sabe que isso vai passar. Tudo é esquecido por aqui.”

Assentimos um para o outro. Isso me faz sentir melhor. Então ele diz: “Mas aquela coisa de Justin e Kristina foi meio difícil de engolir, cara. Não posso acreditar que eles mentiram assim. E eu costumava me trocar ao lado dele para a educação física toda hora”. Ele faz uma careta preocupada.

“Não se preocupe. Ele não está a fim de você.”

“É, mas ainda assim. É esquisito”, ele diz. “Ouvi que ele está na cadeia agora.”

Balanço a cabeça.

“Não acredite no que escuta.”

Quando ele se afasta, penso no que ele disse sobre Justin e o vestiário, e penso sobre Ellis e o troço nojento da toalha esta manhã, e acabo entendendo o que confunde as pessoas tanto sobre outras pessoas serem gays. Elas pensam que tudo é sexo.



A aula de Filosofia está zumbindo com paradoxos. A maioria das pessoas ainda mantém segredo, mas um em particular é jogado para a professora Steck e eu ouvimos.

Penny Uppergrove diz: “O amor é entre um homem e uma mulher.”

A professora Steck continua a trabalhar com outro aluno em um computador nos fundos da sala. Clay se vira e diz: “Acho que é um dos melhores que já ouvi”.

“Valeu”, Penny diz.

“Então o que você está dizendo é que o amor *não pode* ser apenas entre um homem e uma mulher porque isso carece de todo bom senso. Por exemplo, uma mulher pode amar sua filha,

certo? E um garoto pode amar seu cachorro. E eu pessoalmente amo manteiga de amendoim e sanduíches de banana. Bom paradoxo. Bem feito.”

“Mas não é o que eu quis dizer”, ela fala. Então fica confusa e começa a ler suas anotações.

“Oh. Então me considere confuso”, Clay diz. “O que quer dizer?”

“Merda!”, ela diz. “Então um paradoxo socrático é algo que provavelmente *não* é verdade, mas você faz soar como verdade?” Ela passa por seu caderno e encontra uma parte que sublinhou em rosa. “Então eu *deveria* dizer o oposto.”

Clay revira os olhos.

“Seja o que for, você não pode realmente saber se é verdade a não ser que você possa realmente definir”, ele diz.

Ela anota um pouco, e eu olho no meu caderno o meu paradoxo, que já mandei para a professora Steck por e-mail. *Igualdade é óbvio*. Acho que isso levanta uma quantidade suficiente de questões que eu poderia discutir o dia todo.

Penny levanta as mãos.

“Entendi! Entendi! Deus! Por que essa coisa de filosofia tem de ser tão difícil? Me dê cálculo no lugar!” Ela olha para Clay. “Que tal isso?” Ela está prestes a ler, então para. “Droga! Não. Isso não funciona.” Ela volta a seus escritos.

A professora Steck fica em pé e segue para sua mesa.

“Hoje é o dia! Preciso desses paradoxos na minha mesa antes de partirem. Não se preocupem se tiverem ideias melhores no final de semana. Filosofia mexe com sua cabeça. Faz você mudar muito de ideia. Isso é bom. Não me importa se vocês vierem na quarta com um paradoxo completamente diferente do que me deram hoje. Apenas me deem *algo* hoje! E não se esqueçam de pesquisar o que vão vestir. Tudo conta em relação à sua nota.

Dizem: *Ela fica toda ouriçada em ver meninas de togas.*

Penny bate em sua mesa com o punho.

“Eu tenho!”, ela anota e enfia em sua pasta.

A professora Steck se senta no canto da mesa.

“Antes de entrarmos na caverna de Platão pela última vez, quero conversar um pouco sobre o Dia da Tolerância da próxima semana, porque esse é o tipo de coisa de que a Filosofia trata. Tenho certeza de que vocês todos têm suas próprias ideias de por que a administração está fazendo isso, e estou certa de que vocês todos viram o quadro maravilhoso que eu tinha na lousa nos últimos dias.” Ela se refere às mensagens que ainda estão presas na lousa. Minha flecha ainda está lá. GRAFIA INCORRETA. PERDEU.

“Uma vez que todos nós temos ideias bem diferentes sobre ética e moral, eu estava pensando em como tratar deste assunto com essa classe, ou se deveríamos. Então...”, ela estala os dedos, “tive uma grande ideia.”

“Uma vez que vocês são os melhores e mais brilhantes de Unity Valley, eu pensei em fazer um experimento.” Ela passa pequenos pedaços de papel cinza de questionário.

“Com todos os votos recentes e discussões, pensei que estávamos todos bem cansados de falar sobre casamento gay. Então não quero falar sobre o assunto. Em vez disso, vamos votar. Quero que escrevam uma coisa no papel que passei a vocês. Quero um SIM ou NÃO. Sim significa que votaram SIM para o direito do casamento gay. NÃO significa que não dariam à pessoa gay o direito de se casar. Todo mundo entendeu?”

Todos assentimos.

“Então joguem seus votos na caixa aqui.” Ela coloca uma caixa de sapato na mesa do Clay.

Penny Uppergrove levanta a mão.

“Sim, Penny?”

“Isso conta na nota?”

“Não. Só um exercício para se divertir em aula”, a professora Steck diz.

Escrevo SIM e dobro o papel no meio e no meio de novo e coloco na caixa.

Depois de uma discussão final sobre a caverna de Platão, ficamos com nossos costumeiros dez minutos de tempo livre. Alguns têm dificuldades com seus paradoxos e chamam a professora Steck para a mesa ou para o computador do laboratório.

Antes do final da aula, a professora Steck pega a caixa de sapatos da mesa do Clay e conta os votos. Escreve os resultados na lousa.

NÃO ganha, doze contra dez. A professora Steck não diz nada. Apenas deixa os resultados na lousa sobre os feios sinais de homofobia, e só consigo pensar no que ela nos chamou: os melhores e mais brilhantes de Unity Valley. E estamos três votos abaixo da igualdade.

Tiro uma foto dos resultados e dos sinais com meu celular. Já que Justin não está por perto, parece que alguém deveria documentar isso.



A primeira e última vez que vejo Kristina hoje é no almoço. Ela está sentada na mesa com seus amigos populares. Eu me sento sozinha num banco à direita. Quando eles olham para mim, posso imaginar o que ela diz. A mentira. Talvez até mentiras maiores. Talvez um arranha-céu de mentiras. Penso no que ela disse para mim noite passada. Como eu não tinha nada a perder e como ela tinha tudo a perder.

Conto oito pessoas na mesa dela. Conto zero pessoas na minha.

EU COSTUMAVA FICAR ANSIOSA PARA TRABALHAR NOS FINAIS DE SEMANA

Limpar camarão se tornou minha coisa zen. Sei que vão me pedir para fazer isso, então fico ansiosa em fazer, e me certifico de fazer bem. Às vezes significa que vou um pouco mais lento do que eles gostariam, mas podem me demitir. Já vi o primo do Jorge limpar camarão. Seu método é chamado de *mutilar o camarão*.

Tenho de pegar uma caixa de camarão do frigorífico e paro por um segundo quando a porta se fecha atrás de mim e eu respiro. Para dentro. Para fora. *Eu colocaria minha cama aqui.* Dentro. Fora. Dentro. *Eu colocaria minha penteadeira aqui.* Dentro. Fora. Dentro. Fora. *E colocaria uma mesa lá, debaixo da luz.* Olho para a jaula ao redor da luz. Sei que está presa para proteger, para que nenhum entregador de caminhão jogue uma caixa num canto e despedace a lâmpada. Mas não posso evitar de ver a grade pelo que é. Claro que protege a lâmpada, mas também se as pessoas não fossem tão descuidadas, então nada teria de ser encarcerado.

Pego minha caixa de camarão e deixo a porta bater. Estou feliz que Dee não tenha vindo atrás de mim. Estou feliz em vê-la, mas ainda brava pelo que ela disse no outro dia.

Quando é hora da Dee picar os vegetais, ela às vezes para e sorri para mim. Tento sorrir de volta, mas não consigo. Ela provavelmente até se esqueceu de que disse aquela coisa de que eu deveria sair do armário. Ela só está apaixonada por mim. Então percebo algo. Dee não se importa com todos os boatos. Ela não se importa com nada exceto sua vida, seu futuro, jogar hóquei e entrar em Bloomsburg e jogar mais hóquei. E ser feliz. Ela é como Frank S., só que bem mais bonita. Exceto que Frank não iria pedir que eu me colocasse numa caixa etiquetada num lugar público para poder sair comigo. Frank nunca iria querer me colocar numa jaula.

“Você está bem?” ela pergunta.

Eu volto à realidade e ao camarão.

“Sim, estou bem.”

“Vai terminar com esse camarão?”, Juan pergunta.

“Metafisicamente? Não. Na realidade? Sim. Em uns quatro minutos”, eu respondo.

Ele olha para mim intrigado e volta a seu escritório.

Quando termino, eu lavo o camarão, limpo a pia cheia de veias, lavo minhas mãos e então vou aos pratos. É um dia curto novamente – uma estação seca até o trabalho na época do Natal, Jorge diz.



“Não acredito que ainda não contou para seus pais”, Dee diz. Estamos no carro dela com o aquecedor ligado.

“Não vejo qual é a grande questão.”

“A grande questão é que você ainda está se escondendo. E não faz sentido algum porque todo

mundo sabe!”

“Não estou me escondendo!”

“Está se escondendo. E está envergonhada.”

“Não estou nada envergonhada. Só não contei aos meus pais porque eles já sabem mesmo.”

“Mas você não contou a eles.”

“Eu não precisei. Eles têm os vizinhos para contar a eles, não têm?”

Conto sobre Kristina e a mentira. Conto sobre a semana na escola. Ainda assim ela está irritada.

“Você deveria criar coragem e sair do armário”, ela tenta dizer isso brincando.

“Eu vou”, eu digo, me sentindo como uma criança que levou bronca. Saio do carro sem um beijo ou um *te amo* e pratico durante o caminho todo no carro.

Tá. Preciso contar algo a vocês. Eu amo a Dee Roberts, e eu gostaria muito que vocês a aceitassem como minha namorada e aí podemos esquecer essa semana.

Sinto muito por ter demorado tanto para falar isso, mas eu estava assustada. Amo Dee Roberts e quero que vocês a conheçam para que possam amá-la também.

Tá. Posso contar a verdade agora. Eu amo a Dee Roberts, mas ainda sou virgem.

Olha, sei que precisam da verdade. Desculpa levar tanto tempo para contar, mas isso não é fácil. Eu tenho uma namorada.

Quando entro em casa, ninguém está por lá. Não há ninguém para eu dizer nenhuma das minhas frases ensaiadas. Eu tomo isso como um sinal dos deuses de que ainda não é uma boa hora. A pessoa no meu cérebro diz: *você não vai ser pressionada.*

Depois que limpo meu quarto, continuo a reunir minha enorme lista de perguntas para o Projeto Sócrates. É impressionante quantas perguntas podem vir de *Igualdade É óbvio*. Primeiro, definir *igualdade*. Depois, definir *óbvio*. Quero dizer, posso até tentar definir *é* se eu quiser, porque igualdade não está funcionando de fato no presente, não é?

Porque a igualdade não é realmente óbvia para a maioria das pessoas.

E não quero dizer que o mundo esteja cheio de racistas ou sexistas ou homofóbicos. Quero dizer: todo mundo está sempre procurando alguém para superar.

No quinto-ano são os do segundo. No nono, são os do oitavo. Adultos olham para os adolescentes como se fossem as criaturas mais idiotas do planeta, quando só estão se enfileirando para pegar seus empregos em X menos cinco anos.

Sou igual ao bebê e a velhinha de 100 anos. Sou igual ao piloto do avião e o mecânico do carro. É universal assim.

Só que não...



Quando Ellis aparece na mesa de jantar, está bem emburrada.

Minha mãe diz umas coisas para ela sem olhar; então, quando Ellis não responde, ela se vira e diz: “Então é isso! Precisamos improvisar uma noite de mamãe e filha!”

“Não”, Ellis diz.

“Não estou aceitando não como resposta”, minha mãe diz e arrasta Ellis da cadeira e escada acima.

Quando meu pai chega em casa com a pizza, as duas estão berrando como pré-adolescentes, e tudo voltou ao normal. Se é que se pode chamar isso de normal. A mamãe diz a ele que fez reservas no country clube.

“Não espere por nós!”, ela diz.

Ele olha para mim e joga a pizza na mesa, e eu sirvo uma saladinha e chá gelado, e nós dois estamos no segundo pedaço de pizza quando mamãe e Ellis saem pela porta da frente sem dizer adeus.

Penso novamente sobre como meu pai e eu poderíamos resolver isso. Quero dizer, ele podia ser mais caloroso, certo? Não tão desconectado e chapado? Poderia ao menos dizer “Divirtam-se!” E exigir um beijo ou algo. E eu poderia rir com eles e mostrar que não me incomodo de não ter sido convidada. Porque já superei isso.

Ele se inclina e busca uma cerveja na geladeira.

“Quer uma?”

Eu considero por um segundo.

“Não, valeu.”

Ele fecha a porta da geladeira, abre sua cerveja e bebe.

Eles dizem: *Meu Deus, olhe para ele. É como um cachorro em uma jaula.*

“Então, este é pelo fim desta semana”, ele diz. Segura seu copo e pega meu chá gelado para brindar, e nós dois bebemos.

“As cortinas estão lindas”, eu digo.

“Pode me matar agora”, ele diz.

“Sinto muito te fazer passar por tudo isso.”

“Está falando das cortinas ou da outra coisa?”

“Tudo isso”, digo. “Odeio mentir para você. Mas não posso dizer nada a ela ou... você sabe.”

“Não. Ou o quê?”

Eu suspiro.

“Ou então ela vai acabar com tudo?”

“Ah, isso”, ele diz e dá outro gole. “É.”



Eu vou para a cama depois de *Saturday Night Live*, e o escuto subir para o quarto por volta de uma da manhã. Não escuto mamãe e Ellis chegarem. Me lembro de acordar por volta das 4 horas e com medo de que ambas tenham sofrido um acidente. Lembro de me perguntar como seria perdê-las.

Meu alarme dispara às 5 horas. Tomo uma ducha rápida e vejo que os sapatos de Ellis estão no chão do banheiro. Isso me deixa feliz porque quero deixar as coisas bem, porque ela é minha irmã e eu ainda quero salvá-la dos macacos voadores.



Na manhã de domingo, pergunto ao Juan: “Por que as pessoas amam tanto camarões?”. Ele

dá de ombros e joga a caixa no canto da pia para mim, e começo a limpar antes das 6. Dee está atrasada e chega às 6h15.

“Dormiu demais?”

“Esqueci de ligar meu alarme”, ela se vira para Juan. “Sinto muito.”

“Dia lento, senhoras. Vão sair daqui às 10, aposto.” Ele vai até o cronograma na parede. “Enada de trabalho no próximo final de semana. Tenham um bom feriado, as duas.”

Depois que pego minha faca e meu camarão, Dee pergunta: “Você contou?”.

“Contei o quê?”

Ela deixa seu rosto cair em um muxoxo decepcionado.

“Esquece”, ela diz e volta para seu brassicáceas.

“Não tinha ninguém em casa”, digo. “O que eu poderia fazer? Acordá-los às 5 da manhã? Eu não sabia que você tinha um cronograma rígido.” Tenho consciência de que isso saiu meio agressivo, mas ela está pressionando demais, então não me importo.

“Desculpe”, ela diz.

Depois de certo silêncio, ela diz: “Está pronta para seu grande dia esta semana?”.

“Sim”, eu digo. “Ainda tenho que fazer minha toga.”

Jorge escuta isso.

“Está fazendo uma festa de toga?”

“Mais ou menos.”

“Jorge, você sabia que a Astrid aqui tem cérebro? Ela é tipo uma verdadeira filósofa viva.”

“Sério?”, Jorge pergunta.

Eu sorrio.

“Creio que sim.”

Ele assente.

“Então qual é sua filosofia sobre camarão?”

Encaro a pequena questão.

“Camarão é bom.”

“Isso é tudo?”

“Ou camarão é ruim”, eu digo.

Jorge olha para mim como se eu estivesse chapada. Frank S. dá um sinal de joinha de trás da enorme bateadeira industrial. Dee ainda tem um olhar como se estivesse me perdendo. Porque ela pode estar me perdendo.



Em casa, cada um faz seu jantar porque nenhum de nós está com fome na mesma hora. Eu pego os restos de pizza fria, Ellis come uma lata de almôndegas, Mamãe come uma saladinha. Cada um de nós parece estar no seu pequeno mundinho com suas pequenas sombras.

Depois do jantar, eu saio na mesa de piquenique e tento pensar sobre o Projeto Sócrates e minha toga, mas fico distraída ao perceber que estou completamente sozinha agora. Sem amigos, sem família, sem Dee. Olho para os aviões e visualizo os passageiros sentindo pena por deixar gente de fora. Por ter de fazer o que tenho de fazer em seguida, que é imaginar todas as formas de não ficar completamente sozinha. Pergunto a eles: *Acha que um dia eles podem me deixar*

amá-los novamente?



PASSAGEIRO #1008
MIKEY JO MARTINEZ, ASSENTO 1D
VOO # 4430
DE DALLAS PARA JFK

A parte que as pessoas não te contam sobre terminar uma relação é a da vergonha. Sou Mikey Jo Martinez. Sempre um cara feliz. Um bom pai. Um bom marido. Eu vou à igreja e eu me voluntario na cozinha de sopa duas vezes por mês, sabe. E tudo o que sinto é vergonha agora. Eu quase não entrei no avião porque pensei em tomar um monte de pílulas noite passada. É a primeira vez. Mikey Jo Martinez não pensa em besteiras assim. Nunca.

Donald e Glem me disseram que divórcio era liberdade. Disseram que têm mais tempo e menos preocupação, e ninguém mais enche o saco deles. Mas eles também não amavam suas esposas. Eu amo.

Mais do que amava antes.

Sabe aquele ditado sobre como você não sabe o que tem até perder? Eu já sabia o que tinha, e agora que ela se foi sei ainda mais.

Donald e Glen disseram algo sobre namorar as novinhas. Como eles vão para as boates. Poxa, cara, tenho 35 anos. Não quero ir a uma boate. Não quero novinhas. Quero Noelle de volta. Quero meus filhos de volta. Quero rebobinar. Então vou voltar para Jersey para ver se ela tenta mais uma vez.

Estou aterrissando em uma hora, e não sei o que dizer. Só sei é que nada do que eu disse antes funcionou.

Ela disse que me ama. Ela disse que não queria fazer isso com as crianças. Ela disse que quer mesmo resolver isso. Mas disse que depende de mim... E não sei o que isso significa.

Admito que inicialmente eu fui um idiota. Ela me deu um livro de autoajuda e joguei no chão, mas eu estava bravo. Bem bravo. E ainda estou bravo e envergonhado.

O que é assustador é que ainda me sinto dessa forma em alguns dias. Como se tivesse problemas de raiva. Como se eu fosse algum animal. Quando de fato eu sei que sou um cara legal. Quero dizer, na maior parte do tempo, sabe?

Minha parte favorita de voar é quando atravessamos as nuvens. Vê-las de cima é mágico, mas voar através delas para ver o cenário abaixo é lindo. Quando fazemos isso desta vez, atingimos um pouco de turbulência, e eu foco nas montanhas cobertas de árvores ao longe e o amarelo escuro do sol se

pondo nos cantos das pequenas nuvens espalhadas entre eu e as montanhas. Enquanto faço isso, escuto a voz de Noelle na minha cabeça – a última coisa que ela disse para mim ao telefone: “Se você for voltar aqui, então é melhor ter algo novo a dizer, porque não vou me sentar e escutar as mesmas velhas desculpas, Mikey. Ou você faz por merecer ou fica em Dallas com sua mãe, porque esta é sua última chance.”

Ela fala sério. Noelle Martinez não diz nada que não seja sério, por isso que eu a amo tanto desse jeito. Pode se contar com gente assim.

Olho pela janela e vejo o sol baixando e as montanhas ao longe ficando mais amarelas e sinto essa dor aguda no meu peito como se alguém tivesse me atingido com uma bala. É um alívio. Como se alguém em algum ponto estivesse soltando a vergonha e me deixando pensar direito.

De repente, eu sei o que vou dizer.

Vou dizer: *Isso é tudo minha culpa. Sinto muito. Eu não te dei valor e eu não te ajudei.* Ela vai ficar assustada porque Mikey Jo Martinez nunca admitiu coisas assim antes. Vou pedir para ela me abraçar. Quando abraçar, vou perguntar: *Me deixa amá-la novamente?*

O QUE SÓCRATES FARIA?

“Oi”, Kristina diz. Isso me espanta para longe do meu envio de amor e eu me sento.

“Ninja”, eu digo. “Nem ouvi você passando pela porta.”

“Fui sorrateira pelo cantinho. Não estava a fim de ver a Claire agora. Ou sua irmã.”

“Não sei por que não. Provavelmente elas ainda gostam de você mais do que gostam de mim.”

“Olha”, Kristina diz. Ela se senta na mesa ao lado de mim, seus pés na parte do banco e eu divido meu cobertor com ela. “Você precisa entender algumas coisas.”

“Entendi o suficiente”, eu digo. “Você mentiu sobre mim. Não sou mais sua melhor amiga.”

“Por favor! Apenas pare!”, ela diz e começa a chorar e eu me sinto uma porcaria, um pouco como minha mãe. Revirando a faca depois de enfiar e tudo mais.

Ela busca no bolso do casaco, tira um lenço e assoa o nariz algumas vezes. Finalmente ela diz: “Eu inventei sim. Mas tive de fazer isso.”

“Você *teve*? É ainda pior do que negar.”

“Me deixe terminar. Você não entende o que é ser daqui. Você não entende o que é ter uma família que *sempre* foi daqui.”

“E isso faz com que seja tudo bem mentir sobre sua melhor amiga?”

“Nossa, você pode mesmo ser igualzinha a Claire, sabia?”

“Valeu.”

Ela olha para mim e começa a chorar novamente.

“Eu perdi tudo! Não consegue ver? Tudo!”

“Não, não consigo ver isso.”

“Eu era Kristina Houck...”

“Você ainda é Kristina Houck!”

“Eu era Kristina Houck: da Corte da Festa de Boas-Vindas, garota de Unity Valley, eu tinha uma *reputação*. Tinha status. Um futuro. Recomendações para as melhores faculdades. Conexões. Gente.”

Eu a interrompo.

“Você ainda tem todas essas coisas. Isso não explica por que você mentiu sobre mim. O que, se olhar do meu ponto de vista, parece isso: menina de cidade pequena, com *status* e *conexões* inventa mentira sobre sua pseudo melhor amiga que se mudou para cá e nunca foi aceita pelo povo da cidadezinha, e então nega e dá uma porrada de desculpas, como se fosse tudo bem para boas meninas de Unity Valley mentirem sobre marias-ninguém de fora do estado.

Ela solta a mão. Eu digo: “Eu te pedi há um tempo para parar de ser tão mandona. Eu estava desconfortável, mas podia meio que aguentar porque era o efeito colateral de ser amiga de Kristina Houck, menina popular da cidadezinha. Eu relevava toda vez que você me rebaixava e me levava a fazer coisas que eu não queria. Então esta semana eu meio que senti saudades quando todos os boatos começaram e a porra toda escorreu para a Ellis e tudo mais. Eu precisava mesmo de você por perto, sabe?”.

“Isso foi meio que fofo”, ela diz. “Valeu.”

“Mas daí ouvi a mentira idiota que você contou e fiquei devastada. Completamente devastada. Sabe que minha própria mãe não vai acreditar em mim a não ser que você mesma diga a ela que mentiu?”

Ela chora mais um pouco e diz.

“Preciso ir.”

Então ela se levanta e caminha para a lateral da minha casa em direção à casa dela. Eu a vejo andar toda murcha e triste e acho que ela está genuinamente triste. Talvez ela tivesse sim mais a perder do que eu. Não sei nem o que é ser metade do amado casal do baile. Não sei o que é ser Kristina Houck, mas de onde estou, não parece muito fácil. Então eu corro atrás dela e digo.

“Espera.”

Ela para na calçada e respira fundo.

Eu digo: “Volta pra mesa, antes que a cidade toda nos veja e diga que estamos terminando pela segunda vez”. Eu rio e isso a faz sorrir. Caminhamos para a lateral da minha casa novamente e ao redor da mesa.

“Sinto muito mesmo”, ela diz. “Vou dizer a Claire que menti. Sei que não vai parar a asneira, mas pelo menos ela vai saber que eu menti.”

“Isso seria bom, valeu”, eu digo.

“É foda que ela não acredite em você.”

Eu suspiro.

“Sabe, ela escolheria você em vez de mim qualquer dia.”

“Nahhh.”

“Éeeee. Aposto toda minha conta bancária.”

“Promete que não vai ficar brava se eu disser algo?”

“Não posso prometer, mas posso tentar.”

Ela solta uma respiração profunda.

“Bem, estou meio puta com você por ter mentido também.”

Eu espero que ela explique, mas ela parece pensar que eu sei do que ela está falando. “Não estou te entendendo”, eu digo. “Sobre o que eu menti?”

“Tudo. Você sabe. O grande segredo.”

Eu procuro ao redor por Frank S. e me sento em seu banco favorito. Ele dá de ombros para mim.

“Não foi mentira. Eu só não tinha certeza.”

“Mas eu era sua melhor amiga, Astrid. Você devia ter me contado.”

Começo a me sentir muito irritada, então levo um minuto tentando imaginar como dizer o que quero dizer. Frank S. acende o cachimbo do meu pai. Eu não tenho ideia de como ele sabia onde encontrá-lo, mas acho que se eu o criei na minha cabeça, ele deve saber tudo que eu sei. Me sinto relaxada por ter feito essa conexão.

“Entendo o que está tentando dizer. Mas está errada. Quero dizer, quando você soube que era gay? E contou para alguém no primeiro dia? Quem é alguém para me dizer quando conversar sobre algo tão pessoal?”

“Mas olhe para mim. Sou gay, cara. *E* sua melhor amiga. Certo?”

“Ainda assim, não é da sua conta até eu estar pronta para te contar. Chamar de mentira é errado. E meio que magoa. Eu realmente entendo o que está tentando dizer, mas tente pensar nisso do meu ponto de vista. É um saco que você mantenha minha própria confusão, que me

torturou por meses, contra mim. Sério.”

“Hum”, ela diz. “Nunca pensei dessa forma.”

“Acho que só não sou tão confiante e segura como muitas outras pessoas. Eu não estava segura sobre nada disso até a noite em que fomos pegadas, de fato.”

“Sério?”

“É. E daí toda essa outra merda aconteceu.”

Ela aponta para a casa.

“E ainda não contou a eles?”

Balanço a cabeça.

“Mas você e Dee estão bem?”

Eu balanço a cabeça novamente.

“Merda!”, ela diz.

“Pois é.”

Ela diz: “Posso ser honesta?”. Como se eu a pudesse impedir de ser honesta. Ela sorri desconfortável. “Não quero voltar à escola e não quero mais viver aqui. Juro por Deus que não estou tentando ser dramática, mas saltaria de um penhasco para me salvar dos próximos sete meses da minha vida.”

“Estou escutando”, eu digo.

“Estou pensando em estudar à distância ou algo assim.”

“Sério?”

“É. Sério.”

“Cara, você não está olhando para isso do jeito certo. Tente pensar como um filósofo antigo. OQSF, sabe?”

“OQSF?”, ela diz. Leva alguns segundos. “O que Sócrates faria?”

Frank S. de olhos inchados e caído no banco me dá um sinal de joiinha.

“É. Sério. Pense sobre esta cidade. É uma caverna onde as pessoas estão acorrentadas, certo?”

“Você precisa parar.”

“Por quê? Estou certa! Toda essa gente acorrentada aqui pensando que suas reputações importam e que essa merdinha importa é uma visão curta demais. Cara, o que importa é se você está feliz. O que importa é seu futuro. O que importa é sairmos daqui inteiros. O que importa é encontrar a verdade sobre nossas próprias vidas, não se importar sobre o que as pessoas pensam que é a verdade sobre nós!”

“É um alívio, Asteroide. Sério. Valeu.”

“Pare de ser sarcástica. O movimento é possível. Não precisa ser uma babacona de Unity Valley pelo resto da sua vida. Pode parar sempre que quiser. Depende de você.”

“Eu sei que havia uma razão para eu ter aula de Filosofia”, ela diz.

“Aprendi a maior parte disso assistindo a Claire. Olhe para ela. Miserável. Tão preocupada com essa gente. Sua gente. Você, até. Tão preocupada em ter seus amiguinhos de Unity Valley que ela vira sua amiga. *Minha* melhor amiga. Sério. Se não sair da caverna agora, será ela em 25 anos.”

Ela ri pelo nariz.

“Você sabe que estou certa.”

“Me deixe entrar e dizer a ela que sou uma panaca, tá?”, ela diz.

“De jeito nenhum. Se você for agora ela vai achar que te subornei ou algo assim.”

Vamos até a calçada.

“Quero acelerar até setembro”, ela diz.

“Ou podemos apenas tentar nos divertir enquanto estamos aqui”, eu respondo.

“Pronta para o grande Dia da Tolerância?”, ela pergunta.

“Está brincando? Eu prefiro arrancar meus olhos com garfos sem ponta, mas temos de fazer o que temos de fazer, certo?”

Kristina assente.

“Sugiro que a gente aguarde essa merda toda.”

QUANDO ASTRID JONES FINALMENTE DESPIROCA

Ellis fica na cama. Esse é o plano. E não me importo.

Se a situação se revertisse, porém, eu gostaria de deixar registrado que eu iria para a escola e apoiaria minha suposta irmã gay durante a reunião ridícula de tolerância porque irmãs fazem coisas assim umas para as outras. Mas, até aí, eu não contei realmente a ela ainda, então basicamente a culpa é minha por minha própria falta de apoio familiar.

O primeiro sinal notável do Dia de Tolerância: eles mudaram a placa de LUGAR SEM ÓDIO da frente da sala de coordenação para um lugar na frente da diretoria. Bem empolgante.



A sala de estudos está fora de controle. Houve uma surpresa, e alguém o convenceu de que a sala de estudos não é uma das *verdadeiras* salas de estudo onde as pessoas estudam. Eu me sento sozinha até Clay passar e me salvar.

“Como vai?”, ele pergunta.

“Bem.”

“Pronta para a quarta-feira?”

“É. Estou abastecida.”

“Eu vou detonar.”

“Não tenho dúvida.”

“Viu o Justin por aí?”, ele pergunta. “Estou meio preocupado com ele. E precisamos dele de volta no jornal logo, sabe?”

“Acho que ele vai voltar esta semana. Pergunte a Kristina. Mas ele está bem. Nada para se preocupar.”

Ele abaixa a voz num cochicho.

“Ouvi que ele foi para a cadeia.”

Balanço a cabeça.

“Mentira total.”

Ele suspira.

“Ah, bom. Então como acha que vai ser todo esse troço de Dia da Tolerância? Aposto que isso vai render uma porção de nada.”

“É. Tenho tentado não pensar nisso, na verdade.”

“Para constar, te dei cobertura”, ele diz.

“Valeu.”

Passei o resto do dia lendo o papel do Projeto Sócrates que recebemos no começo da aula, com instruções do cronograma, os requerimentos e o dia do debate de fato.

Levo um segundo para pensar nele – Frank Sócrates – e decido que é meu novo herói. Não porque ele aparece na minha vida e fala comigo quando eu quero que ele fale, mas pelo que foi e

pelo que lutou.

Eu amo como ele rejeitou todos os rótulos.

Então o sinal toca e a porção de tolerância de nosso dia começa.

Primeiro, a assembleia. Eu me misturo ao corpo estudantil e não sinto tanto o holofote em mim com as luzes diminuídas e o cara falando. E falando... E falando...

“O mundo é feito de muitos tipos diferentes de pessoas, e temos de aprender que apesar de eles serem assustadores no início, não são inerentemente maus por serem diferentes.” Ele começa dessa forma e segue para falar sobre seus dias na escola como um latino de raças misturadas e quão difícil foi para ele enquanto crescia. Ele apanhava muito. Era provocado todo dia.

Começo a me ressentir. Você quer dizer que estamos no século XXI e esse cara é pago para ter conversas corretivas com alunos da escola sobre como eles não devem odiar os outros? Isso não é elementar? Não devia ser automático? Que tipo de espécie somos nós se precisamos de gente que venha falar sobre essa merda? E como, se somos idiotas assim, nós chegamos à lua e ajudamos a construir uma estação espacial?

Ele conta uma história sobre como sua mãe era de Cuba e como ela odiava os porto-riquenhos. Ele diz: “Não importa quantas vezes eu tentasse explicar a ela como isso era idiota, ela nunca mudou. Estava incrustado nela. Alguns de vocês têm isso incrustado em vocês. Não nasceram com isso. Foram ensinados. Um bebê não tem ódio por nada”. Ele tira um bebê (um bebê de verdade) e balança a criança em seu quadril. “Fomos todos bebês algum dia, certo? Esse pequeno não se importa em que país nasceu ou qual religião possa praticar ou quanto você pesa ou quem pode amar.”

Nisso eu sinto o holofote novamente. Ele fala um pouco sobre a escola ser um tempo de sentir as coisas, e depois disso eu meio que o bloqueio por um tempo porque o holofote é muito quente. Estou brava. Digo para Frank, que está sentado na passarela operando o holofote.

“Frank, aquele bebê é mais esperto do que metade da minha sala de Filosofia. É assim que as coisas têm sido?”

Frank assente.

Eu: Preciso sair daqui.

Frank: Pena você não ter sentado na ponta. Não vai a lugar algum.

Eu: Posso fingir que vou vomitar.

Frank: Acha mesmo que isso seria sábio?

Eu: Eu não consigo acreditar que ele é pago para falar sobre isso.

Frank: Aposto que ele não consegue acreditar também.

Então escuto.

“Acabei de ir à minha 25ª reunião de classe, gente. Me deixe dizer: as pessoas mudam. As meninas que fofocam por lá sobre todos os caras esquisitos? São bacanas e têm seus próprios filhos esquisitos. Os ditos perdedores que se formaram no fundo da classe? Estão dirigindo carros de luxo e cuidando de grandes negócios. O moleque que tirava sarro dos gays? Ele é gay. Não estou dizendo que isso vai acontecer com todos vocês, mas o que tento dizer é que a escola não termina aqui. Vocês vão conhecer um ao outro por um longo tempo, e vão poder ver como a vida muda as pessoas. Eu só espero que por enquanto vocês se lembrem que não há lugar para ódio numa vida feliz. Não me importa quem sejam, de onde vêm ou em que deus acreditam. Posso garantir que se vocês odiarem, nunca vão conquistar a verdadeira felicidade.”

Alguém bate no meu ombro e um bilhete cai no meu colo. É da Kristina.

Vamos pular essa coisa de encontro do sexto período.

Eu olho ao redor, a vejo e concordo.

Depois que o cara termina seu programa da assembleia, o diretor Thomson se levanta e fala um pouco sobre por que é importante estudar diversidade na escola, então dois garotos caminham pelas fileiras e se encontram na frente do palco, e ficam lá com os braços cruzados como se fossem seguranças. Acho que o professor Thomson menciona algo sobre placas nos corredores e como qualquer um pego colocando sinais de ódio será suspenso, mas não tenho certeza. Estou ocupada demais tentando imaginar o que esses dois moleques estão prestes a fazer.

Um é Ross Bentley, nosso negador do Holocausto. O outro é algum moleque que vi por aí, mas não conheço. Ele parece conhecer Ross, de toda forma. Estão usando camisetas similares, mas não consigo vislumbrar o que elas dizem na semiescuridão.

Finalmente as luzes se acendem. Há uma relativa calma na plateia e as pessoas começam a conversar umas com as outras enquanto somos conduzidos, fileira por fileira, em direção ao ginásio. Por as luzes estarem acesas, posso ler o que a camiseta de Ross Bentley diz. É “Não Seja Gay” e tem um daqueles círculos com uma linha diagonal através da palavra *gay*. O moleque parado ao lado dele está usando essa: “Seja Feliz, Não Gay”.

Todo mundo os ignora e o professor Thomson e alguns professores falam no palco com o apresentador e eles sorriem para o bebê, e estão todos conversando e sendo normais com ele, como se a Assembleia do Dia de Tolerância não estivesse acabado de ser infiltrada por bizarros negativos.



Não temos chance de fugir das filas organizadas e escapar da reunião no ginásio. Kristina se senta a quatro pessoas de mim e pegamos assentos o mais perto da porta que conseguimos, mas há professores por todo lado, então nos sentamos e observamos. Por acaso, as líderes de torcida de Unity Valley conseguem soletrar a palavra TOLERÂNCIA com seus corpos magrelos bronzeados. Quem diria?

Ross Bentley e seu amigo se recusam a se sentar, e agora eles ficam em pé à direita do professor Thomson no centro porque “eles têm direitos também.” É uma citação direta do pai de Ross, que veio ficar ao lado deles. Sua camiseta diz ORGULHO HÉTERO. Ele diz: “A Primeira Emenda protege nosso direito de livre expressão tanto quanto protege o seu”.

Estou indignada. Nunca me senti desse jeito antes. Talvez porque eu não tenha contado a ninguém ainda e eu sei o que isso significa, não posso reclamar ainda também. Não sei. Só quero surtar com esses agressores e dizer a eles que são fanáticos cuzões. Então me lembro de que Ross e seu pai nem acreditam no Holocausto. Não importa quantos bebês nós colocássemos no palco, nada vai mudar gente assim. Mas ainda estou indignada porque quinhentas pessoas aqui querem ter uma reunião de tolerância e três pessoas não.

As líderes de torcida fazem outra comemoração contra o ódio enquanto o professor Thomson pede ao professor Bentley para ir ao seu escritório e assinar um requerimento sobre as regras da escola. Escutamos essa conversa porque o professor Thomson não desliga o microfone e porque

o professor Bentley é particularmente alto. O professor Bentley não se move.

Kristina olha para mim e há caos o suficiente para nós seguirmos para a porta lateral do ginásio, e começamos a ir para aquela direção quando o professor Trig, que está parado na porta do ginásio diz: “Mocinhas! Onde acham que estão indo? Não terminamos ainda!”

Não paramos.

Ouvimos um dos professores dizerem, enquanto saímos para o corredor: “É o agradecimento que temos delas pelo encontro”.

Essa frase me come por dentro. Me deixa doente. Estou cansada de viver ao redor de gente que quer me colocar numa caixa. Estou cheia de gente enfiando o nariz onde não é chamado. Estou tão cheia de tudo o que tem a ver com Unity Valley que quando chegamos ao corredor principal e Kristina se vira e diz: “Então, você contou para Claire e Gerry na noite passada?”, eu sinto que vou explodir.

A explosão é interna inicialmente, mas forma essa frase, que sai da minha boca três vezes alto demais e bem no rosto da Kristina.

“Dá para POR FAVOR me deixar fazer do meu jeito, cara?”. “Eu só estava perguntando. Achei que estávamos bem.”, ela diz.

“Nada está bem! Está tudo fodido agora! TUDO!”

“Hum, uau.”

“Não dou a MÍNIMA sobre nada que ninguém nessa cidade pense mais! Estou cansada de fofquinha e das mentiras e do código de segredo idiota de Unity Valley, onde ninguém nunca ganha a não ser as cinco mesmas pessoas que sempre ganham porque mentem para a maioria das pessoas! Chega! Tá? Não me importa quem sabe que sou gay! EU SOU GAY! Tá bom? SOU GAY, POXA!

Fico lá no corredor e escuto o eco atrás de mim.

Ela é gay, poxa. Tá bom?

Frank Sócrates, que está parado na fonte d’água. Ecoa também.

“Ela é gay, poxa, tá bom?”

Eu sorrio para ele. Ele sorri para mim.

“Professora Jones, gostaria de dar uma volta comigo? A voz vem do vice-diretor pegando meu cotovelo. Caminho com ele e deixo Kristina parada lá, parecendo brava e completamente confusa. Frank S. dá um gole da fonte, reajusta sua toga e sai pela porta da frente.



Sou suspensa. Só o resto do dia e amanhã o dia todo. O Colégio Unity Valley não tolera surtos de lésbica.

Ops.

Acho que quando eu surto, eu surto.

Meu pai vem me buscar.

É tipo uma tradição.

NÃO CONSIGO DECIDIR SE QUERO QUE ELE DIRIJA MAIS RÁPIDO OU MAIS DEVAGAR

Eu me sento no banco da frente.

Ele diz: “Tenho de cruzar a cidade para uma coisa de que a sua mãe precisa”.

“Tudo bem.”

Pelos primeiros dez minutos da viagem, eu me empenho em rasgar meu bilhete de suspensão em pedacinhos. Quando chego a cada pedacinho tão pequeno que não consigo mais rasgar ao meio, eu acrescento à pilha no meu colo. Meu objetivo: confete. Comemoração. Uma boa viagem.

Ele não diz nada até chegarmos a uma grande estrada. Então ele faz uma estranha meia tosse para limpar a garganta da maconha e diz: “Suponho que tenha sido um saco?”.

“Foi um saco do saco do saco.”

Olho para ele enquanto dirige pela grande rodovia, mantendo seus olhos meio abaixados para a estrada. Ele olha para mim e sorri um pouquinho.

Não estou no clima de sorrir.

“Mamãe sabe que você anda chapado o tempo todo? Porque é bem óbvio. Acho que se você vai fazer isso, devia ser mais discreto. Precisa ou parar de fumar baseado ou comprar alguma colônia ou sei lá. E bala de menta. O fato de que a Claire não sabe ainda é insano. Ela deve estar em algum tipo de negação.”

Ele faz um rosto como se nunca tivesse pensado nisso antes. Não se engane – maconha mata células vitais do cérebro, bloqueia o pensamento crítico e tempo de reação.

“Uau. O que deu em você?”

“Você pediu para eu parar de mentir, então parei de mentir. Assista e se maravilhe”, eu digo.

Ele olha para mim novamente, sem sorriso dessa vez. Quase parece assustado, só que está chapado demais para estar assustado.

“Além do mais, a mamãe não gosta de mim. Não discuta ou me convença do contrário. E não dê desculpas por ela. Ela nunca gostou de mim, e isso é problema *dela*. Um dia ela vai se arrepender de ter sido uma vaca.”

Ele não responde por um minuto, então diz.

“Até agora entendi que você pensa que eu fumo maconha demais e que sua mãe é uma vaca que não te ama. É isso mesmo?”

“Não *penso* que você fuma maconha demais e que minha mãe não me ama. Eu *sei*”, eu corrijo. “Se vocês levam a diversidade tão na boa, então por que não agem de acordo?”

Ele assente e diz: “Sei que é difícil de acreditar, mas sua mãe é uma mulher bem descolada. Ou... foi. Um dia”. Volto a rasgar a nota de suspensão em pedaços menores e menores.

“Eu me lembro de quando ela ainda era legal comigo, sabe? Eu me lembro das caminhadas que costumávamos dar ao redor do quarteirão quando eu era pequena.”

“Aposto que sim.”

“Nunca entendi por que nos mudamos para cá. Quero dizer, entendo que vocês queriam que

tivéssemos uma infância diferente e ela queria comprar a casa da vovó, mas não entendo. Disseram que tinha ar fresco, grama, espaço e feiras rurais e tal, mas acho que vocês nunca descobriram por que acharam que seria melhor. Diferente, sim. Mas melhor? Não sei.”

Ele concorda.

“Não foi nada melhor para vocês, foi?”, pergunto.

“Definitivamente não para mim.”

Eu olho pela janela novamente por um minuto. Eu me lembro da mudança. Me lembro de Ellis e eu chorando no banco de trás do carro. Demos a mão o caminho todo para Pensilvânia. Éramos tão próximas... Quando chegamos à casa, que já tínhamos visto algumas vezes, nós nos sentamos no sofazinho da saleta porque era mais perto da porta.

“Achamos mesmo que vocês nos levariam de volta”, eu digo.

“É.”

“Como se ficássemos naquele sofazinho verde por tempo suficiente, vocês iriam mudar de ideia.”

“Foi duro para a Ellis.”

“Foi duro para todos.”

“Não tanto quanto para ela. Você não se lembra de toda a coisa do médico?”, ele pergunta.

“Não”, eu digo.

Ele suspira.

“Não se lembra dos problemas que ela teve na escola, tanto que tivemos de mandá-la ao psicólogo?”

“Não me lembro de nada disso”, digo. *Por que não me lembro de nada disso?*

Nós estacionamos fora de uma loja.

“Vem comigo?”, ele pergunta.

Eu vou com ele. Compramos um cabo USB extralongo e algo que tem a ver com a palavra *Ethernet*. Eu o faço ir para o carro primeiro, então compro um grampeador ergonômico porque acho que ele deve ter um.

Quando começamos a dirigir para casa, eu respiro fundo e digo: “Então, tenho uma namorada desde julho, e eu a amo”.

“Tá”, ele diz.

“Não sei por que é tão importante que eu conte isso a vocês, mas sou virgem. Bem esquisito para mim estar contando isso a você, eu sei, mas essa coisa toda não é só sexo. Eu só me apaixonei, e por acaso foi por uma menina.”

“*Tá bom*”, ele diz.

“Quando eu disse a vocês que eu não sabia se era gay, eu estava falando a verdade. Só sei que estou apaixonada por uma menina. Não tinha ideia de mais nada além disso. Foi bem socrático, sabe? Não estou questionando *minha* sexualidade tanto quanto estou questionando as definições rígidas e rótulos de todas as *sexualidades* e por que nos importamos tanto sobre os assuntos dos outros.

Ele concorda.

“Mas há um problema com isso.”

Ele concorda novamente.

“Se eu fizesse toda essa merda socrática da forma como tenho feito, eu terminaria vivendo nesse limbo esquisito que não é bom para ninguém. O mundo é feito de definições claras, o que é exatamente o motivo pelo qual Sócrates foi morto. As pessoas não gostavam dele mexendo com

suas definições claras, sabe?”

“Tá”, ele diz. Estou tão feliz que ele esteja chapado agora.

“Então, sou gay. Até que me avisem do contrário. Dessa forma, não tenho que pensar sobre isso, minha namorada não tem que se perguntar sobre isso, e eu posso de fato curtir amá-la porque ela é incrível.” Acabei de rasgar o resto do bilhete de suspensão nas menores partes e enfio o confete nos bolsos do meu moletom. “Você e a mamãe não precisam pensar nisso também. Podem apenas ser o casal na cidade que tem uma filha gay ao lado dos pais da Kristina e quem mais que seja. E Ellis pode pensar em uma forma de crescer e ser minha irmã novamente. E se algum de vocês têm algum problema com isso, então o problema é de vocês. Ser gay já é duro o suficiente sem ter de se preocupar com sua família ser esquisita com isso.”

“Entendi.”

Olhamos pelas janelas por um tempo.

“O que importa é que não somos assim. Temos amigos gays e lidamos bem com isso.”

“É, mas amigos gays não é a mesma coisa que uma filha gay”, eu digo. “Além do mais, você não tem lidado bem com isso na verdade, tem?”

“É diferente. Você foi pega pela polícia por beber sendo menor de idade.”

“Num bar gay. E você disse que eu estava arruinando a reputação da Ellis.”

“Nós nos preocupamos com ela. Por causa da... você sabe, a coisa toda com o médico quando nos mudamos, acho.”

“Parou para pensar no que a escola foi para mim semana passada?”

“Nós nos preocupamos com você, mas sabíamos que iria superar. Você meio que precisa, certo?”

Dou de ombros.

Ele diz: “De toda forma, você precisa contar à sua mãe agora. Eu te ajudo, mas você tem de dar um tempinho para ela processar. Ela não é como eu, sabe?”

“Por *como* você, quer dizer, chapado o tempo todo?”

Ele abre o porta-luvas, tira um pacote de balas de menta e pega uma.

“Viu? Não sou completamente idiota.”

Paramos no acostamento. Dou a ele o grampeador.

“Valeu por ser tão bacana com isso”, eu digo.

Ele está chapado demais para saber o que dizer, então apenas olha para o grampeador e de volta para mim, então para o grampeador de novo.

“Que porcaria aconteceu com a gente, pai? Em um minuto estávamos juntos martelando aquelas coisas na garagem, daí de repente paramos.”

Ele deixa um minuto passar.

“Não sei... Acho que aconteceram algumas coisas.”

“Sinto saudades de fazer casas de passarinhos. Como vamos manter nossa reputação de aberrações se não fazemos mais?”

Ele tira as mãos da direção e eleva numa prece.

“Prometo que vamos fazer mais casas de pássaros.”

“Bom.”

“Talvez neste final de semana?”, pergunto.

“Pode apostar.”

Enquanto subo até a varanda, onde mamãe está parada com seus braços e lábios dobrados, eu digo: “Ei! Astrid está em casa!”, e jogo meu bilhete de suspensão o mais alto possível, e por eu

ter rasgado tão pequeno, parece que fica no céu para sempre, como leves flocos de neve.

PODE DIZER *DESCONFORTÁVEL*?

“VOCÊ É GAY AGORA?”, ela pergunta. Meu pai e eu recuamos um pouquinho. “Tem certeza? É gay?” Sua testa se franze profundamente em linhas verticais entre suas sobrancelhas. “Porque da última vez em que conversamos você não era gay, se lembra? E não sabia se era gay. Lembra disso?”

Eu concordo.

“É. Me lembro disso.”

“Então não poderíamos ter chegado aqui sem todas as mentiras?”

“Não eram mentiras.”

Ela me lança um olhar de julgamento.

“Astrid, sei o que é uma mentira. Estou por aqui há 47 anos.”

“Você não entende.”

Ela suspira como se eu fosse o maior pé no saco do mundo, então diz: “Exatamente *como* eu não entendo?”.

“Eu precisava de tempo para descobrir. Leva um tempo, sabe? Você não acorda simplesmente um dia e *sabe*”, digo. “Ou pelo menos eu não sabia. Não estava mentindo. Estava apenas supondo.”

“E imagino que somos os últimos a saber?”, ela pergunta.

“Depende de quem você inclui”, eu quero tanto dizer a ela que ninguém na Rússia sabe, mas seu senso de humor não apareceu nesta conversa (ou em nenhuma conversa da última década), então eu mantenho comigo mesma. Além disso, provavelmente ninguém na África sabe, e é *muita* gente.

“Não deveríamos ser os últimos a saber”, ela diz. “Fica parecendo que não conhecemos nossos próprios filhos.”

E aí está. O momento Claire. Eu viro minha cabeça.

“Então está brava porque isso a faz parecer mal? Porque não te contei primeiro? Estou entendendo isso direito?”

“Não. Não estou nada brava. Só estou... hum... decep...”

“Decepcionada? Não é a melhor escolha de palavra.”

Ela parece genuinamente esgotada.

“Não quis dizer *dessa* forma. Quero dizer que eu só queria ter sabido antes.”

“Bem, você sabe agora. Acredite. Eu te contei assim que pude.” Eu me inclino na mesa em direção a ela. “Não é fácil de te contar essas coisas.”

Ela espera um segundo e eu acho que ela vai ser totalmente bacana, então diz: “Como isso é minha culpa?”

“Quem disse que isso tem algo a ver com culpa?”

“Acabou de dizer.”

Meu pai levanta suas mãos.

“Astrid estava dizendo que é difícil conversar com você. É por isso que ela achou difícil nos

contar a verdade.”

“*Difícil falar comigo? Está dizendo isso também, Gerry?*”

“Mãe, está fazendo isso agora. Enfim, não importa. Já te contei.”

“Sim. Contou.”

Silêncio.

Desconfortável.

“Bem, acho que é isso então”, ela diz.

“É.”

Meu pai diz: “Valeu por nos contar, Astrid”. Ele caminha para o outro lado, aperta meus ombros e me dá um abraço por trás enquanto ainda estou sentada. “Não muda nada do que sinto por você.”

“Isso mesmo.” Minha mãe se inclina e segura minha mão. “Você é nossa filha, é só o que importa.”

E não *nós te amamos, é só o que importa*. Não tão caloroso, mas passa.

Pelo menos acabou.



As coisas também não ficam milagrosamente normais.

Primeiro, saímos para o almoço na lanchonete Legião. Eu peço um queijo quente grelhado gorduroso. Mamãe pede um *waffle* e salsichas, e o papai pede o café da manhã especial do dia.

Enquanto esperamos pela comida, minha mãe diz: “Falei com Kristina esta manhã”. Levanto a sobrancelha.

“Ela me disse que mentiu.”

“E?”

Ela parece emperrada.

“E é isso. Achei que você gostaria de saber.”

“Bem, é”, eu digo. “Obrigada por me avisar.” Olho para ela e espero por desculpas, mas não vêm. Desta vez, em vez de me incendiar por dentro, eu envio meu amor para ela. *Mãe, eu te amo mesmo que você não possa dizer que sente muito ou admitir que estava errada. Se você parasse de pensar que há algo como perfeição, então você se sentiria muito melhor em relação a si mesma. E a mim.*

Enquanto como meu sanduíche, digo a eles que não vou esconder quem eu sou na escola. “Quero dizer, eu basicamente já assumi.” Eu rio. “Espero que esteja tudo bem. É mais fácil ser real nesse ponto.”

“Mas vai ser difícil, sabe?”, minha mãe diz.

“É”, eu digo.

“Para todos nós”, ela acrescenta.

Comemos em relativo silêncio até eu dizer: “Acha que Ellis vai deixar de surtar tanto com isso?”.

“Bem, eu certamente não a criei assim”, minha mãe diz.

Papai mastiga.

Mamãe mastiga.

Eu mastigo.

“Acho que você é a única que pode ajudá-la com isso, Claire”, meu pai diz. “Ela só escuta você.”

Minha mãe mastiga.

Eu mastigo.

Meu pai mastiga.

“O que quer dizer com ela só escuta a mim?”

Ninguém responde à pergunta dela.



“Você contou?”, Dee grita ao telefone.

“Eu não apenas falei. Eu falei e fui suspensa por falar alto demais.”

“Porra, Jones.”

“E você está certa. Fica melhor sim. Até agora, pelo menos. Me encontra no lago?”

Está mais quente hoje e sinto calor demais no meu cachecol e luvas, assim eu os deixo no carro antes de subirmos o morro.

O chão está molhado, então nos deitamos na mesa de piquenique.

“Eles levaram muito bem”, eu digo quando ela me pergunta como foi. “Meu pai estava chapado, então ele não se importou. A minha mãe foi... minha mãe.”

“Seu pai estava chapado?”

“É. Você está no círculo interno agora, eu posso te falar essas merdas, certo?”

“Círculo interno, hum? Como entrei aí?”

“Você queria que eu assumisse. Eu assumi. Agora estamos unidas pela vida toda ou sei lá. Não é assim?”

“Eu não queria te forçar a assumir. Eu só pensei... é só mais fácil”, ela diz.

Eu aponto para o céu.

“Olha isso. Três em seguida. Todos 747, aposto.”

“Pode ver daqui?”

“Às vezes. Esses estão bem alto.”

“Irado. Qual é aquele lá? Parece menor.”

“É um jatinho. Provavelmente um ER4.”

Nós o escutamos zumbir pelo céu.

“Gosto disso”, ela diz. “Eu nunca saberia que você conhece coisas sobre aviões se a gente não ficasse assim à toa às vezes.”

“E eu não saberia que sua comida favorita é rosbife.”

Ela ri e se vira para mim e me olha com aquele sorriso. O sorriso que me trouxe aqui – a isso. A ela... A razão pela qual eu não queria realmente beijar Tim Huber quando namoramos ano passado. A razão pela qual eu enterrei minha cabeça em todos esses livros minha vida toda.

Quando eu a beijo, eu nos coloco no futuro, ~~onde somos como a mamãe e o papai~~. Não, risque isso. Eu nos coloco onde somos um casal feliz loucamente apaixonado. E nos beijamos da forma como as pessoas se beijam em seus casamentos. Com prazer e alívio e amor. Sem culpa. Sem vergonha.

Eu digo: “Abracadabra”.

Dee me beija e diz: “Quer saber? Não quero me apressar. Quero me divertir e me apaixonar e de fato... não sei”, ela diz. “É como se você estivesse me ensinando a desacelerar ou sei lá”.

Eu não digo nada, mas de certa forma não estou envergonhada por ter finalmente dito *abracadabra* e ela estar toda *não, valeu*.

Ela continua.

“Deve ser toda essa merda de Sócrates passando para mim, mas tenho pensado que, desde que eu saí do armário, tudo o que fiz foi trabalhar em ser sexual, e mesmo que isso seja divertido e tal, eu nunca aproveitei um minuto para apenas relaxar e me sentir amada, e gosto disso.

“É bom”, eu digo. “Sem dúvida.”

“Minhas primeiras vezes foram meio desajeitadas e rápidas.”

“Ah”, eu digo.

“Na verdade, aquela coisa que você disse há algumas semanas? Sobre como eu era e tudo isso? Me lembrou da minha primeira namorada e de como eu fui... hum, acho que... afobada. Foi divertido, e eu gostava muito dela, mas ela não me amava. Acho que ela só queria tirar meu cabaço, sabe?

“Eca. Odeio essa expressão.”

“Eu também.”

Penso em todos os caras da escola.

Dizem: *Tirei o cabaço dela noite passada.*

Dizem: *Ela sangrou na minha jaqueta toda!*

“Então tá”, eu digo. “*Abracadabra* para quando rolar naturalmente. Que tal?”

Ela assente e me beija de novo.

“Nunca te perguntei qual é sua comida favorita. E quero mesmo saber.”

Eu me viro para olhar o céu e descanso minha cabeça no ombro dela.

“Bem, sei com certeza que não é camarão.”

Rimos e então ela fica séria.

“Tem certeza de que tudo ficará bem? Em casa? Escola? Sente como se tivesse feito a coisa certa?”

“Não faço ideia. Tenho certeza de que as pessoas ainda vão agir de modo esquisito quanto a isso. Ellis provavelmente vai entender. Minha mãe pode conseguir dizer que me ama antes de eu me formar na faculdade. Meu pai provavelmente já esqueceu.”

Ela ri.

“Algumas pessoas vão sempre ser um saco, mas no final é mais fácil ser você mesma, acho. Quero dizer, agora que sai a pressão para ser perfeita.”

Fico quieta por um momento e deixo isso passar pela minha cabeça alguma vezes. *Sai a pressão para ser perfeita.*

“Jones?”

“Sim. Desculpe, acho que acabei de receber uma mensagem de Sócrates. Preciso ir.”

Ela ri. Nós nos levantamos e caminhamos pelo morro até nossos carros, e quando ela sai, eu abro um caderno e agarro uma caneta do meu porta-luvas.

Meu paradoxo está todo errado. Escrevo uma lista completa de outros paradoxos até chegar no que eu mais quero discutir. Quero discutir com todo mundo nesta cidade. Todo mundo na TV, quero discutir com Claire e Kristina e até com Dee, que coloca pressão demais em si mesma para jogar bem e correr o suficiente. Ou Juan, que xinga para si mesmo toda vez que comete um

mínimo erro na cozinha. Ou Ellis, que ainda é uma garotinha assustada tentando se encaixar.
Quero contar a eles: *Ninguém é perfeito.*

O PROJETO SÓCRATES

Vamos começar aqui: usar toga na escola é incrível. Ter passe livre na escola para puxar briga com qualquer um que pareça disposto também é incrível. Quero dizer, geralmente sou Astrid Jones, pacifista tipo poeta que geralmente não puxa brigas além de corrigir sua gramática. Mas agora sou Astrid Jones, lésbica recém-assumida que acabou de voltar de uma suspensão, que incluiu ter dito a palavra com P várias vezes na frente do vice-diretor. Isso é um pouco diferente do que eu tinha imaginado.

Tenho uma pequena placa com um paradoxo. “Ninguém é perfeito”. Acho que a maioria das pessoas não vai discutir sobre isso, então tenho que fazer perguntas relacionadas. Começo com os professores. O professor Trig passa por mim depois do primeiro período.

“O que é perfeito, professor Trig?” pergunto. “E pode dizer que alguém alcançou a perfeição?”

“Todos nascemos perfeitos”, ele diz.

Boa resposta.

“Meu pé direito é meio número menor do que o esquerdo”, eu digo. “Isso é perfeito?”

Ele acena em despedida e pisca para mim porque tem de voltar à aula.

O professor Williams passa por mim, eu pergunto: “A perfeição é possível?”.

“Não.”

“Como tem tanta certeza?”

Ele diz: “Tudo é uma questão de percepção”.

“Então isso significa que ninguém é perfeito ou todo mundo é?”, pergunto. “Porque se é uma questão de percepção, então ambos podem ser verdade.”

“Depende de você”, ele diz e caminha em direção à sua sala. Eu poderia ter mantido isso por um tempo. Toda essa noção de perfeição me intriga. *Como podemos dizer que ninguém é perfeito se não há perfeito a ser comparado? A perfeição implica em haver de fato um jeito certo e um errado de ser. E que tipo de perfeição é a melhor? Perfeição moral? Estética? Psicológica? Mental?* Escrevo isso no meu diário do projeto.

Durante os cinco minutos entre o segundo e o terceiro períodos, eu começo a falar alto no canto lotado da minha pseudorrua (que é o corredor em direção ao ginásio).

“Se a perfeição fosse possível, que tipo iria reinar? Perfeição moral? Perfeição mental? O homem mais esperto iria vencer, ou o mais forte? O de pele escura ou de pele clara? O vencedor seria o mais bonito?”

“Perfeição é igualdade”, alguém diz. “Beleza nos olhos de quem vê.”

Isso provoca uma risada de alguém na multidão.

“Há algo como raça perfeita”, ele diz.

“Uma raça toda de gente perfeita?”, pergunto. “Sério? Como sabe disso?”

“Deus quem disse. Está na Bíblia”, ele diz.

“A Bíblia?”, pergunto. “O que é isso? E de qual deus está falando? Zeus? Hermes? Poseidon?”

Ele me mostra o dedo enquanto caminha para os degraus da ala da biblioteca.

Alguém grita:

“Perfeição é idiotice!”

“Gosto disso!”, digo. Ela não pode me ouvir, mas continuo falando. “Perfeição é idiotice! Então o que é idiotice?”

“Essa toga”, Kristina responde passando por mim e para a sala de aula à minha direita.

“Creio que seja questão de percepção, professora Houck. Minha toga não é idiota. Se o resto de Unity Valley usasse togas, então eu estaria bem na moda.”

Durante o terceiro e quarto períodos, nós temos um debate de grupo no ginásio, e a professora Steck convida alguns dos administradores da escola para assistir e discutir com a gente. Cada um de nós se senta segurando suas placas, esperando sermos escolhidos pelos membros da plateia. Clay, que ama Camus, deixa os superintendentes todos tensos sobre o verdadeiro sentido da educação ao dizer que nos anos recentes nossos administradores altamente pagos são simplesmente fantoches para conselhos idiotas que não sabem nada sobre doutrinas para uma boa educação.

“Isso é ridículo!”, o superintendente diz.

“O que é ridículo é o corte do programa de artes no ensino fundamental este ano, senhor. E a construção simultânea de um campo de futebol quando já temos um campo de futebol.” Ponto para o Clay.

Um membro afro-americano do conselho – a mãe de Jimmy Kyle – me pergunta porque eu escolhi *ninguém é perfeito*.

“Esta cidade toda não é construída com a ideia de perfeição e posição na comunidade? Eu nunca morei aqui, mas escuto coisas. E não quero ofender com isso”, ela acrescenta, assentindo para os outros administradores na sala.

“Ouvi também”, outra pessoa diz.

“Não acho que seja Unity Valley. Não acho que essa sensação de ter de ser perfeito vá terminar. Olhe para nossa cultura. Olhe para as pessoas aprimoradas por computadores com quem nos comparamos. Olhe os carros caros e bugigangas que todos devemos ter. Olhe quanta gente está envolvida nisso! Imagina quanto dinheiro e preocupação nós pouparíamos se parássemos de nos importar com qual carro dirigimos! E por que nos importamos? *Perfeição*. Mas há tal coisa? E se há, então todo mundo é perfeito à sua maneira, certo?”

“Concordo”, ela diz. “Não é uma visão popular, mas é lógica.”

“Minha toga também não é uma vestimenta popular, mas é bem confortável.”

Eu considero essa declaração um grande ponto para minha nota em Filosofia. Vejo a professora Steck anotar algo em seu caderno.

Almoçamos numa mesa especial na cafeteria, e quando terminamos de comer, pudemos andar pela cantina e falar sobre nossos paradoxos.

Vou direto para a mesa de Ellis e digo:

“Oi, boa gente de Unity Valley. Estou tirando o dia para falar sobre perfeição. Vocês têm uma opinião sobre isso de uma forma ou de outra?”

Aimee Hall diz: “Algumas pessoas são melhores que outras.” Ela olha para Ellis e então para mim. Algo não está certo aqui. Ellis parece estar ainda mais com sua costureira cor de azul emo. É como se ela tivesse engolido um carrinho de mão de adoráveis gatinhos afogados.

“Há uma forma de dizer quem são essas pessoas melhores?”, pergunto.

“Sim”, Aimee diz. “A primeira coisa que você olha é a carteira delas.”

Isso faz algumas pessoas da mesa rirem.

“Sabe, sou Sócrates e sou um homem pobre, sim? Então pela sua definição, sou menos perfeito do que você por causa do quanto há em minha carteira?”

“Além de outras coisas. E uma novidade: você não é Sócrates.”

“Que interessante. Então todas vocês estariam dispostas a mostrar suas carteiras?”

Elas me encaram. Aimee Hall afunda a mão na bolsa e então percebe que é a única fazendo isso quando abre e joga um monte de dinheiro na mesa.

“Quanto é isso?”, pergunto.

“Não sei. Provavelmente uns 80”, Aimee diz. “E não se esqueça desses.” Ela tira dois cartões de crédito.

“Então esses 80 dólares fazem de você mais perfeita do que todo mundo na mesa?”

“É. De certa forma. Pode ir embora agora?”

Seus amigos olham para ela como se sentissem pena. Ellis se levanta e joga o lixo na lixeira.

“Espere”, uma das garotas diz. Eu paro de me afastar enquanto ela tira sua própria carteira da bolsa. Ela tira duas notas de 100 dólares. “Acho que isso me torna mais perfeita, certo?”

Enquanto me afasto, escuto Aimee Hall perguntar à outra menina quanto é o limite do cartão de crédito dela, e eu olho ao redor para Frank para que ele possa ver quão orgulhosa estou por ter feito um buraco no mito de perfeição de Unity Valley, mas ele não está em nenhum lugar.

No final do dia, estou exausta. Frank S. devia ser um cara bem saudável para ficar discutindo nas ruínas de Atenas o dia todo da forma como ele fazia. Nossa classe de Filosofia aproveita um monte de salgadinhos da Festa do Projeto Sócrates na sala, onde nós todos debatemos os paradoxos uns dos outros e somos lembrados pela professora Steck de questionar tudo e continuar a desafiar outros com nossas mentes abertas muito depois de removermos nossas togas.



A pilha de envios à revista literária é enorme, já que a poesia do primeiro trimestre e as aulas de contos terminaram. A professora Steck ainda está arrumando as coisas da Festa do Projeto Sócrates e eu me recuso a tirar a toga.

“Faz com que eu me sinta inteligente”, eu digo.

Justin ri.

“Faz você parecer boba.” Ele tira algumas fotos e eu faço pose para ele no corredor com minha placa, fingindo discutir com passantes invisíveis.

“Além do mais, não valoriza sua bunda. Só para constar”, Kristina acrescenta.

“Não me importo. Eu gosto”, digo.

Pego uma pilha de textos enviados, coloco-os na minha bolsa e digo adeus à professora Steck.

“Bom trabalho hoje, Astrid. Sócrates teria ficado orgulhoso.”

Eu concordo. É verdade. Acho que Frank teria amado ver que ele é uma lenda e que não bebeu veneno por nada. Tento fazê-lo aparecer novamente, mas ele não aparece. Então suponho que ele pense que não preciso mais dele. Provavelmente está certo.

Antes de partirmos, o telefone do Justin zumba e ele fica com aquele olhar novamente – aquele olhar de Chad – e enfia sua pilha de leitura na mochila e vai para o corredor. Kristina e eu

caminhamos para casa com ele e nos certificamos de que ele não esbarre em coisas enquanto envia mensagens sem levantar o olhar.

Três pessoas caçoam por causa da minha toga. Eu mostro a eles a placa que ainda tenho debaixo do braço. NINGUÉM É PERFEITO.

AÇÃO DE GRAÇAS NÃO É UM PALAVRÃO

O peru entra às 10h30 coberto de manteiga, sal, pimenta, aipo, cenouras e cebolas. Mamãe está de sapatilhas, não de salto alto. São novas.

Temos omelete no *brunch* e uma tigela de frutas frescas. Ellis não fala muito, exceto: “Passe o queijo para mim, por favor” e “suco de laranja, obrigado”. Ainda sem contato visual. Acho que é problema dela agora. Não posso tentar ficar bem com ela até ela estar pronta para tentar.

Mamãe insiste que todos tenhamos um pedaço de seu pão de *courgette* recém-assado, que me faz querer gritar: *Chama-se abobrinha, tá bom? Abobrinha!* Mas não grito nada. Se ela quer usar palavras europeias obscuras para tudo parecer melhor por viver aqui, então ela pode. Todos nós temos nossas próprias formas de lidar.

Volto para a porta dos fundos em direção à minha mesa, então caminho ao redor da lateral da casa e fico na calçada. Coloco as mãos nos bolsos e olho para a rua principal. Vejo algumas pessoas caminhando com seus cachorros ou conversando com os vizinhos, e até um cara começando a montar suas decorações de Natal. Escuto o ar. Não ouço nada. Nada.

Eles dizem: ...

Dizem: ...



Ellis ainda não fala comigo, e não estou muito certa do motivo.

Ela passa pela sala enquanto estou lá escrevendo meu diário do Projeto Sócrates. Ela não para e diz oi, mesmo que vá um pouco mais devagar como se fosse vir assistir TV. Faz com que eu me sinta como se devesse ir à sala silenciosa em vez dessa, porque essa é a única que temos, mas então imagino que se ela quer ver TV, ela pode vir e ver. Esqueço disso e volto a escrever.

“Onde está seu pai?”, mamãe pergunta.

Ela começa a se mover para a porta dos fundos e eu digo: “Acho que ele está limpando o banco para podermos construir uma nova casa de passarinhos”.

“Aquele na árvore está prestes a virar poeira. Precisa ser trocada.” Ela fica em pé e batuca na coxa, então se afasta.

Eu a vejo se afastar e percebo que talvez eu tenha mais em comum com Claire do que penso. Talvez bem no fundo ela não queira estar aqui também. Bem no fundo eu acho que sou mais esperta do que aqueles doze votos de NÃO na aula de Filosofia da semana passada. Eu usei Jeff Garnet como uma pessoa descartável – e ainda que tenha sido ideia da Kristina, eu ainda segui com isso, usando sua perna bamba irritante como desculpa. E, sério, quem se importa se o moleque tem perna bamba?



O jantar é às 3, e, como a tradição manda, todos nós subimos para os quartos e nos arrumamos um pouco. Papai coloca seu blazer de trabalho e uma camisa social com jeans, bem parecido com O Cara. Estou bem certa de que ele não está chapado também, o que é ótimo.

Mamãe coloca um terninho. Com saltos altos, claro.

Eu uso uma minissaia bacana que ganhei no Natal passado, meu suéter de gola rolê favorito e botas pretas. Nunca usei porque são um pouco pequenas para mim e machucam meus pés se eu tenho de andar com elas. Estou bem certa de que a última vez que as usei foi no Dia de Ação de Graças no ano passado.

Enquanto minha mãe destrincha o peru, papai serve as cenouras, milho, purê de batata e molho de carne em suas respectivas tigelas e eu encho os copos d'água com cubos de gelo.

Então Ellis chega na mesa de moletom. Tenho certeza de que ele está sujo. Ela tem meio que o cheiro do cesto de roupa suja. Não se oferece para ajudar e fica em seu banco enquanto o resto de nós faz coisas.

Quando o peru está na mesa e coberto com bastante molho, nós nos sentamos em nossas cadeiras e mamãe começa a brindar com sua taça de vinho erguida.

“À família”, ela diz. Ela lacrimeja na segunda sílaba da palavra *família*. Funga. “A todas as coisas a que somos gratos.”

Papai pigarreia e levanta a taça: “A um novo começo”. Ele assente para mim.

Eu levanto meu copo d'água: “Ao amor”, digo.

Nós todos olhamos para Ellis. Sua mão não está nem próxima do copo. Ela só está olhando para o espaço até ser hora de comer.

Mamãe diz: “Ellis”.

Ela se finge de surda.

Papai diz: “Ellis”.

Ela suspira e levanta o copo: “Este é à asneira”, ela diz.

E não posso evitar, rio tanto que a faço rir. E isso faz o pai e a mãe rirem também, nessa ordem.

“À asneira!” eu repito, e dou um gole d'água.

“À asneira!”

“À asneira.”



“Você tá fedendo”, digo a Ellis enquanto lavamos os pratos.

“Me esforcei”, ela diz.

“Cara. Nós temos muitos Dias de Ação de Graças pela frente. Por que não concordamos em fazê-los atípicos e bacanas em vez de uma droga?”

“Vai usar essas botas todos os anos?”

“Provavelmente. Por quê? Te incomoda?”

“Você me incomoda.”

“Droga. Está chatinha.”

“Estava brincando.”

“Precisa avisar a menina antes de se virar contra ela assim.”

“Estava brincando”, ela diz de novo enquanto passo a ela um prato molhado bem quente para ela secar.”

“Não, não estava”, digo. Ela remexe o prato e sopra os dedos.

Nós lavamos e secamos em relativo silêncio por um tempo. Eu finalmente vou às travessas – o suporte do peru e o fundo da assadeira – e as encho de água escaldante e deixo de molho na pia enquanto limpo a mesa da cozinha e a bancada.

“Vou me vestir”, Ellis diz.

“Que bom.”

Ela vai em direção às escadas.

“Sabe, você me irrita também. Eu só sou legal o suficiente para não mencionar”, digo.

“Acabou de mencionar.”

“Então estamos quites.”

Limpo o topo do fogão e tiro as tampas das bocas e esfrego meu pano de prato e o coloco sobre o descanso.

Mamãe e meu pai estão esparramados no sofá. Eu escolho não interromper e vou para a sala silenciosa e fecho a porta. Ligo o número da Dee.

Ela atende e diz: “Ei! Feliz Dia de Ação de Graças! Me conte tudo!”.

“Que tal, estou com saudades? Feito louca?”

“É um bom começo. Como seu pai e mãe estão lidando?”

“Foi tudo ok, acho.”

“Eles não te bateram com bengalas nem nada, bateram?”

“Mais ou menos.”

“Quê?”

“Não, Dee. Não me bateram com bengalas. Sério.”

“Ainda me ama?”

“Mais do que um piloto ama o controle aéreo, baby. Ainda me ama?”

“Mais do que amo um cochilo depois de comer muito peru.”



Depois de uma conversa de 20 minutos, eu verifico minhas louças de molho e encontro minha mãe atacando a assadeira com uma esponja.

“Eu ia fazer isso. Depois de deixar de molho.”

“Tudo bem. Você fez todo o resto. Pode relaxar.”

Papai está na sala com os olhos fechados, sua calça desabotoada e a TV ligada. Ellis está sentada ao lado dele, assistindo o que quer que esteja na TV. Eu decido que preciso ter uma conversa com meus passageiros porque tudo está diferente agora, então coloco meu casaco, echarpe e chapéu e agarro o cobertor de lã de trás do sofá.

Vou à mesa do piquenique e me deito enquanto meus olhos se ajustam ao brilho do céu das 4 horas. Eu forço um pouco a vista e procuro aviões.

Estão voando baixo, seguindo para o pequeno aeroporto regional. Estou bem certa de que um deles é um jato de dois motores. O outro é um avião militar. Eu me concentro no jato e mando

meu amor.

Tudo acabou funcionando bem até agora. Mesmo com meus pais. E talvez até com a Ellis.

O legal sobre os passageiros é que eles não podem dizer nada de volta. Não posso ver nenhum rosto cheio de decepção. Não posso ouvi-los dizendo coisas ruins sobre mim. Não posso ouvi-los me julgando por não querer dar sem receber, bem no Dia de Ação de Graças. Enfim, não é que eu queira meu amor de volta. Só estou desacelerando as coisas. Eles podem ter um pouco. Posso dizer “eu te amo!” quando vir um avião. Provavelmente sempre direi, mas não podem ter todo meu amor.

Tenho muitos usos para ele agora.

Estamos bem? Pergunto a eles. Vão ficar bem sem mim?



A porta dos fundos bate. O cobertor está quente e quando Ellis o levanta e o empurra com seu quadril, eu abro os olhos e digo: “Cara. Você está matando meu cochilo perfeito”.

“Quero saber o que você faz aqui fora”, ela diz.

“Hum... obviamente eu me deito aqui.”

“É. Mas por quê? Por que motivo?” Ela se aninha perto de mim e suga o calor de todo o cobertor. “Você sabe, a maioria das pessoas não fica por aí olhando o céu por horas a fio.”

“Não estou olhando o céu. Estou vendo os aviões.”

“Ah. Não sabia que você curtia tanto essa merda.”

Eu aponto para nosso quintal cheio de casas de passarinhos.

“Acho que é a liberdade que eles representam”, eu digo.

Ellis pausa.

“Não é como se você estivesse numa burca vivendo no norte da África ou que fosse, sabe, severamente oprimida.”

“Depende de como você vê, acho. Qualquer coisa pode ser falsa ou verdadeira se você virá-la de cabeça para baixo.

“Essa coisa de Filosofia está te deixando esquisita.”

“Talvez.”

“Então, que liberdade você vê nos pássaros, nos aviões e na mesa aqui? Liberdade de nós? Liberdade da escola?”

Não digo nada. Ela vai rir. E não posso confiar que ela não vai repetir para Claire, mas então percebo que essa é uma oportunidade. Ellis quer conversar e se eu não me abrir agora, posso não ter outra chance com ela.

“Promete que não vai contar ninguém *nunca*?”

Ela tira a mão debaixo do cobertor e aponta o dedinho pra mim. Eu dou o dedinho a ela. “Juramento de irmã.”

“Tá. Eu mando meu amor para eles porque não preciso dele aqui. Minha mãe nunca me amou, papai está ocupado demais fazendo outras coisas, e você não me ama porque nossa mãe te virou contra mim. Então, quando Dee apareceu, eu sabia que não poderia amá-la. Mesmo eu amando-a mais do que tudo, eu sabia que não teria permissão. Não da mamãe, não de Unity Valley. Não de você. Nem de ninguém.”

“Você não achou que precisava de amor aqui?”

“Certo.”

“E pela Dee você quer dizer Dee Roberts? Porque isso é totalmente novidade para mim.”

Eu percebo que não contei nada a Ellis ainda.

“Sim.”

“Uau. Eu não fazia ideia.”

“Estou feliz em saber que as linhas de fofoca de Unity Valley ainda estão desprezando o óbvio. Deus, achei que Aimee Hall estaria metida nisso.”

Ela estala a mão.

“Nunca mais diga esse nome.” Daí ela começa a soluçar, o que é desconcertante.

“Oi?”

Eu dou a ela um minuto para colocar a cabeça no lugar.

“Tem uma coisa que não te contei.”

“Então me conta”, digo.

Ela respira algumas vezes e se contém.

“Peguei Aimee Hall falando sobre você segunda-feira no almoço. Cheguei tarde, e ela estava dizendo o de costume, para a plateia de costume, sabe?”, ela começa. “Mas então ela disse que você tentou me beijar uma vez e que eu contei isso a ela, e eu estava bem lá, sentada. Então eu disse que isso nunca aconteceu e que era errado inventar merdas como essas.”

“Oh”, digo. Sério. *Idiotas existem*. Aí está um paradoxo para você.

“E em vez de dizer que ela estava brincando ou o que quer que seja, ela explodiu na frente de todo mundo na cantina e disse que eu falei *sim* aquilo e que eu estava mentindo.”

“Merda!”, eu digo. “Isso é pesado.”

“Espera só. Então eu disse que de jeito nenhum. Eu *saberia* se eu tivesse dito isso porque era sobre minha própria irmã e era errado dizer que você tentou fazer *qualquer coisa* comigo, e que você não era algum tipo de lésbica bizarra estupradora nem nada assim.”

“Ui.”

“Então ela disse que sim, que eu falei que você tentou me beijar, mas a verdade deve ter sido que você me beijou e eu gostei. Ela disse isso na frente de todo mundo, incluindo o pessoal do tênis e para quem quer que estivesse por ali nas mesas ao nosso lado. Ela disse que devia ser coisa de família e que provavelmente estávamos dormindo juntas e com uma mãe como a nossa era fácil ver por que escolhemos ser lésbicas.”

Tentei não rir da última parte, mas não consegui evitar.

“Desculpa”, eu disse. “Não estou rindo de você.”

“Fico feliz que consiga rir. Eu não consigo.”

“Cara, em uma semana vai ter passado, e Aimee Hall vai inventar uma nova história sobre outra pessoa. Você sabe.”

“Mas essa merda vai ficar! Tipo, Tim Huber provavelmente vai acreditar para sempre que você só namorou com ele porque sentia pena dele. Isso não magoa?”

“Algo me diz que Tim vai lembrar mais rapidinho, depois que terminou comigo, que eu comecei a namorar meninas, sabe? Uma hora ou outra, acho que a maioria das pessoas vai notar, quando você encontrar algum cara bonitinho, casar com ele e tiver um bando de filhos, que talvez você não seja gay e não esteja dormindo com sua irmã lésbica. Se eles acreditam em mentiras, então é problema deles, não seu.”

Eu a vejo olhando um avião. Acho que está mandando amor para ele.

“Sabe, na Grécia antiga, Aristófanes escrevia peças sobre as coisas que Sócrates era e as interpretava lá mesmo em Atenas. Nada cruel, certo?”

“Talvez pudéssemos fazer isso com Aimee Hall.”

Eu rio.

“Isso seria hilário”, eu digo.

“Podíamos transformar o quintal em uma casa de espetáculos nos finais de semana de verão e ter uma peça por noite.”

“Podíamos chamar de *Acredite em nada*”, digo.

“Você está lendo Platão demais, Astrid. Acho que deveríamos chamar de *Aimee Hall é uma lésbica em segredo que dormiu com todas as mães*. Aposto que isso vai atrair plateias maiores.

“Verdade”, eu digo. Estou vendo o mesmo avião que ela vê agora.

“Vai continuar mandando seu amor para eles?”, ela pergunta.

“Provavelmente um pouco.”

“Acabei de mandar e parece legal.” Ela está deitada lá, olhando para cima e eu estou olhando para a lateral de seu rosto. Costumávamos nos deitar assim quando crianças, quando mamãe e papai nos deixavam ter acampamentos de mentira na sala.

Ellis suspira.

“Estou oficialmente congelando.” Ela se senta e alonga as costas. “Vou sair daqui. Quer ver um filme juntas? *O Mágico de Oz*?”

“Com certeza”, digo com um sorriso. Esse é um grande progresso.



Quando os macacos voadores aparecem, Ellis ainda enrola os pés sob si mesma e agarra meu braço por segurança. É mais reconfortante do que muitas coisas em que consigo pensar agora. Na verdade, enquanto assisto a Bruxa Má do Oeste espiar em sua bola de cristal, percebo que é talvez a coisa mais reconfortante que já conheci.

Eu nos vejo velhas e enrugadas visitando uma a outra algumas vezes por ano e assistindo *O Mágico de Oz*, e Ellis agarrando meu braço quando aqueles macacos aparecem. Eu sempre farei com que ela se sinta segura.

“São só atores com roupas de macacos voadores”, eu direi.

O MOVIMENTO É POSSÍVEL

Antes da mamãe, papai e Ellis acordarem na manhã seguinte, estou na garagem amassando argila autossicante com uma lata de café e cortando em telhas redondas. Há esse desenho para fazer um pombal que papai e eu vimos no nosso livro de design há anos, mas nunca tivemos coragem de tentar antes. Não é um enorme pombal para pombas de fato, mas é grande e tem quatro andares para quatro famílias diferentes e esse telhado em formato de cone bem bacana, coberto com pequenas telhas feitas à mão. Então pensei em começar por aí.

É um dia fresco de verão, e imaginei que a argila secaria mais rápido no sol, então quando termino eu levo duas bandejas de telhas para minha mesa e as coloco lá.

Mamãe está na cozinha fazendo café quando entro pela porta dos fundos. Ela dá um pulo.

“Ai, meu Deus, eu não sabia que você estava acordada”, ela diz.

“Desculpa.”

“Quer café?”

Ela nunca me perguntou isso antes. Eu viro a cabeça e faço a mim mesma a pergunta. Eu quero café?

“Sim, por favor.”

“Ótimo. Vou fazer um bule grande.”

Ela se arrasta de volta para cima enquanto a cafeteira começa a borbulhar. Eu tomo um banho.

Verifico o telefone e vejo uma chamada perdida da Dee. Sem recado. Me jogo na cama de camiseta e calcinha e ligo de volta.

“Ligou?”

“Vai fazer alguma coisa hoje à noite?”

“Tô de castigo.”

“Ah. Isso significa que as pessoas podem te visitar?”

Eu digo: “Não sei. Por quê? Está planejando uma longa caminhada?”.

“Que tal às 3 da tarde?”, ela diz.

“Deixa eu perguntar e te ligo de volta?”

“Combinado.”



Tem café esperando por mim no balcão, extradoce e fraco. Minha mãe está na sala em seu roupão. Isso é novo. Dia de folga? Relaxamento?

“Seu pai está lá esperando por você”, ela diz.

“Bacana. E, hum, sei que estou de castigo, mas posso receber amigos aqui?”

“Claro. Acho. Quantos?”

Não entendo a pergunta dela inicialmente.

“Você disse *amigos*. Só estou curiosa.”

“Não. Quis dizer só uma amiga.”

“Tudo bem para nós”, ela diz.



Papai trabalha nos detalhes da porta e pisos internos, o que o faz xingar muito, mas ele finalmente resolve. Eu pinto com spray as telhas e então cubro com algumas camadas de verniz para proteger do clima. Quando paramos para o almoço, ligo para Dee e ela diz que vai estar aqui às 3.

Não consigo descobrir se conto para meus pais sobre a visita de Dee. Quero dizer, eu *deveria* contar a eles quem está vindo, não deveria? Mas preciso contar a eles que é minha namorada?



Terminamos a casa de passarinho antes das 3. Tenho tinta vermelha nos dedos e estou limpando com terebintina e pano quando escuto Dee estacionar. Reconheço aquele chocalho do motor do carro dela em qualquer lugar. Caminho pela entrada lateral para encontrá-la antes de ela chegar à porta da frente.

“Vem comigo. Estou só terminando aqui.”

Ela para e olha o quintal dos fundos.

“Nooooossa. É incrível.”

Eu cruzo os braços concordando.

“Quero dizer. Ouvi sobre casas de pássaros, sabe?”, ela diz. “Mas não tinha entendido que eram *assim*.”

“Sim. Somos esquisitos. Sabemos.”

Entro na garagem e volto para minha lata de terebintina e eu encho o trapo novamente e limpo o pano que sobrou. Dee olha ao redor e avista o pombal quase acabado no banco.

“Acabou de fazer isso?”

“É bacana, não é?”

“Não tinha ideia que você conseguia fazer essas coisas, Jones. *E* você é uma poeta e beija bem”, ela diz se aproximando e colocando a mão na minha cintura.

Pego a mão dela e a conduzo para a porta dos fundos até a mesa da cozinha, onde mamãe está sentada lendo a parte do final de semana do jornal. Papai aparece do lavabo, ainda secando as mãos em um papel toalha.

Ele aponta e diz: “Eu te conheço! Dee Roberts! *Mount Pitts*! Número 34!”.

Dee sorri.

“Oi, professor Jones.”

Eu sorrio timidamente e coloco meu braço nos ombros de Dee, respiro fundo e digo: “Gente, quero que conheçam minha namorada, Dee”.



Minha mãe podia ter sido mais legal. Meu pai podia ter sido menos idiota. Ellis podia ter pego seu bastão de hóquei e convidado Dee para o quintal para jogar uma bola. Em vez disso, eles nos deixaram em paz. Então agora estamos aqui.

“Qual é esse aí?”, ela pergunta, apontando.

“É um Cessna. Motor único. Provavelmente um 172. Belo dia para levar a família para um passeio.”

Ela ri.

“Acho que é o que você acabou de fazer.”

“Espero que eles aprendam a serem menos desajeitados.”

“Vão aprender. Não se preocupe”, ela diz. Ela agarra minha mão e a segura na dela.

Eu avisto um reflexo no céu – um 747 voando alto. Envio um pouco de amor para deixá-lo saber que estou aqui.



PASSAGEIRO #587

JESSICA KIMBALL, ASSENTO 2A

VOO #78

DE MINEÁPOLIS PARA FILADÉLFIA

Ela me coloca em um assento de janela porque dessa forma pode controlar quando eu vou ao banheiro e com quem eu falo. Nunca. E ninguém.

Sou sua prisioneira.

Minha própria mãe.

Sou sua prisioneira até ela me entregar ao acampamento. Acampamento gay. Acampamento de conversão. O que quer que ela queira chamar... é para onde vou.

Olho pela janela redonda do avião e me maravilho com as nuvens. São milagres em todas as direções. O azul do céu é tão profundo que eu queria ter um paraquedas e poder saltar nisso. Ou talvez... podíamos tirar o paraquedas. Abaixo das nuvens posso ver vagas cadeias de montanhas e florestas negras. Vejo um lago. Um prédio grande – algum tipo de enorme armazém que é visível daqui de cima.

Pergunto: *O que eles guardam em você, armazém? E posso saltar deste avião agora e trabalhar em você? Anonimamente. Sem pagamento. Eu faria qualquer coisa para sair deste avião antes de ser entregue.*

Um lago ainda maior aparece. Eu não tinha ideia de que a Pensilvânia tinha lagos. Tudo o que eu sabia sobre isso antes era que tinha meu pai, que é pior

do que minha mãe.

Lago, posso saltar em você, e você vai me manter segura debaixo d'água até eu poder escapar? Não há outras opções. Minha mãe disse.

"Não há nada que eu possa fazer", ela disse. "Vai ficar no acampamento até te consertarem."

Meu pai disse: "Sua mãe não te disciplinou corretamente. Essa gente vai".

Enrolo meu amor pela Marie numa bolinha mental. Enrolo num cobertor macio de flanela, quatro, dez, uma centena de vezes. Enrolo tão bem que nada pode machucá-lo. Daí, olho pela janela e por um cenário verde e marrom, jogo meu amor para quem estiver lá para mantê-lo seguro.

Talvez, se você pegar este amor, pode mantê-lo em segurança? Pergunto a eles. Talvez alguém aí embaixo saiba o que fazer com isso enquanto eu recebo uma lavagem cerebral de gente que me odeia?



Dee diz: "O quê?".

Tento pensar no que acabou de acontecer, mas não consigo explicar. Só sei que é um sentimento de amor enorme, impressionante, que aterrissou no meu coração, e tenho que mantê-lo seguro por um tempo.

"Nada", eu digo. "Não se preocupe com isso."

Fico com essa sensação. Uma sensação de sorte. Aperto a mão de Dee e a beijo na bochecha. Posso fazer isso agora. Posso fazer o que eu quiser.

Olho para o avião e envio meu amor.

Não se preocupe. Vou mantê-lo em segurança. Seja forte.

Copyright © 2012 A.S. King Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Título original: *Ask the Passengers*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

PUBLISHER

Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITORA

Silvia Tocci Masini

ASSISTENTES EDITORIAIS

Felipe Castilho

Carol Christo

REVISÃO

Tiago Garcias

Andresa Vidal Branco

CAPA

Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO

Christiane Moraes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

King, A.S.

Os dois mundos de Astrid Jones / A.S. King ; tradução Santiago Nazarian. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015.

Título original: *Ask the Passengers* ISBN: 978-85-8235-269-4

1. Ficção juvenil I. Título.

15-03465 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

A **Gutenberg** é uma editora do **Grupo Autêntica** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br